

O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO
DA LÍNGUA WAYAMPI

por

Cheryl Joyce S. Jensen

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística.

Este exemplar é a redação final da tese defendida por Cheryl Joyce S. Jensen e aprovada pela Comissão Julgadora em 11/06/84

Campinas

Prof. Abigail da Silva Rodrigues
Presidente

1984

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Agradecimentos

É impossível que alguém complete um trabalho deste tipo sozinho, pois este realmente é o resultado dos trabalhos feitos por muitas pessoas sobre línguas da família Tupí-Guaraní. Portanto, reconheço com gratidão aqueles que contribuíram com tanta generosidade neste trabalho.

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pelas forças físicas e a capacidade mental que facilitaram a realização deste trabalho. Agradeço a meu marido, Allen, pelo seu constante apoio e também pela sua ajuda em fazer os mapas necessários (Apêndice II), pois ele é meu colega mais íntimo no trabalho entre os Wayampi, e muito daquilo que aprendi até agora foi com sua colaboração. Agradeço também às minhas filhas, Naomi e Andrea, e aos meus pais por seu apoio moral.

Sou grata à Fundação Nacional do Índio pela autorização concedida para pesquisar a língua Wayampi 'in loco', ou seja nas aldeias junto ao P.I. Amapari, e pela ajuda dada pelos funcionários daquele posto.

Agradeço aos índios Wayampi em geral, e especialmente aos que me ensinaram a sua língua. Cito em particular os índios do dialeto do alto Jari que me ajudaram em Belém: Majawai, Kurikuri, Apua e Kurawa; e os da região do Amapari que me ajudaram a aperfeiçoar o meu conhecimento do seu dialeto: Matapi, Kuruari, Piriri, Araperu, Mikutu, Taruku, Jurara e Warakupirã (esta, falante do dialeto do alto Jari). Sou grata ao chefe Jasitu por sua hospitalidade. Agradeço também ao índio Apalaí, Jaké, por dados comparativos em Apalaí e Wayãna.

O DESENVOLVIMENTO HISTÓRICO DA LÍNGUA WAYAMPI

Resumo

Este trabalho visa a descrever aspectos da fonologia e morfologia da língua Wayampi dentro do quadro da família lingüística Tupí-Guaraní, dando atenção especial a mudanças nesta língua a partir de reconstruções fonológicas e morfológicas do Proto-Tupí-Guaraní. Foram utilizadas basicamente as reconstruções fonológicas propostas por Lemle (1971), com modificações sugeridas por Rodrigues (Capítulo 1). Procedeu-se a uma comparação sistemática das regras fonológicas do Wayampi com as do Tupinambá, formuladas por Rodrigues (Capítulo 2). As reconstruções morfológicas foram elaboradas pela autora, com base em dados comparativos de línguas representativas de vários sub-conjuntos da família Tupí-Guaraní (Capítulo 3). Para concluir, há uma discussão sobre a utilidade de um estudo diacrônico na descrição de uma língua atual (Capítulo 4).

Autora: Cheryl Joyce S. Jensen

Orientador: Aryon Dall'Igna Rodrigues

Devo profundos agradecimentos aos meus colegas lingüistas que se especializam em línguas Tupí-Guaraní:

aos meus colegas da língua Wayampi, Gary e Roberta Olson, que colocaram a minha disposição seus materiais lingüísticos, dos quais tirei muito proveito;

a Carl Harrison, que me deu minha primeira orientação na família lingüística Tupí-Guaraní;

a Miriam Lemle, cuja reconstrução do proto Tupí-Guaraní me incentivou a fazer este trabalho;

a Françoise Grenand pela sua análise do Wayampi da Guiana Francesa, bem como aos antropólogos Pierre Grenand e Dominique Gallois, cujos trabalhos ampliaram meu conhecimento sobre o mundo dos Wayampi;

e aos muitos outros lingüistas, trabalhadores em outras línguas, em cujas análises baseei minhas reconstruções.

Agradeço aos meus colegas que me ajudaram a preparar esta dissertação para ser impressa no computador.

Aos vários professores da UNICAMP devo meus agradecimentos pelos ensino, encorajamento e ajuda que me prestaram.

E, por último, ao meu orientador, Professor Aryon Dall'Igna Rodrigues, eu devo sinceros agradecimentos, pela orientação profunda sobre as línguas Tupí-Guaraní e as técnicas de reconstrução, por seus trabalhos sobre o Tupinambá, nos quais eu baseei o formato de meu trabalho, pelas informações valiosas que ele me deu em comunicação pessoal e pelas muitas horas passadas na leitura e na correção do meu trabalho.

Cheryl J. Jensen

Maio de 1984

ÍNDICE

Introdução	6
Capítulo I O Desenvolvimento Fonológico da Língua Wayampi	
I. Fonte de dados	8
II. Inventário de fonemas	9
III. Traços distintivos	10
IV. Regras de mudança	13
1. Queda de *č e *c	13
2. Espirantização de *t	13
3. Espirantização de *py	13
4. Formação de consoantes labializadas	14
5. Nasalização	14
6. Neutralização de *õ e *ũ	15
7. Queda de consoante no final de palavra	15
8. Neutralização de *ɓ com *w	16
V. Discussão	17
1. Enfraquecimento e queda dos fonemas *č e *c	17
2. O aparecimento do fonema /s/	19
3. A queda de consoantes finais	20
4. O problema de homônimos	23
5. Outras mudanças	24
6. Comparação com o Wayampi da Guiana Francesa	25
7. Consideração de uma estágio anterior do Wayampi	25
8. Avaliação do trabalho de Lemle	27
VI. Dados	33
Notas	42

Capítulo 2 Comparação de Algumas Regras Fonológicas do Tupinambá e do Wayampi	46
I. Distribuição dos alofones dos fonemas segmentais	46
1. Consoantes nasais	46
2. Palatalização	48
3. Ensurdecimento	48
4. Semivogais	50
5. Acento Nasal	52
II. Restrições na distribuição dos fonemas segmentais	52
III. Algumas regras fonológicas (morfofonêmicas)	54
1. Nasalização de consoante surda	54
2. Nasalização do acento	56
3. Epêntese de /t/	57
4. Espirantização de consoantes labiais	58
5. Simplificação de sequência consonantal	59
6. Queda de oclusiva glotal	61
7. Assimilação vocálica	62
8. Nasalização para a direita de consoante sonora	63
9. Nasalização de /r/	64
10. Supressão de acento	64
11. Assilabação	65
12. Elisão de vogal baixa	66
13. Nasalização para a esquerda de consoante sonora	67
14. Inserção de /y/	68
15. Inserção de /t/	68
16. Epêntese de /i/	70
17. Ditongação	71
18. Absorção de /i/	72

19. Inserção de /w/	73
Notas	74
Capítulo 3 O Desenvolvimento Morfológico do Wayampi	75
I. Prefixos relativos com referência ao contexto gramatical	75
1. *ot	75
2. *yet	76
3. *yo+	76
4. *(c+ ~ yoc+) ∅ t+ ∅ (i+ ~ yo+) ∅ ∅	78
5. *r+ ∅ ∅	82
II. Prefixos relativos com referência ao contexto pragmático	82
6. *oro+	82
7. *opo+	83
8. *t+ ∅ m+ ∅ ∅ ∅ (V-> ∅)	86
III. Prefixos pessoais	86
9. *at ∅ wi+	86
10. *eret ∅ e+	87
11. *oro+	89
12. *pe+	89
13. *yat, *ti+	89
14. *o+	91
IV. Sufixos flexionais casuais	91
15. *+a ~ ∅	91
16. *+amo ~ +ramo	93
17. *+pe	94
18. *+βo	95
19. *+i	95

V. Sufixos modais	96
20. *+áβo ~ +ta ~ +a	96
21. *+i ~ +w	99
22. *+VmV ~ +rVmV	100
23. *∅	101
24. *∅	101
VI. Prefixos derivativos	101
25. *emi+	101
26. *mo+	102
27. *ero+ ~ ro+	102
VII. Sufixos derivativos endocêntricos	103
28. *+wačú ~ +učú	103
29. *+?í	104
30. *+e?ɣm	105
31. *+iwár, +iwán	106
VIII. Sufixos derivativos exocêntricos	106
32. *+ár ~ +cár ~ +tar	106
33. *+áβ ~ +cáβ ~ táβ	107
34. *+βór	109
35. *+pír	110
36. *+cwér	110
37. *+Da?é	110
38. *+cwár	112
IX. Reduplicação	112
39. *Reduplicação monossilábica	112
40. *Reduplicação dissilábica	113
X. Raizes	114
XI. Conclusões morfológicas	116

XII. Discussão	117
1. Reorganização do sistema de prefixos verbais	117
2. Perda de sufixos verbais	120
Notas	122
Capítulo 4 Conclusões	124
I. Vantagens de um estudo diacrônico	124
1. Na elicitação	124
2. Na comparação	125
3. Na interpretação	128
II. Características principais do Wayampi	130
1. Mudanças fonológicas	130
2. Mudanças morfológicas	131
3. Mudanças com motivação externa	132
Apêndices	
I. Dados de Coudreau (1892)	133
II. Isoglossas	136
III. Mapas: As migrações dos Wayampi.	145
IV. Correlação dos morfemas destacados por Grenand (1975)	148
V. Paradigmas verbais	152
VI. Textos Wayampi	163
Bibliografia	175

Introdução

A língua Wayampi (Oiapí, Oyampi, Wajapí), objeto desta dissertação, é falada por aproximadamente 650 índios, no território do Amapá e na Guiana Francesa. O dialeto da Guiana Francesa, falado por aproximadamente 400 índios, foi objeto de estudo de Françoise Grenand (1975). No Brasil há dois grupos de Wayampi: um de aproximadamente 12 pessoas originárias do rio Cuc, e mais recente, do alto rio Jari; outro grupo, de mais de 200 pessoas, que habita a região do rio Amapari. A língua Wayampi pertence à família Tupí-Guaraní, que faz parte do tronco Tupí (cf. Rodrigues, 1983). Os dados para esta dissertação foram coletados em duas épocas: em 1981, em Belém com falantes do dialeto do alto Jari que aí se encontravam temporariamente; e em 1983 e 1984, no Posto Indígena Amapari, com falantes do dialeto do Amapari e também do alto Jari. Além disto tive acesso aos trabalhos feitos por Gary Olson e a sua esposa Roberta sobre o dialeto dos Wayampi do alto Jari.

Tomei por objetivo descrever a fonologia e a morfologia do Wayampi, especialmente dos dialetos brasileiros, dentro do quadro da família Tupí-Guaraní. Para a parte fonológica (Capítulo 1) segui o modelo gerativo, aproveitando os traços que melhor descrevem os inventários de fonemas do Proto-Tupí-Guaraní (cf. Lemle, 1971) e dos dialetos brasileiros do Wayampi. Depois disto, discuti aspectos da fonologia sincrônica (Capítulo 2) do Wayampi, isto é, da alofonia e da morfofonologia, a partir do esquema proposto por Aryon D. Rodrigues para a língua Tupinambá (1981).

Para elaborar a parte morfológica (Capítulo 3), foi necessário fazer uma reconstrução de vários morfemas gramaticais. Dados do Wayampi foram coletados a partir dos morfemas descritos para o

Tupinambá por Rodrigues (1981). Esses foram comparados com morfemas de outras línguas da família para poder reconstruir os proto-morfemas. Os vários aspectos da morfologia não foram necessariamente destacados em outras línguas por outros lingüistas da mesma maneira que Rodrigues os destacou para Tupinambá. Conseqüentemente, foi necessário examinar bem os dados das outras línguas e interpretar as explicações fornecidas pelos respectivos analistas para determinar se se tratava da mesma situação, isto é, se a reconstrução poderia descrever os dados ou um estágio anterior dos dados.

Procurei mas não encontrei um modelo equivalente ao da parte fonológica, que fosse adequado para fazer uma descrição das mudanças diacrônicas da morfologia. Conseqüentemente foi necessário desenvolver um sistema próprio para esta descrição.

Para concluir há uma discussão (Capítulo 4) sobre a utilidade de um estudo diacrônico na descrição de uma língua atual.

Capítulo 1

O Desenvolvimento Fonológico da Língua Wayampi

A primeira etapa deste trabalho abordará as mudanças fonológicas que teriam ocorrido no processo do desenvolvimento da língua Wayampi a partir do Proto-Tupí-Guaraní. A reconstrução da língua Proto-Tupí-Guaraní foi feita por Miriam Lemle (1971) através da análise de palavras semelhantes em línguas dessa família, considerando também os processos naturais que ocorrem na história das línguas. As línguas que Lemle usou no seu trabalho foram o Asuriní do Tocantins, o Guajajára, o Guaraní, o Guarayo, o Kamayurá, o Kokáma, o Parintintín, o Sirionó, o Tupinambá e o Urubú. Dessas línguas a mais conservadora e, em certo sentido, mais próxima da proto-língua é o Tupinambá.

I. Fonte de dados

As fontes de dados Wayampi usadas neste capítulo são os trabalhos de Gary Olson (1975 e 1978) e de Roberta Olson (1978) e o vocabulário de Coudreau (1892). Outros vocabulários históricos, como os de Moura (1932) e de Rondón e Faria (1948), não foram consultados por serem muito restritos. Os dados do Wayampi atual foram verificados e ampliados através de contato direto com falantes dos dois dialetos brasileiros, isto é, do alto Jari e do Amapari.

Além do trabalho de Lemle (1971), em que este capítulo se baseia, foram incluídos dados de outras línguas da família fornecidos por Rodrigues em comunicação pessoal. Dados de línguas não-Tupí

foram fornecidos por Jaké Apalaí (Apalaí e Wayána), Joy Tobler (Karipuna) e Diana Green (Palikúr).

II. Inventário de fonemas

Proto-Tupí-Guaraní:	p t k m n ŋ β r ʧ ^l c ? w y
	i e ɨ a o u ɪ ẽ ɸ ǣ ɔ̃ ũ
Wayampi do Alto Jari:	p t k k ^w m n ŋ ŋ ^w r s h ? w y
	i e ɨ a o u ɪ ẽ ɸ ǣ ũ
Wayampi do Amapari:	p t k k ^w m n ŋ ŋ ^w β r s ? w y
	i e ɨ a o u ɪ ẽ ɸ ǣ ũ

Notam-se as seguintes diferenças:

1. O Proto-Tupí-Guaraní tem os fonemas /ʧ, c, ɔ̃/ que o Wayampi não tem.
2. O fonema /β/ desapareceu no Wayampi do alto Jari.
3. A língua Wayampi tem os fonemas /s, k^w, ŋ^w/ que o Proto-Tupí-Guaraní não tem (neste, k^w e ŋ^w foram considerados seqüências de fonemas).
4. O dialeto do alto Jari tem o fonema /h/ que nem o Proto-Tupí-Guaraní, nem o dialeto do Amapari têm.

Wayampi do alto Jari

Segmentos não silábicos (C):

	p	t	k	k ^w	m	n	ŋ	ŋ ^w	r	s	h	ʔ	w	y
silábico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
consonantal	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-	-
vozeado	-	-	-	-	+	+	+	+	+	-	-	-	+	+
nasal					+	+	+	+	-					
contínuo	-	-	-	-					+	+	+		(+)	(+)
posterior	-	-	+	+	-	-	+	+						
labial	+	-	-	+	+	-	-	+					+	-

Segmentos silábicos (V):

	i	e	ɨ	a	u	o	ĩ	ẽ	ĩ	ã	ũ
silábico	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
nasal	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+
posterior	-	-	+	+	+	+	-	-	+	+	+
labial				-	-	+	+		-	-	+
alto	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	(+)

Wayampi do Amapari

Segmentos não silábicos (C):

	p	t	k	k ^w	m	n	ŋ	ŋ ^w	β	r	s	ʔ	w	y
silábico	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
consonantal	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	-	-	-
vozeado	-	-	-	-	+	+	+	+	+	+	-	-	+	+
nasal					+	+	+	+	-	-			(-)	
contínuo	-	-	-	-					+	+	+		(+)	(+)
posterior	-	-	+	+	-	-	+	+						
labial	+	-	-	+	+	-	-	+	+	-			+	-

Segmentos silábicos (V):

	i	e	ɛ	a	u	o	ĩ	ẽ	ɨ	ã	ũ	
silábico	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	
nasal	-	-	-	-	-	-	+	+	+	+	+	
posterior	-	-	+	+	+	+	-	-	+	+	+	
labial				-	-	+	+			-	-	+
alto	+	-	+	-	+	-	+	-	+	-	(+)	

IV. Regras de Mudança

1. Queda de *č e *c

$$\begin{bmatrix} - \text{sil} \\ + \text{cont} \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset$$

(83)² *yačítata → /yáitata/ 'estrela'

(84) *iče → /ie/ 'eu'

(140) *píca → /pía/ 'noite'

(195) *kwaraci → /k^waraí/ 'sol'

2. Espirantização de *t

$$\begin{bmatrix} + \text{cons} \\ - \text{voz} \\ - \text{post} \\ - \text{lab} \end{bmatrix} \rightarrow [+ \text{cont}] / \text{---} \begin{bmatrix} + \text{sil} \\ - \text{post} \\ + \text{alt} \end{bmatrix}$$

(51) *atī → /asī/ 'chifre'

(56) *kwati → /k^wasi/ 'quati'

(162) *poti?a → /posi?a/ 'peito'

(128) *aβati → /aβasi/ (WA) 'milho'
/awasi/ (WJ)

3. Espirantização de *py³

$$\begin{bmatrix} + \text{cons} \\ - \text{voz} \\ - \text{cont} \\ + \text{lab} \end{bmatrix} \begin{bmatrix} - \text{sil} \\ - \text{cons} \\ + \text{voz} \\ + \text{cont} \\ - \text{lab} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} + \text{cons} \\ - \text{voz} \\ + \text{cont} \\ - \text{lab} \end{bmatrix}$$

(208) /epyak/ → /esa/ 'ver'

4. Formação de consoantes labializadas

$$\left\{ \begin{array}{l} [+ \text{ cons}] \\ [+ \text{ post}] \\ [+ \text{ cons}] \\ [+ \text{ lab}] \end{array} \right\} \left[\begin{array}{l} - \text{ sil} \\ - \text{ cons} \\ + \text{ lab} \end{array} \right] \rightarrow \left[\begin{array}{l} + \text{ cons} \\ + \text{ post} \\ + \text{ lab} \end{array} \right] / \text{---} \left[\begin{array}{l} + \text{ sil} \\ \langle + \text{ ace} \rangle \end{array} \right]^4$$

- (9) *pwar → /-k^wa/ 'amarrar'
- (173) *pwer → /k^we/ (WJ) 'pretérito'
/k^wer/ (WA)
- (195) *kwaraci → /k^warat/ 'sol'
- (8') *teminway → /temin^way/ 'empregado, servente'
- (56) *kwati → /k^wasi/ 'quati'
- (150) *ka^wer → /ka^we/ (WJ) 'osso'
/ka^wer/ (WA)

5. Nasalização

$$V \rightarrow [+ \text{ nasal}] / \text{---} \left[\begin{array}{l} + \text{ cons} \\ + \text{ nas} \end{array} \right] \left\{ \begin{array}{l} + \\ \neq \\ \# \end{array} \right\}^5$$

- (30) *tiŋ → /sĩ/ 'branco'
- (54) *aman → /amã/ (WJ) 'chuva'
[amã̃] (WA)
- (129) *akim → /akĩ/ 'molhado'

No Wayampi do alto Jari e, parcialmente, no do Amapari, após esta regra aplica-se outra, a de número 7, que remove as consoantes (nasais) finais.

6. Fusão de *õ e *ū

$$\begin{bmatrix} + \text{sil} \\ + \text{post} \\ + \text{lab} \\ + \text{nas} \end{bmatrix} \longrightarrow [+ \text{alto}]$$

- (5) *amõ → /amū/ 'algum, outro'
 (131) *manõ → /manū/ 'morrer'
 (37) *yū → /yū/ 'campo'
 (112) *apekū → /apekū/ 'língua'

7. Queda de consoante no final de palavra

No Wayampí do alto Jari:

$$[+ \text{cons}] \longrightarrow \emptyset / \text{ ___ } \#$$

- (47) *ɨβak → /ɨwa/ 'céu'
 (38) *ɨar → /ɨa/ 'canoa'
 (9) *pwar → /-k^wa/ 'amarrar'
 (54) *aman → /amã/ 'chuva'
 (33) *akaŋ → /akã/ 'cabeça'
 (19) *kaβ → /ka/ 'banha'

No Wayampí do Amapari:

$$[+ \text{cons}] \longrightarrow \emptyset / \text{ ___ } \#$$

]- subst.

- (9) *pwar → /-k^wa/ 'amarrar'
 (30) *tiŋ → /sī/ 'branco'
 (50) *etun → /etū/ 'cheirar'

$$\begin{bmatrix} +\text{cons} \\ +\text{lab} \\ +\text{cons} \\ -\text{voz} \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / _ \# \quad]+\text{subst.}$$

- (47) *iβak → /iβa/ 'céu'
 (62) *čam → /ã/ 'corda'
 (19) *kaβ → /ka/ 'banha'
 (38) *iar → /iar/ 'canoa'
 (54) *aman → /aman/ 'chuva'
 (33) *akaŋ → /akaŋ/ 'cabeça'

8. Fusão de *β com *w

(Aplica-se somente ao Wayampí do Jari)

$$\begin{bmatrix} -\text{sil} \\ +\text{voz} \\ -\text{nas} \\ +\text{lab} \end{bmatrix} \rightarrow [-\text{cons}]$$

- (47) *iβak → /iwa/ 'céu'
 (101) *aβa → /awa/ 'quem'
 (128) *aβati → /awasi/ 'milho'
 (148) *yawar → /yawa/ 'onça'
 (158) *wira → /wira/ 'pássaro'

V. Discussão

1. Enfraquecimento e queda dos fonemas *č e *c

Na história da família Tupí-Guaraní os fonemas *č e *c freqüentemente se enfraqueceram da seguinte maneira: č > c > s > h > Ø. A conservação ou a fusão dos dois protofonemas e a manifestação atual deles são duas das características usadas por Rodrigues (1983) para delimitar sub-conjuntos provisórios dentro da família Proto-Tupí-Guaraní. Segundo Hyman (1975:168), esse caso de enfraquecimento é freqüentemente atestado nas línguas do mundo.

Além da queda geral desses fonemas em Wayampi, permanece alguma evidência de dois estágios anteriores (/s/ e /h/). O /h/ é conservado no Wayampi do alto Jari somente no prefixo relativo (4) com substantivos monossilábicos da Classe II (cf. pág. 78):

h+a	'plumagem dele'
h+e	'nome dele'
h+o	'folha dela (da árvore)'
h+äy	'dente dele'

Ainda que a conservação do fonema /h/ se restrinja às ocorrências de um só morfema, o condicionamento é unicamente fonológica, pois essas ocorrências constituem a totalidade dos casos em que o fonema /h/ aparece no ambiente #h-V(y)≠. A conservação do /h/ no Wayampi do alto Jari não é um caso isolado, pois este é conservado no mesmo ambiente (com temas monossilábicos) na língua Tapirapé (Almeida, 1983:12).

O /s/ é conservado em várias palavras (nos dois dialetos). Fatores que parecem contribuir para a sua conservação são:

1. O /s/, onde é conservado, provém de *č. Num certo ponto haveria uma fusão de *č e *c, com poucos morfemas escapando e sendo deixados para trás no processo de enfraquecimento. Por exemplo:

$$\begin{array}{l}
 *č \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \check{c} \rightarrow s \\ c \\ *c \end{array} \right\} \text{(fusão)} \rightarrow h \rightarrow \emptyset \\
 \text{OU} \\
 *č \rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \check{c} \rightarrow c \rightarrow s \\ c \\ *c \end{array} \right\} \text{(fusão)} \rightarrow s \rightarrow h \rightarrow \emptyset
 \end{array}$$

2. O *č no início de morfema resistiria ao enfraquecimento, sobretudo no ambiente V?V:

- (130) *ču?u → su?u 'morder'
 (1') *čo?o → so?o 'veado'
 (209) *čoβi → soβɨ, sowɨ 'verde ou azul'

3. O *č entre duas vogais iguais resistiria ao enfraquecimento:

- *ačaβ → asa 'passar, atravessar'
 *uču → usu 'grande'

4. Vários casos de /s/ teriam sido reintroduzidos em Wayampi por contato com a Língua Geral Amazônica (Nheengatú) (sugestão de Rodrigues, em comunicação pessoal):

- (85) L.G. kisé → kise 'faca'
 (140d) L.G. pisayé → pisaye 'meia noite'
 L.G. wasú → wasu 'grande' (cf. pág. 103)
 L.G. usú → usu 'grande'

As palavras kise e pisaye são antigas, consideradas palavras "dos avós" e geralmente não usadas na fala corrente.⁶

2. O aparecimento do fonema /s/

Apesar das africadas *č e *c do Proto-Tupí-Guaraní serem os fonemas mais próximas foneticamente da fricativa /s/ do Wayampi, elas contribuíram de maneira muito diminuta para as ocorrências desse último. Como ficou dito na página anterior, apenas algumas poucas ocorrências de /s/ provêm de *č, como aparentes exceções à Regra 1, sendo algumas outras empréstimos da Língua Geral.

A fonte principal de /s/ no Wayampi foi a espirantização de *t antes da vogal /i/, Regra 2:

(56) *kwati → /k^wasi/ 'quati'

(138) *tī → /sī/ 'nariz'

Outra fonte foi a espirantização da seqüência *py, Regra 3:

(208) *epyak → /esa/ 'ver'

Além das palavras oriundas dessas fontes proto-tupís, o Wayampi ainda tem o segmento /s/ em palavras que não provêm do Proto-Tupí-Guaraní, mas que foram emprestadas de línguas não-tupís:

(163) /susu/ 'seio' (Wayâna, /susu/)

(188) /sautu/ 'sal' (Apalaí, /sautu/;
Wayâna, /sautu⁷;
Holandês, /zaut/)

(2') /saa/ 'terçado' (Karipuna, /sab/;
Francês, /sabrə/)

(3') /suu/ (WJ) 'açucar' (Karipuna, /suk/;
Palikur, /suku/;
Francês, /sükra/)

(6') /aresi/ (WJ) 'arroz' (Francês, /ris/)

3. A queda de consoantes finais

A queda de consoantes no final de morfema é completa no Wayampi do alto Jari. Conseqüentemente, não há indicação interna sobre o mecanismo de tal queda. Porém no dialeto do Amapari podemos ver que a queda foi gradual, e ainda não está completa.

Consideremos os seguintes dados dos dois dialetos (reconstrução de palavras do Proto-Tupí-Guaraní por Rodrigues):

Proto-Tupí-Guaraní	Amapari	Jari	
(a) Temas verbais			
(9) *pwar	'amarrar'		
*ayopwâr	aokwa	aokwa	'amarrei'
*n ayopwâri	naokway	naokway	'não amarrei'
	naokwariße		'ainda não amarrei'
(35) *?ar	'cair'		
*a?âr	a?a	a?a	'caí'
*n a?âri	na?ari, na?ay	na?ay	'não caí'
(50) *etun	'cheirar'		
*acetûn	aetû	aetû	'cheirei'
*n acetûni	naetûy	naetûy	'naõ cheirei'
(76) *ker	'dormir'		
*akêr	ake	ake	'dormi'
*n akêri	nakeri, nakey	nakey	'não dormi'
(109) *momor	'jogar'		
*amomôr	amomo	amomo	'joguei'
*n amomôri	namomori, namomoy	namomoy	'não joguei'

(215) *ur	'vir'			
*oúr		uu	uu	'veio'
*n oúri		nonuri	nonuy	'não veio'
*potar	'desejar'			
*apotár		apota	apota	'quis'
*n apotári		napotari, napotay	napotay	'não quis'
(b) Temas nominais				
(32) *kwar		kwa	kwa	'buraco'
*n ikwári		nikwari, nikway	nikway	'não tem buraco'
(90) *potár	'flor'			
*ipotár		ipotár	ipotí	'flor dela'
*n ipotári		nipotári	nipotíy	'não tem flor'
(123) *men	'marido'			
*imén		imen	imē	'marido dela'
*n iméni		nimeni(βe)	nimēy(we)	'(ainda) não tem marido'
*po?ír	'missanga'			
*ipo?ír		ipo?ír	ipo?í	'missanga dele'
*n ipo?íri		nipo?íri	nipo?íy	'não tem missanga'
(33) *akaŋ	'cabeça'			
*iakaŋ		iakaŋ	iakã	'cabeça dele'

Podemos fazer as seguintes observações sobre o mecanismo da queda de consoante final no Wayampi do Amapari:

1. Certas consoantes caíam antes de outras. No dialeto do Amapari os morfemas mantendo consoante final terminam em /r/, /n/ ou

/ŋ/. Essas consoantes compõem uma classe de [+ voz, - lab]. Esta situação é semelhante à do Guarayo, cujo único segmento consoantal final é /r/ (Lemle, 1971:110-112).

2. A queda de uma determinada consoante é condicionada pelas classes de palavras. Nesses dados do Wayampí do Amapari, podemos ver que as palavras em que não se dá a queda no final de palavra são os substantivos. Este caso é exemplo da necessidade de condicionamentos gramaticais na análise fonológica. Condicionamentos deste tipo também são incluídos em regras propostas para as línguas finlandesa e Maori (Hyman 1975:180,184).

3. A consoante no final de morfema não cai logo quando esse morfema é sufixado. O processo é gradual, com um período de coexistência de duas formas, a forma antiga e uma forma nova construída por analogia a outros morfemas que não têm consoante final:

	Afirmativo	Negativo	
I	[aata	n-aata-y	'andei; não andei'
	[a?ar	n-a?ar-i	'caí; não caí'
II	[aata	n-aata-y	
Regra 7	[a?a	n-a?ar-i	
III	[aata	n-aata-y	
Analogia	[a?a →	n-a?a-y	

Essa situação é consistente com observações feitas sobre a mudança analógica de verbos originalmente fortes em inglês. Segundo Bynon (1977:35), "the process can be shown to have been a gradual one, with weak forms first developing and being used alongside the strong ones over a period and eventually supplanting them".

- (163) *kam → kã 'seio'
- (150) *kaŋ 'osso'
- (150d) *kaŋ + wer → 'osso retirado do corpo'
- kaŋwer (WA) 'osso'
- (94) *ʔa → ʔa 'fruta'
- (52) *ʔak → ʔa 'chifre' (menos comum)
- (51) *atĩ → asĩ 'chifre' (mais comum)
- (34) *ʔa 'cabelo'
- (34d) *apir ≠ ʔaŋ 'cabelo do couro cabeludo'
- apira 'cabelo'

Outro recurso para evitar homonímia é a substituição por outro alomorfe da mesma raiz verbal:

- *a+yur → a+yo 'eu vim' (cf. pág. 153)
- *a+yub → a+yu 'eu estou (morando)' (cf. pág. 160)

5. Outras mudanças

Certas mudanças naturais podem ser observadas em casos isolados.

Um caso que merece ser observado é o de metátese:

- (200) /cikɨye/ → (kicɨye) → /kɨye/ 'temer'

O Guaraní /kihiye/ dá evidência da forma intermediária.

Outro caso que merece ser observado é a nasalização de /k/ no final de morfema de duas palavras no dialeto do Amapari:

- *pák → paŋ 'paca'
- *iβák → iβaŋ 'céu'

Esta mudança corresponde a uma mudança mais extensiva nas línguas Asuriní e Tapirapé (cf. Rodrigues, 1983:10,21).

6. Comparação com o Wayampi da Guiana Francesa (Oiapoque)

Os resultados a que chegou Françoise Grenand sobre a fonologia do Wayampi da Guiana Francesa são muito semelhantes aos resultados a que cheguei com o Wayampi do alto Jari. Nesses dois dialetos há a queda completa de consoantes finais. Há também fusão de /β/ e /w/. Porém no Wayampi da Guiana Francesa há as seguintes diferenças:

1. Não há fusão entre /ɔ/ e /ũ/.
2. Não há ocorrência de /h/.
3. A consoante /r/ tem a realização fonética [l]. (Essa mudança reflete a influência do Wayâna e não tem conseqüências sérias em relação ao sistema fonológico.)⁹

7. Consideração de um estágio anterior do Wayampi

Os dados de Coudreau (1892) dão uma oportunidade de comparar o Wayampi atual com um estágio anterior (1887-1891).¹⁰ Esses dados têm que ser interpretados, pois são escritos na ortografia da língua francesa. Na introdução do livro, Lucien Adam fez algumas observações sobre as diferenças entre os dados do Wayampi e os do Guaraní e do Tupinambá. Entre suas observações (Coudreau, 1892:6-7) estão as seguintes:

"B é freqüentemente substituído por W, OU, O, U" /w/ (cf. Apêndice I). Os ambientes são justamente aqueles em que /w/ ocorre agora no Wayampi do alto Jari (Regra 8). A observação de Adam sugere que a fusão de /β/ e /w/ ainda era parcial naquela época. Porém, a situação não está clara, por causa das várias maneiras em que esse(s) son(s) foi/foram registrado(s), incluindo w, ou, o, u e v. Ainda há a possibilidade de que Coudreau não tenha percebido o

contraste entre a fricativa bilabial e a semivogal, e assim não o tenha registrado. No final de palavra aparece o alofone [p] do *β, o qual poderia ser alofone de /β/, se este ocorresse, ou senão de /p/ ou de /w/.

"S, C, CH substituem freqüentemente T" (/s/). Nos dados, o ambiente coincide com a regra 2 de espirantização. Adam não deu exemplos da ocorrência de ch.

"Os casos de aférese e de síncope são numerosos." Incluem-se nos dados exemplos da queda de *č e *c (Regra 1).

Além destas observações feitas por Adam, os vocabulários de Coudreau dão evidência da ocorrência das regras 3 e 4.

A evidência da regra 6 não é tão clara como a das outras regras. Não se acham exemplos de oun na última sílaba de palavras, onde representaria /ū/. Para as palavras que terminariam em *ō ou *ū, a transcrição é, inconsistentemente, ou ou on. Para interpretar isso, é necessário considerar que não existe no francês o som /ū/. A inconsistência entre os protofonemas e a transcrição nos leva a sugerir que a fusão já teria acontecido. Pode ser que Coudreau não conseguisse ouvir, juntamente, os dois traços [+ alto] e [+ nasal], tendo por isso registrado apenas um em cada caso. Outra possibilidade é que os casos de ou representem erro tipográfico devido à leitura de n manuscrito como sendo u. Nesse caso, todas as formas teriam sido registradas de uma só maneira.

Os vocábulos de Coudreau nos mostram que os processos descritos pelas regras 5 e 7 são os mais recentes, os quais teriam ocorrido nos últimos 90 anos. Há bastante evidência nesses vocábulos da presença de consoantes finais. Coudreau escreveu os fonemas /n/, /m/ e às vezes /r/ na posição final como ne, me e re. Esse método de

escrevê-los reflete o fato de que na ortografia francesa, ne, me e re são representações ortográficas de n, m e r no final de palavra. Oclusivas surdas são registradas simplesmente como c, p e t. As duas últimas seriam alofones dos fonemas *β e *r, que sofreram ensurdecimento no final de palavra (cf. pág. 48). O fato de ter duas maneiras de escrever o r final, isto é, re e t, poderia ser explicado de várias maneiras: Primeiro, o ensurdecimento poderia ser opcional. Segundo, alguns casos de *r poderiam ser reanalisados como ocorrências do fonema /t/. Finalmente, o fato de que a maioria dos dados terminados em t são verbos enquanto os terminados em re são substantivos sugere a possibilidade de que re não representava na escrita de Coudreau [r] mas também [rə], e que o sufixo de caso nominal (cf. pág. 91) ainda existia naquela época. Isso seria consistente com os dados atuais do Wayampí do Amapari, em que o sufixo de caso nominal é conservado. Essa interpretação poderia explicar dados de Coudreau (1892:89) como tatu rênawe 'lugar do tatu', que seria *r+ent+αβ+ta resultando em renawə, e não *r-en-αβ, resultando em renap.

8. Avaliação do trabalho de Lemle

A validade da reconstrução feita por Lemle (1971) pode ser vista na consistência com que os dados do Wayampí, uma língua praticamente desconhecida no tempo da reconstrução, podem ser derivados a partir das formas reconstruídas para o Proto-Tupí-Guaraní. Há poucos dados que dão problemas para o Wayampí e que devem ser mencionados:

(206) *pwã-pě 'unha'. As formas poapě do Guaraní Antigo e Guarayo e poapé do Guajajara, que correspondem à do Wayampí, levaram Rodrigues (comunicação pessoal) a sugerir uma nova reconstrução:

(206r) *poapě. Neste caso a forma do Wayampi seria regular, apenas com a mudança o → ũ em ambiente de nasalização [pũãpě].

Outra possibilidade seria uma regra de silabação:

(206) *pwã-pě → puãpě 'unha'

(191) *pwerab → puera 'sarar'

Uma regra de silabação é necessária, pelo menos para dar conta de puera. Neste caso, /pw/ não foi atingido pela regra 4 por não estar numa sílaba originalmente acentuada. A silabação poderia ter acompanhado o deslocamento de acento (cf. pág. 29).

No trabalho morfológico que segue, fica evidente que a produtividade dos processos fonológicos aqui descritos vai além da lista de vocábulos usada por Lemle.

Atualmente Rodrigues vê a necessidade de mudar a reconstrução em dois aspetos:

1. Reconstruir dois fonemas, *c e *č, em vez de só *c para dar conta dos dados atuais do Guaraní. Essa mudança foi incorporada no meu trabalho.

2. Reconstruir dois fonemas, de acento oral e acento nasal, que se realizariam na vogal acentuada, e registrar apenas seis vogais em vez de doze. Isso parece ser mais consistente com o comportamento das línguas Tupí-Guaraní, pois a nasalização afeta o morfema inteiro e não apenas a vogal.

A reconstrução de dois fonemas de acento exigiria a mudança de alguns traços distintivos, e isso, conseqüentemente, afetaria uma regra do Wayampi:

Proto-Tupí-Guaraní e Wayampí

Vogais		Acento
	i e ɨ a u o	
silábico	+ + + + + +	- -
posterior	- - + + + +	nasal - +
labial	- - + +	
alto	+ - + - + -	

Regra 5. Nasalização (Reformulada)

$$\begin{bmatrix} + \text{ ace} \\ - \text{ nas} \end{bmatrix} \rightarrow [+ \text{ nas}] / \text{ ___ } \begin{bmatrix} + \text{ cons} \\ + \text{ nas} \end{bmatrix} \left\{ \begin{array}{l} + \\ \neq \\ \# \end{array} \right\}$$

Essa nova reconstrução nos levaria à hipótese de que na proto-língua o acento cai na última sílaba do morfema (análise de Rodrigues, comunicação pessoal), que é o caso na maioria das línguas da família. Não marcamos acento nas formas reconstruídas por Lemle, porém outros morfemas reconstruídos neste trabalho incluem acento. Para o Wayampí, seria necessário propor mais uma regra de deslocamento do acento¹¹ diante de pausa (#) (cf. A. Jensen, 1979):

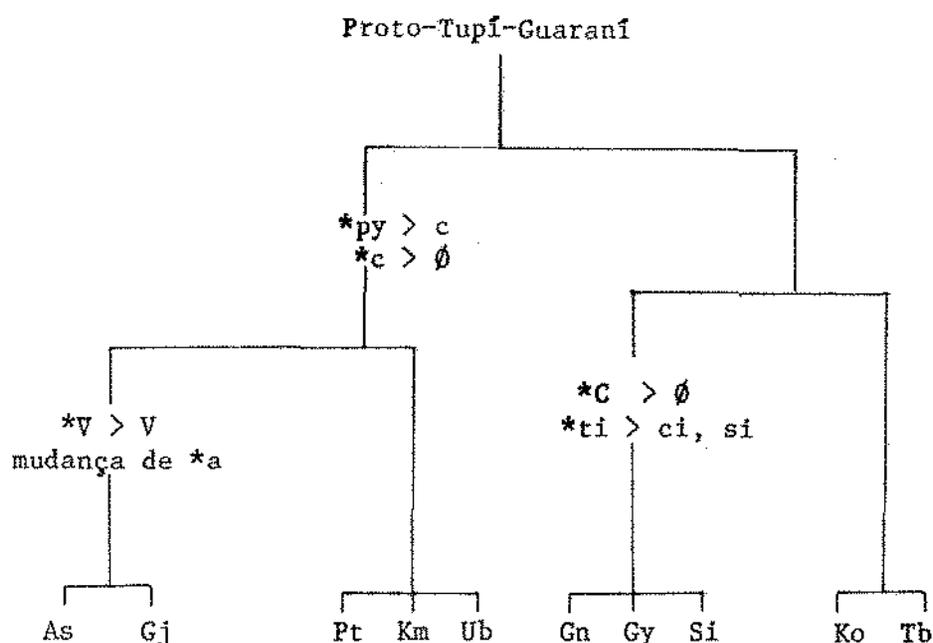
$$\begin{array}{l} \text{SS} \rightarrow \text{SS} / \text{ ___ } \# \\ *aké \rightarrow áke \quad \text{'durmo'} \\ *tatá \rightarrow táta \quad \text{'fogo'} \end{array}$$

Nesse último caso, a nasalização ainda se realizaria na última vogal do morfema em Wayampí:

$$*petɨ [petɨ] \rightarrow petɨ ['pɛtɨ] \text{ 'fumo'}$$

Apesar da reconstrução feita por Lemle ser bem elaborada, sua tentativa de classificar as línguas baseada em certas mudanças fonológicas é insuficiente. Ela não distinguiu entre processos

relativamente superficiais, que ocorrem freqüentemente nas línguas e que poderiam ocorrer independentemente, e os que são menos comuns e dariam uma melhor indicação sobre a proximidade das línguas. A queda de consoantes finais, por exemplo, não é necessariamente um critério seguro para classificar as línguas. As línguas Wayampi e Guaraní dão a impressão de serem muito próximas por causa dela e de suas conseqüências, porém podemos ver através dos dados de Coudreau que essa queda só aconteceu em Wayampi nos últimos 90 anos, independentemente do Guaraní, onde foi atestada já há mais de 300 anos (Ruiz de Montoya, 1639 e 1640). Da mesma forma, a espirantização do /t/ antes de /i/ também não é necessariamente um critério seguro, pois espirantização ou palatalização nessa situação ocorre freqüentemente nas línguas do mundo, inclusive em alguns dialetos do português. Dentro da família Tupí-Guaraní a espirantização ocorre em muitas línguas além das indicadas no diagrama de Lemle. Mais rara é a conservação do *ti, que acontece em Parintintín, Tupinambá e Kokáma.



Classificação das línguas Tupí-Guaraní segundo Lemle, 1971.

(As = Asuriní, Gj = Guajajára, Pt = Parintintín, Km = Kamayurá, Ub = Urubú, Gn = Guaraní, Gy = Guarayo, Si = Sirionó, Ko = Kokâma, Tb = Tupinambá)

No diagrama é difícil perceber o significado das regras $*py > c$ e $*c > \emptyset$. Se Lemle quis dizer que o grupo à direita não é caracterizado por nenhuma das duas regras, o Guaraní está mal-colocado, pois nessa língua $*py > \check{c} > \check{s}$. Por outro lado, se ela quis dizer que o grupo à esquerda caracteriza-se pelas duas regras, ela equivocou-se na classificação da língua Parintintín em que ocorre epiag 'ver' (que provém de $*epyak$).

Isoglossas relacionadas às regras fonológicas do Wayampi (cf. Apêndice II) mostram uma faixa de conservantismo que inclui principalmente o Tupinambá, o Parintintín e o Guarayo, sendo o Tupinambá o mais conservador dos três. A classificação de Lemle não mostra isso, pois cada uma dessas línguas fica numa categoria diferente.

A minha conclusão é que critérios morfológicos e lexicais devem ser usados juntamente com um maior número de critérios fonológicos

para uma classificação das línguas Tupí-Guaraní, como Rodrigues (1983) faz no seu trabalho sobre relações internas da família.

DADOS: PROTO-TUPI-GUARANI — WAYAMPI

Proto-Tupí -Guaraní ²	Wayampi-Jari	Wayampi-Amapari	
1. pipe	pupe	pupe	'dentro de'
3. aemee			'afiado'
3r. ayne	ayne	ayne	
4. i	i	i	'água'
5. amõ	amũ	amũ	'algum, outro'
7. yuβ	yu		'amarelo'
8. apiti	apasĩ	apasĩ	'amarrar'
9. pwar			'amarrar'
9d. yopwar	(o)k ^{wa}	(o)k ^{wa}	
10. ata	ata	ata	'andar'
11. tapi?ir	tapi?i	tapi?ir	'anta'
13. picik	pii	pii	'pegar'
16. ?iβ	?i	?i	'árvore'
17. pepo			'asa'
17d. pepokaŋ			'osso da asa'
	pepokã	pepũkã	'asa'
18. amõy	amũy	amũy	'avô'
19. kaβ	ka	ka	'banha'
21. pi?a			'fígado'
	pi?a	pi?a	'sede das emoções e dos pensamentos'
21d. pi?apwer			'fígado retirado do corpo'
	piak ^{We}	piak ^{Wer}	'fígado'

22. ie			'estômago'
22d. iepwer	eik ^{We}	eik ^{Wer}	'estômago'
24. nupã	nupã	nupã	'bater'
25. i?u	i?u	i?u	'beber'
26. eimaß	eyma	eyma ~ ima	'animal domestico'
27. yuru	yuru	yuru	'boca'
28. leßiy	wewiy	leßiy	'boiar'
29. katu	katu	katu	'bom'
30. tiq	sī	sī	'branco'
31. yemocaray	yimaray	yimaray	'brincar'
32. kwar	k ^{Wa}	k ^{Wa}	'buraco'
33. akaṅ	akã	akaṅ	'cabeça'
34. ?aß			'cabelo'
34d. apiraß			'cabelo do couro cabeludo'
	apira	apira	'cabelo'
35. ?ar	?a	?a	'cair'
36. pe ~ ape	pee ~ ape	pee ~ ape	'caminho'
37. yū	yū	yū	'campo'
38. iar	ia	iar	'canoa'
39. kapi?i	ka?api?i	ka?api?i	'capim'
40. o?o	o?o	o?o	'carne'
41. ok			'casa'
41r. okar			'patio da aldeia'
	oka	oka	'casa, aldeia'
44. ißikoy	(iwt)piküy	(iwt)piküy	'cavar'
45d. yo?ok	yo?o	yo?o	'cavar'

47. iβak	iwa	iβa, iβaŋ	'cêu'
48. enõy	enũy	enũy	'chamar'
50. etun	etũ	etũ	'cheirar'
51. atĩ	asĩ	asĩ	'ponta'
51d.namiratĩ			'ponta da orelha'
	<u>namirasĩ</u>	<u>namirasĩ</u>	'chifre'
54. aman	amã	aman	'chuva'
55. tanimuk	tanimu	tanemu	'cinzas'
56. kwati	k ^w asi	k ^w asi	'quati'
57. moy	moy	moe	'cobra'
59. ?u	?u	?u	'comer'
61. puku	poko, -puku	poko, -puku	'comprido'
62. čam	ã	ã	'corda'
63. čírik	íri	íri	'correr (rio)'
64. kítĩ	kisi	kisi	'cortar'
65. ape	ape	ape	'costas'
69. me?eŋ	me?ě	me?ě	'dar'
71. ?aβ	?aw	?aw	'deitar'
72. ãy	ãy	ãy	'dente'
73. kwatiar	kusiwa	kusiwa	'desenhar'
74. ar	a		'dia'
74d.?aríβo			'pelo dia'
	ariwo	aríβo	'dia'
75. mokõy	mukũy	mukũy	'dois'
76. ker	ke	ke	'dormir'
77. a?e	a?e	a?e	'ele, aquele'
78. moayan	moayã	moayã	'empurrar'

79. pin			'raspar'
79d. pipin	pipī		
yopin		(o)pī	
81. emireko			'esposa'
	emireko	emireko	'coisa possuída'
	erekwa ¹²	erekwa	'esposa'
82. pu?am	pu?ā	pu?ā	'ficar em pé'
83. yačítata	yaítata	yaítata	'estrela'
84. iče	ie	ie	'eu'
85. kíče			'faca'
L.G. kīse	(kīse)	(kīse)	
86. ye?eŋ			'fala de gente, aves e animais'
	ye?ē	ye?ē	'fala de animais'
87. ?ítarō	?ítarū	?ítarū	'cheio, saciado'
88. po?i	po?i	po?i	'fino'
90. potír	potí	potír	'flor'
91. tata	tata	tata	'fogo'
92. oβ	o	o	'folha'
93. ro?i	ro?i	ro?i	'frio'
94. ?a	?a	?a	'fruta'
95. tatatiŋ	tatasī	tatasī	'fumaça'
96. petím	petī	petī	'fumo'
97. kutuk		kutu	'furar'
98. pičāpē	piāpē	piāpē	'unha do pé'
101. aβa			'gente, quem'
	awa	aβa	'quem'
102. ípa?ū	ípa?ā	ípu?ū	'ilha'

104.	ruru	ruru	ruru	'inchar'
106.	co	o	o	'ir'
107.	yakare	yakare	yakare	'jacaré'
108.	enipi?ã	enipi?ã	enipa?ã	'joelho'
109.	momor	momo	momo	'jogar'
110.	ipaß	ipa	ipa	'lago'
112.	apekũ	apekũ	apekũ	'língua'
115.	yači	yai	yai	'lua'
116.	ka?i	ka?i	ka?i	'macaco'
117.	yı	yı	yı	'machado'
118.	čı	ı	ı	'mãe'
119.	pway			'mandar'
119d.	yopway			
		(o)k ^w ay	(o)k ^w ay	'pedir'
120.	mani?ok	mani?o	mani?o	'mandioca'
121.	po	po	po	'mão'
123.	men	mẽ	men	'marido'
124.	yuka	yuka	yuka	'matar'
125.	ka?a	ka?a	ka?a	'mato'
126.	aiß	ai	ai	'mau'
128.	aßati	awasi	aßasi	'milho'
130.	ču?u	su?u	su?u	'morder'
131.	manö	manũ	manũ	'morrer'
132.	ıßıtır	ıwıtı	ıßıtır	'morro'
135.	kuyã			'mulher'
		kuyã	kuyã	'irmã do homem'
136.	mıtũ	mıtũ	mıtũ	'mutum'
137.	ıtaß	?ıta	?ıta	'nadar'

138. tĩ	sĩ	sĩ	'nariz'
139. pitun	pitũ	pitũ	'noite'
140. pica	pia	pia	'noite'
	L.G. pĩsayê	(pĩsaye)	'meia noite'
141. er	e	er	'nome'
142. ore	ore	ore	'nõs exclusivo'
143. yane	yane	yane	'nõs inclusivo'
144. picacu	piau	piau	'novo'
145. iBatiñ	iwasĩ	iBasĩ	'nuvem'
147. eca	ea	ea	'olho'
148. yawar	yawa	yawar	'onça'
149. nami	nami	nami	'orelha'
150. kañ			'osso'
150d. kañwer			'osso retirado do corpo'
	kañ ^{We}	kañ ^{Wer}	'osso'
151. enuB	enu	enu	'ouvir'
152. upi?a	upi?a	upi?a	'ovo'
153. uB	u	u	'pai'
158. wira	wira	wira	'pássaro'
159. iBira			'pau'
	iwira	iBira	'pau, árvore'
160. pi	pĩ	pi	'pé'
161. ita			'pedra'
161d. itakuruB			'tipo de pedra'
	takuru	takuru	'pedra'
162. poti?a	posi?a	posi?a	'peito'
163. kam	kã	kã	'seio'

164. pira	pira	pira	'peixe'
165. pir			'pele'
165d.pirwer			'pele retirada do corpo'
	pire	pirer	'pele, casca'
167. etimã	etimã	etimã	'perna'
168. pociy	poi'y	po(w)iy	'pesado'
171. kɨβ	ki	kɨ	'piolho'
172. pi?ũ		pi?ũ	'pium'
173. pwer	k ^w e	k ^w er	'pretérito'
175. picun	pi(y)ũ	piũ, piyũ	'preto'
176. kay	kay	kay	'queimar-se'
177. apɨ	apɨ	apɨ	'queimar'
178. akuβ	aku	aku	'quente'
179. uway	uway	uway	'rabo'
181. apo	apo	apo	'raiz'
182. karã'y	karã'y	karã'y	'raspar'
183. apu?a	apu?a	apu?a	'redondo'
185. paranã	paranã	paranã	'rio caudaloso'
186. puka	puka	puka	'rir'
187. kuwaaβ	kua	kua	'saber'
188. yukɨr		yukɨr	'sal' 'sal (de açaf)'
189. enɨ	enɨ	enɨ	'saliva'
190. uwɨ	uwɨ	uwɨ	'sangue'
191. pweraaβ	puera	puera	'salar'
192. kaŋ			'seco'
192r.tikaŋ	sikã	sikã	

193.	aʔɛy	aʔɛy	aʔɛy	'semente'
194.	apik	apɪ	apɪ	'sentar-se'
195.	kwaraci	kʷarai	kʷarai	'sol'
196.	peyu	peyu	peyu	'soprar'
197.	kiʔa	kiʔa	kiʔa	'sujo'
199.	takwar			'taquara'
199d.	takwar+ʔi			'taquara pequena'
		takʷari	takʷari	'esp. de taquara'
200.	cikiye	kiye	kiye	'temer'
201.	ɪβɪ	ɪwɪ	ɪβɪ	'terra'
202.	paβ	pa	pa	'todos'
203.	mocapɪr	moapɪ	mosapɪ	'três'
205.	oyepeteɪ			'um'
205r.	oyepe			
205d.	oyepeʔɪ			'unzinho'
		peʔɪ	peʔɪ	'um'
206.	pwã-pě			'unha de mão'
206r.	poapě	puãpě	puãpě	
207.	ɪβɪtu	ɪwɪtu	ɪβɪtu	'vento'
208.	epyak			'ver'
		esa	esa	'encontrar'
209.	oβɪ			'verde, azul'
209r.	čobɪ ¹³	sowɪ	soβɪ	
210.	ceβoʔi	ewoʔi	eβoʔi	'verme'
212.	piraq	pirã	pirã	'vermelho'
213.	pitaq	pítã	pítã	'vermelho'
215.	ur	u	u	'vir'

216. eko	eko	eko	'estar em movimento'
217. ßeße	wewe	ßeße	'voar'
218. ne	ne	ne	'você'
ene	ene	ene	
219. pe...ẽ	peyẽ	peyẽ	'vocês'
220. we?en	we?ẽ	we?ẽ	'vomitar'
221. írõ			'zangado'
221d.yemoirõ	imorũ	yimoirũ	

DADOS ACRESCENTADOS

1'. *žo?o			'animal'
	so?o	so?o	'veado'
2'.	saa	saa	'terçado'
3'.	suu		'açucar'
4'. *kwaß	k ^w a	k ^w a	'passar'
5'. *ciß			'limpar'
5d'. *yociß	yoɿ	yoɿ	
6'.	aresi	aresi	'arroz'
7'. *etam	etã	etã	'habitação'
8'. *temimway	temiŋ ^w ay	temiŋ ^w ay	'empregado, servente'
9'.	sautu	sautu	'sal refinado'
10'	mariya	mariya	'faca'

Notas

1 Esta modificação do trabalho de Lemle se baseia em Rodrigues (1983).

2 A numeração dos dados é a de Lemle, com as seguintes modificações: Números com r (por exemplo, 3r.) indicam novas formas propostas para substituir as de Lemle. Números com d indicam palavras derivadas a partir do morfema reconstruído. A maioria dos morfemas nas derivações são incluídos na reconstrução morfológica (Capítulo 3) e por isso não se segue nos dados uma tradução detalhada de cada um. Estes morfemas são: *yo+ (morfema 4), *ye+ (morfema 2), *mo+ (morfema 26) e *pwér ∅ *wér 'pretérito'.

3 Apesar dessa regra parecer inatural, é muito semelhante a uma regra em certas línguas da família Bantu, descrita por Hyman (1975: 174-175). Ele sugere a seguinte seqüência de mudanças:

$$pi > p^{hi} > p^{\tilde{s}i} > tsi > si$$

A mudança que ocorreu em Wayampi ocorreu em várias línguas da família, resultando em /č/ nas línguas Asuriní e Guaraní, /c/ em Guajajára e Kamayurá, e /s/ em Urubú e Kayabí. A seqüência de mudanças seria:

$$py > py_0 > pts > ts > s$$

$$py > py_0 > p\check{s} > pt\check{s} > t\check{s} (\check{c})$$

Comparar dados do tronco Tupí:

**upi?a 'ovo' uptsí?a > optsí?a (Tuparí) (cf. também Mundurukú
opsa)

**pi?ũ 'píum' > pyí?u > py₀i?u > ptsí?o > tsi?o (Tuparí)

4 Lemle não tratou do acento na reconstrução do Proto-Tupí-Guaraní. Esta regra leva em conta a necessidade de considerar o acento na derivação fonológica, ainda que este tivesse, provavelmente uma colocação restrita à última sílaba dos morfemas (cf. pág. 29).

5 Símbolos referentes a tipos de fronteiras:

+ de morfema, ≠ de tema, # de palavra

6 Há uma coincidência nos morfemas em que /s/ é conservado nas línguas Urubú (Kakumasu, J. e K., 1977) e Wayampí:

<u>Wayampí</u>	<u>Urubu</u>	
kise	kise	'faca'
su?u	su?u	'morder'
so?o	so?o	'veado (W), animal de caça (U)'
suruði, suruwi	suruwi	'surubim'
asa	asa	'atravessar'

7 Dado de Coudreau, da época do empréstimo. Atualmente essa palavra em Wayãna é pronunciada ['hautu]. Segundo Gallois (1981), os Wayampí originalmente adquiriam sal refinado em troca com os Wayãna.

8 A partir destes dados podemos propor mais uma regra:

$$\begin{bmatrix} - \text{sil} \\ - \text{cons} \\ + \text{lab} \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / \begin{bmatrix} + \text{cons} \\ + \text{voz} \\ - \text{lab} \end{bmatrix} \text{ —}$$

*+âr + wêr → +arer (WA) 'quem deixou de ser
agente (cf. pág. 108)'

*mên + wêr → mener (WA) 'quem deixou de ser marido'

Essa regra, ou uma regra semelhante a ela, se aplicaria também às línguas Asuriní, Guajajára, Guaraní, Guarayo, Kamayurá, Parintintín e Urubú.

9 Grenand (1975:33-34) propõe mais uma consoante /ñ/ com o seguinte argumento: Para alguns falantes esse é um alofone de /y/ antes de vogais nasais. Porém, uma grande parte dos falantes não usa esse alofone, e quando o ouve, interpreta-o como uma variante de /n/, embora em cada aldeia se encontrem falantes que nasalizam e falantes que não nasalizam o /y/. A situação não me parece clara e aparentemente não justifica o reconhecimento de um fonema /ñ/.

10 Não tenho a minha disposição informações sobre a localização dos índios contatados por Coudreau. Porém, parece mais provável que moravam na região do rio Oiapoque (cf. Coudreau, 1892:111) e/ou na do Jari.

11 No Wayampí do alto Jari, em que A. Jensen (1979) se baseou seu trabalho, a acentuação se desloca somente quando não se segue sufixo ou enclítico. Acentuação não foi registrada nos dados do Wayampí nesta dissertação por causa desta alternância, e porque ainda não foi feito um estudo equivalente no dialeto do Amapari.

12 A palavra emireko é derivada a partir do nominalizador do objeto (morfema 25) com o verbo *eko 'estar (em movimento)' em sua forma causativo-comitativa er-eko, enquanto erek^{Wa} é derivado a partir do nominalizador do agente (morfema 32) com o mesmo verbo:

emi + er + eko → emireko 'objeto que se faz estar consigo'

er + eko + ar → erekwar (assilabação) → erek^{wa}

'aquele que faz (alguém) ficar consigo'

13 Em algumas línguas, como o Wayampí, o Kamayurá e o Urubú, o *č- ou *c- seria interpretado como parte da raiz (*čoβi ou *coβi), que combinaria com o prefixo (4) *i+ para indicar a terceira pessoa. Em outras línguas, como o Tupinambá, o *c seria interpretado como o prefixo (4) da terceira pessoa, acrescentado ao morfema *oβi (cf. Lemle, 1971:127).

Capítulo 2

Comparação de Algumas Regras Fonológicas do Tupinambá e do Wayampí

A finalidade desta comparação é dupla: Primeiro, determinar se as regras fonológicas do Tupinambá (Rodrigues, 1981:1-6) também existem ou existiam em Wayampí. Segundo, quando possível, avaliar a partir disso se as regras do Tupinambá (ou do Wayampí) poderiam ser regras do Proto-Tupí-Guaraní, ou de uma proto-língua comum ao Tupinambá e ao Wayampí, mas não coincidente necessariamente com a proto-língua de toda a família Tupí-Guaraní. Achei útil referir-me ao que ocorre em várias línguas da mesma família, embora não pudesse fazer isto sistematicamente devido à desigualdade das informações disponíveis.

I. Distribuição dos alofones dos fonemas segmentais

I. Consoantes nasais

No Tupinambá "os fonemas com a propriedade [+ nasal] tornam-se [+/- nasal] (a) obrigatoriamente, no início de sílaba com acento oral, que não contém e que não precede outro fonema [+ nasal], e (b) opcionalmente, em sílaba átona pré-tônica à qual não se segue sílaba com fonema [+ nasal] (segmental ou suprasegmental). Noutras situações ocorre só o alofone [+ nasal]." Por exemplo:

[mã]	'onde?'	[sembê]	'lábio dele'
[mén]	'marido'	[endé]	'você'
[amána]	'chuva'		
[mbaraká]	~ [maraká]	'maracá'	
[ndoúri]	~ [noúri]	'não vem'	

Uma regra análoga existe em Guaraní Mbyá (Dooley, 1982) e Parintintín (Betts, 1981), porém nessas línguas a parte (b) também é obrigatória:

Guaraní Mbyá

[nambí]	'orelha'	[mbo?é]	'ensinar'	[mokõy]	'dois'
---------	----------	---------	-----------	---------	--------

Parintintín

[nambí]	'orelha'	[mbo?é]	'ensinar'	[mokõy]	'dois'
---------	----------	---------	-----------	---------	--------

Em Wayampí apenas a parte (a) é operativa, e essa opcionalmente. Apesar do acento ter mudado para a penúltima sílaba, essa regra continua a se aplicar à sílaba atualmente acentuada, e não à sílaba pós-tônica (que nas demais línguas seria a sílaba acentuada). Por exemplo:

[momá?e]	~ [mombá?e]	'coisa'
[nâmu]		'inhambú'
[aṅé?e]	~ [aṅgê?e]	'agora' (WA)
[omé?ẽ]		'ele deu'

As observações de Adam (Coudreau 1892:7) no século passado, comparando dados de Coudreau com dados do Guaraní e do Tupinambá, mostram a opcionalidade dessa regra em Wayampí: "MB, ND são muitas vezes atenuados em M, N."

Podemos concluir que a regra na proto-língua teria sido como a do Tupinambá com a possível diferença de a parte (b) também ser obrigatória como no Guaraní e no Parintintín.

2. Palatalização

No Tupinambá "o fonema [- voz, + cont] torna se [+ alto] quando precedido por fonema [+ sil, - post, + alto]. A seqüência [+ cons, - voz, + cont] [- cons, - sil, - post, + alto] converte-se no segmento unitário [+ cons, - voz, + cont, + alto]." Por exemplo:

[sĩ] 'mãe'
 [iĩf] 'mãe dele'
 [šē] /syē/ 'me, meu'

É impossível observar essa regra na maioria das línguas da família, inclusive no Wayampi, por causa da mudança dos fonemas *č e *c para /h/ ou ∅. Porém, evidência de uma regra de palatalização no Guaraní Antigo nos leva a concluir que poderia haver uma regra também na proto-língua:

*ceča → hecā 'olho dele'
 *iče → *[čyē] → čē 'eu'
 *ne ču?u → ne cu?ú 'morder você'
 *iču?u → iču?ú 'mordê-lo'

Na proto-língua essa regra afetaria somente o fonema *c, e a palatalização resultaria numa neutralização dos fonemas *č e *c nesse ambiente. No Tupinambá a regra se teria generalizado para os dois proto-fonemas, por causa da fusão deles. No Guaraní Antigo, as mudanças *č > c e *c > h teriam o efeito de que a regra passasse a afetar o reflexo de *č em vez do reflexo de *c.

3. Ensurdimento

No Tupinambá, "os fonemas [+ cons, + voz, + cont] tornam-se opcionalmente [- voz, - cont] diante de pausa". Por exemplo:

syé rúb 'meu pai' [šerúp] ou [šerúb]
 syé ra?ír 'meu filho' [šera?í^t] ou [šera?ír]

Esse ensurdecimento aconteceu em várias línguas da família. Em algumas dessas, como o Kayabí (Dobson, 1973:41), a fusão do /β/ com /w/ resultou na reassociação do alofone [P] com o fonema /p/, e, por analogia, do alofone [t] com o fonema /t/. Porém há alternância de dois alomorfes, um terminado em /t/ ou /p/ antes de pausa e um terminado em /r/ ou /w/ antes de sufixo. Por exemplo:

ta?ít	'filho'
ka?i ra?íra	'filhote de macaco'
u?íp	'flecha'
tapi?íya ru?íwa	'flecha de homem branco (arma)'

Essa alternância nos mostra que há ensurdecimento, e que esses alofones surdos poderiam ser bem explicados como alofones do *r e *β.

Porém não há ensurdecimento em todas as línguas. Em Guajajára (Harrison, C. e C., 1977:13,1), por exemplo, que não tem o caso nominal, os nominalizadores *aβ e *ar são [aw] e [ar]. No Wayampi do Amapari, as poucas palavras terminadas em /r/ são pronunciadas com [r] e não com [t].

Por outro lado, os dados de Coudreau (1892:110,119,121) mostram muita evidência de [t] e [P] finais no século passado. Por exemplo:

apotat	'quero'	(*apotar)
napotari	'não quero'	(*n apotari)
opap	'acabou'	(*opaβ)
aket	'dormi'	(*aker)

Adam (Coudreau 1892:7) comentou em relação a estes dados, comparando-os com o Guaraní e o Tupinambá: 'R final é freqüentemente substituído por T.' É significativo notar que estes dados são verbos, e que os nomes são escritos com re (cf. pág. 27). Aparentemente naquela época houve uma diferença de pronúncia, provavelmente pela presença do sufixo de caso nominal, que ainda ocorre no Wayampi do Amapari (cf. pág. 91-93).

Podemos concluir que na proto-língua existia uma regra opcional de ensurdecimento antes de pausa.

4. Semivogais

Em Tupinambá, "os fonemas [- cons, - sil, + voz] tornam-se opcionalmente [+ cons] em início de sílaba; o [+ post] fica [+ cons, + post, + lab], isto é [g^w]; o [- post] fica [+ cons, - post, + alto], isto é [ʒ], quando não se segue na mesma palavra fonema nasal (segmental ou suprasegmental), e fica [+ cons, + nasal, - post, + alto], isto é [ñ], quando se segue fonema nasal na mesma palavra." Por exemplo:

/yasɨ/	'lua'	[yasɨ] ~ [ʒasɨ]
/wirá/	'pássaro'	[wirá] ~ [g ^w irá]
/yaʔẽ/	'prato'	[ñaʔẽ]
/ayán/	'corro'	[añán]
/ayeʔéŋ/	'falo'	[añeʔéŋ]

Os fonemas *y e *w têm a seguinte distribuição alofônica no início de sílaba em várias línguas da família:

	Oral	Nasal	Oral	Nasal
Tupinambá	y ~ ž	ñ	g ^w ~ w	
Guaraní Mbyá	dž	ñ	g ^w	ŋw
Parintintín	dž	ñ	g ^w	ŋw
Chiriguano	y	ñ	g ^w	ŋw
Urubú	y	ñ	w	w
Wayampi (WJ)	y	ñ	w	w
Wayampi (WA)	y ~ ž	ñ	w	w
Tapirapé	č	č	w	w
Asuriní	č	(č)	w	(w)
Guajajára	z	(z)	w	(w)

Não é difícil associar o alofone [ñ] com [y], [ž] ou [dž], pois as diferenças entre estes são pequenas, sendo apenas de nasalização e de grau de fechamento no mesmo ponto de articulação. É até natural nasalizar a semivogal num ambiente nasal. Já o [z] do Guajajára e o [č] do Asuriní e do Tapirapé (Leite, 1977:8-9) não têm uma contraparte nasal tão natural (mas o Tapirapé tem [ñ] em sílaba pós-tônica, onde o alofone [y] também ocorre). O Guajajára e o Asuriní não apresentam o ambiente principal (acento nasal) em que poderia ocorrer um alofone nasal; os sons entre parênteses indicam o alofone que ocorre no ambiente originamente nasal. O Tapirapé, que tem acento nasal, também não tem o alofone nasal como contraparte de [č]. Por exemplo:

*kuyã → [kočĩ] 'mulher'

A ausência de um alofone [ñ] sugere que não se trata de perda de um alofone, mas de nasalização do /y/ nas línguas em que sua

manifestação fonética a favorece, pois seria difícil 'perder' um alofone [ñ], tão distinto foneticamente de [č].

5. Acento Nasal

Em Tupinambá "os fonemas [+ sil] adquirem a propriedade [+ nasal] quando ocorrem em sílaba com acento nasal." Isso foi discutido brevemente no Capítulo 1 (pág. 29). Essa regra poderia ter sido uma regra da proto-língua.

II. Restrições na distribuição dos fonemas segmentais

O Tupinambá tem as seguintes restrições:

1. "Só os fonemas com a propriedade [- cons] ocorrem no fim de sílabas iniciais e mediais de palavras."
2. "Além desses, os fonemas com a propriedade [+ voz] e o fonema [- voz, + post] ocorrem no fim de sílaba final de palavra."
3. "Seqüências de segmentos consonantais só ocorrem quando um dos segmentos é [- cons, - sil]. Em seqüências tautossilábicas, as quais só aparecem no início de sílaba, ocorrem como segundo elemento só os fonemas [- cons, - sil, + voz] e, como primeiro elemento, todos os fonemas, com exceção apenas dos [- cons, - sil, + voz] e também, quando o segundo elemento é [+ labial], do fonema [+ cons, + voz, + lab] (pya, pwa, rya, rwa, mya, mwa, kya, kwa, ?ya, ?wa, ßya, etc., mas não *wya, *ywa, *ßwa)."

4. "O fonema [+ nasal, + post] não ocorre no início de palavras." Rodrigues (1981)

A primeira restrição poderia ser uma supergeneralização, pois não há meio de saber no Tupinambá se a oclusiva glotal ocorria ou não em final de sílabas. Porém, ocorre nessa posição no Parintintín (Betts, 1981:80) e no Kayabí (Dobson, 1973:52), o que mostra que a regra correspondente da proto-língua deveria incluir também *?.

Consideração dessas restrições está implícita na reconstrução feita por Lemle. As regras derivando o Tupinambá da proto-língua provavelmente não implicam em alteração da distribuição dos fonemas. Conseqüentemente, podemos concluir que as restrições descritas para o Tupinambá poderiam ser também as restrições na distribuição dos proto-fonemas, pois as outras línguas podem ser derivadas a partir delas. Há várias línguas que não permitem a seqüência rw (restrição 3), como foi mencionado na nota 8 do Capítulo 1. É possível que houvesse essa restrição na proto-língua.

As restrições para o Wayampi são:

1. Só os fonemas com as propriedades [+sil] ou [- cons, + voz, - lab] ocorrem no fim de sílabas iniciais e mediais de palavra.
2. Além desses fonemas, os fonemas com as propriedades [+ cons, + voz, - lab] ocorrem no fim de sílaba final de palavra no dialeto do Amapari.
3. Não há seqüências de segmentos consonantais. (As seqüências [kw] e [ɲw] foram reinterpretadas como fonemas labializados.)
4. O fonema [+ nasal, + post] não ocorre no início de palavras.¹

III. Algumas regras fonológicas (morfofonêmicas)

1. Nasalização de consoante surda

$$\begin{array}{l}
 [+con] \\
 -voz
 \end{array}
 \longrightarrow
 [+nas] / [+nas]
 \left(\left(\begin{array}{l} [-ace] \\ [+sil] \\ [-con] \\ [-sil] \end{array} \right) \right) \left. \begin{array}{l} (+) \\ (-) \end{array} \right\}
 \longrightarrow
 \left(\begin{array}{l} [-cons] \\ [-sil] \\ [+voz] \end{array} \right)
 \left(\begin{array}{l} [+sil] \\ [-nas] \end{array} \right)
 \left(\begin{array}{l} [-sil] \\ [-nas] \end{array} \right) \left. \begin{array}{l} n \\ 0 \end{array} \right\} \#$$

Em Tupinambá qualquer nasal, seja consoante, seja acento (que se realiza na vogal), provoca a nasalização da consoante surda inicial do morfema seguinte na mesma palavra fonológica. Por exemplo:

- nupã 'bater em' ≠ katú 'bom' → /nupãŋatú/ 'bater bem em'
 mo 'causativo' + só 'ir' → /monô/ 'enviar'
 yũ 'campo' + pe 'em' → /yũme/ 'no campo'
 pitũm 'noite' + pe 'em' → pituntme →² 'de noite'
 mo 'causativo' + pôr 'pular' → /momôr/ 'lançar'
 (e)mi 'nom. obj.' + pwáy 'dar ordens a' → /mimwáy/ 'empregado'

No Wayampí atual uma nasal consonantal não provoca tal nasalização. Além disso só as oclusivas estão sujeitas a esta regra. (Parece que o /s/ não é afetado pela regra porque, fora poucas exceções, ele não provém do *ç ou *c como o /s/ do Tupinambá, mas sim, de várias outras fontes (cf. pág. 19).) Por exemplo, no Wayampí do alto Jari:

- waywĩ 'mulher' ≠ katu 'bom' → /waywĩŋatu/ 'mulher boa'
 perẽ 'Belém' + pe 'em' → /perẽme/ 'em Belém'
 akã 'cabeça' ≠ piro 'pelar' → /akãmiro/ 'pelar a cabeça'

mimūy 'cozinhar' + ta 'nominalizador de circunstância' →
 /mimūyna/ 'instrumento com que se cozinha (panela)'
 emi 'nom. obj.' + pete 'dar uma palmada' →
 /emipete/ 'coisa ou pessoa batida com a mão'
 mo 'causativo' + popo 'pular repetidamente' → /mopopo/
 'jogar fora'

Em consequência dessas diferenças em relação ao Tupinambá, assim como da eliminação das consoantes finais, a nasalização do Wayampi deve ser formulada pela seguinte regra:

$$\left[\begin{array}{l} +\text{con} \\ -\text{voz} \\ -\text{cont} \end{array} \right] \rightarrow [+ \text{nas}] / \left[\begin{array}{l} + \text{sil} \\ + \text{nas} \end{array} \right] \left(\left[\begin{array}{l} - \text{con} \\ - \text{sil} \end{array} \right] \right) \left\{ \begin{array}{l} + \\ \neq \end{array} \right\} \left[\begin{array}{l} + \text{sil} \\ - \text{nas} \end{array} \right] \left[\begin{array}{l} - \text{sil} \\ - \text{nas} \end{array} \right]_0^n \#$$

Contudo há evidência interna de que num estágio anterior da língua a regra teria sido como em Tupinambá. Trata-se de palavras evidentemente derivadas, mas em cuja derivação não se observa a regra atual de nasalização, pelo que constituem exceções à regra; mas, comparadas com o Tupinambá, revelam ter sofrido a aplicação de regra análoga à daquela língua:

*t+ 'humano' emi+ 'nom. obj.' pwây 'dar ordens a' →
 /temiŋ^{Way}/ 'pessoa subordinada'

Hoje seria: t+emi+k^{Way} → temikway

*mo+ 'causativo' cō 'ir' → /mono/ 'fazer ir'

Hoje seria: mo+ o → moo

*mo+ 'causativo' pōr 'pular' → /momo/ 'jogar'

Hoje seria: mo+po → mopo, como em mopopo acima

Podemos ver que num estágio anterior a regra do Wayapí teria sido como a do Tupinambá. Por causa disto e por causa de uma regra

análoga em outras línguas, como o Asuriní (Harrison, 175:168-169), o Guaraní antigo (Ruiz de Montoya, 1892:60), o Guaraní Mbyá (Dooley, 1976:11,13) e o Parintintín (Betts, 1981:8), podemos dizer que uma regra análoga à regra 1 poderia ter existido já em Proto-Tupí-Guaraní.

2. Nasalização do acento

$$\begin{bmatrix} + \text{ ace} \\ - \text{ nas} \end{bmatrix} \longrightarrow [+ \text{ nas}] / \text{---} \begin{bmatrix} + \text{ con} \\ + \text{ nas} \end{bmatrix} \neq [- \text{ sil}]$$

Em Tupinambá esta regra se aplicava quando havia uma seqüência de consoantes na junctura de temas. A regra está baseada na interpretação de que o acento nasal não co-ocorre com uma consoante final nasal. Assim, esta regra é seguida por uma outra regra (5) de simplificação de seqüência consonantal.

No Wayampi do alto Jari a regra é mais geral, não se limitando à junctura de temas. A regra do Tupinambá corresponde à regra diacrônica 5 (reformulada) do Wayampi (cf. pág. 29):

$$\begin{bmatrix} + \text{ ace} \\ - \text{ nas} \end{bmatrix} \longrightarrow [+ \text{ nas}] / \text{---} \begin{bmatrix} + \text{ con} \\ + \text{ nas} \end{bmatrix} \left\{ \begin{array}{l} + \\ \neq \\ \# \end{array} \right\}$$

Tupinambá

→ akân̄#méb → akãñ#méb → 'cabeça chata'

Wayampi (WJ)

*akân̄ 'cabeça' → akãñ → 'cabeça'

*amân 'chuva' → amãñ → 'chuva'

No dialeto do Amapari, ainda há uns poucos morfemas que terminam

iar 'canoa' + pe 'em' → iaripe 'na canoa'
 wir 'baixo' + pe 'em' → wiripe 'em baixo'
 *?aŋ 'isto' + ðo 'como' → ?aŋiðo 'como isto'

Esse dados do Wayampi dão apoio à probabilidade de que haveria uma regra análoga à regra 3 no Proto-Tupí-Guaraní, pois não se trata de um tipo de processo que ocorreria independentemente em várias línguas.

4. Espirantização de consoantes labiais

$$\begin{bmatrix} + \text{con} \\ + \text{lab} \end{bmatrix} \rightarrow [+ \text{cont}] / \begin{bmatrix} + \text{con} \\ + \text{voz} \\ - \text{nas} \end{bmatrix} \neq \text{---}$$

Exemplos do Tupinambá são:

?áβ#pukú → /?áβukú/ 'cabelo comprido'
 kuáβ#me?êŋ → /kuáβe?êŋ/ 'mostrar, dar a conhecer'
 okár#pitér → /okáβitér/ 'o centro da praça'

Não existe ambiente para essa regra em nenhum dos dialetos do Wayampi atual. Para mostrar evidência da existência dessa regra num estágio anterior, seria necessário achar dados em que um /w/ ocorra em vez de uma consoante [+ labial, - post] (cf. regra diacrônica 8) no Wayampi do alto Jari ou em que /β/ ocorra em vez de uma consoante [+ lab, - post] no Wayampi do Amapari. Até agora não se encontrou nenhum dado desse tipo.³

Leite (1977:12-17) apresenta regras para o Tapirapé que dão apoio a essa regra do Tupinambá. Ela apresenta alomorfes:

poko ~ moko ~ woko 'comprido'

Os alomorfes com w seguem raízes terminadas em Vp e am:

hap 'folha' hawoko 'folha comprida'

ham 'pena' hãwoko 'pena comprida'

Duas observações são significantes aqui:

1. No Tupinambá Rodrigues analisa o [p] no final de palavra como um alofone de /β/. No Tapirapé o alofone [β] se teria neutralizado com /w/, enquanto o alofone [p] teria se associado ao fonema /p/. Logo, o ambiente /Vp#/ corresponde ao da regra do Tupinambá.

2. A vogal /ã/ no Tapirapé provém de *a. Então, o ambiente analisado por Leite como sendo /am/ fonologicamente provém de *aβ. Logo, mais uma vez o ambiente que Leite descreve coincide com o ambiente da regra do Tupinambá.

Com a fusão do fonema do *β com o *w no Tapirapé e a reassociação dos dois alofones com fonemas distintos, a motivação do processo morfofonêmico não está tão transparente como no Tupinambá. Podemos concluir, entretanto, que, apesar de ser descrita de maneira diferente no Tapirapé, essa regra corresponde à do Tupinambá. Logo, ela dá apoio à probabilidade da existência de uma regra de espirantização de consoantes labiais também na proto-língua.

5. Simplificação de seqüência consonantal

$$[+ \text{ con}] \rightarrow \left\{ \langle \emptyset \rangle \right\} / \text{ — } \left\{ \langle \# \rangle \right\} [- \text{ sil}]$$

Esta regra do Tupinambá se aplica obrigatoriamente só na junção de temas e opcionalmente na junção de palavras. Por exemplo:

→ akãŋ#mêβ → /akãmêβ/ 'cabeça chata'

ereyúr # pè → /ereyú pè/ 'você veio?'

O ambiente em que esta regra pode ser observada na língua Wayampi é muito limitado. No dialeto do alto Jari a eliminação completa de consoantes no final de palavra fez com que a forma dos temas nessa posição ficasse idêntica à que ocorre diante de fronteira temática:

*akaŋ → /akã/ 'cabeça'

*akãŋ ≠ piró → /akãmiro/ 'pelar a cabeça'

Logo não houve mais necessidade de uma regra sincrônica semelhante à regra 5.

No dialeto do Amapari a eliminação de consoantes no final de palavra não afetou os substantivos com consoante final [+voz, -lab]. Por isso, ainda há oportunidade para observar a regra sincrônica neste ambiente:

/tare?ir/ 'traíra'

tare?ir ≠ siŋ 'branco' → /tare?isiŋ/ 'esp. de traíra branca'

/tukan/ 'tucano'

tukan ≠ sī ≠ pirã → /tukãsipirã/ 'esp. de tucano com ponta
de bico vermelha'

/akaŋ/ 'cabeça'

akaŋ ≠ so → /akãso/ 'dar uma cabeçada'

A regra diacrônica do Wayampi poderia ser ou uma generalização de uma regra do Proto-Tupí-Guaraní como a do Tupinambá (e também do Kayabí (Weiss, 1972:ii) e do Asuriní (Harrison, 1975:169)) ou uma regra que se desenvolveu separadamente, pois queda de consoante final é um processo natural.

6. Queda de oclusiva glotal

$$\begin{bmatrix} - \text{ con} \\ - \text{ sil} \\ - \text{ voz} \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / [+ \text{ con}] \neq \underline{\quad}$$

Segundo esta regra, numa seqüência $C \neq ?$, é a oclusiva glotal que cai. Por exemplo:

?fB 'planta' \neq ?á 'fruta' \rightarrow /?fBá/ 'fruta de planta'

kâm 'seio' \neq ?ú 'comer' \rightarrow /kâmú/ 'mamar'

Esta regra é questionável, mesmo para o Tupinambá, por causa da maneira em que as oclusivas glotais foram registradas naquela época (Rodrigues, comunicação pessoal). Quando ocupavam a primeira posição de sílaba interna, foram registradas com trema sobre a vogal precedente. Por exemplo, mbâê /ma?é/. Em outras situações não foram registradas.

O registro incompleto das oclusivas glotais deixa margem para mais de uma interpretação. O Parintintín (Betts, 1981:80) e o Kayabí (Dobson, 1973:52), outras línguas da família Tupi-Guaraní, nos oferecem uma situação alternativa:

6'. Metátese

$$\begin{array}{l} \text{DE: } [+ \text{ con}] \neq \begin{bmatrix} - \text{ sil} \\ - \text{ con} \\ - \text{ voz} \end{bmatrix} \\ \quad \quad \quad 1 \quad \quad \quad 2 \end{array}$$

$$\text{ME: } 12 \rightarrow 21$$

Vemos esta metátese nos seguintes exemplos do Kayabí (Dobson and Weiss 1975:3) e do Parintintín (Betts, 1981:80):

ipit 'pele' \neq ?ok 'tirar' \rightarrow /ipi?rok/ 'pelar' (Kb)

tiq 'branco' \neq ?i 'atenuativo' \rightarrow /ti?qi/ 'branquinho' (Pt)

Se houve metátese também em Tupinambá, não podemos saber, pois a oclusiva glotal, estando na última posição da sílaba, não teria sido registrada.

Para o Tupinambá a regra 6' teria as seguintes vantagens:

- 1) Seria consistente com a regra do Parintintín e do Kayabí.
- 2) Evitaria a inconsistência entre a queda do primeiro elemento na regra 5 e a queda do segundo elemento na regra 6.

A situação do Wayampi não nos ajuda nessa decisão, pois o resultado é compatível com qualquer uma das regras:

*?ɬβ 'planta, árvore' + *?i 'pequeno' → /?ɬβi/ (WA)

'espécie de árvore pequena (envira preta)'

Vejamos os dois caminhos possíveis:

	*?ɬβ?i	*?ɬβ?i
Queda de ? (6)	?ɬβi	Metátese (6') ?i?βi
		Queda de C final (5) ?ɬβi

O segundo caminho exige que a regra diacrônica 7 (queda de consoante final) seja reformulada para incluir a oclusiva glotal, pois esta é [- cons].

7. Assimilação vocálica:

$$\begin{bmatrix} + \text{sil} \\ - \text{alt} \\ + \text{pos} \\ - \text{lab} \\ + \text{ace} \end{bmatrix} \rightarrow \begin{bmatrix} \alpha \text{pos} \\ \beta \text{lab} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} + \text{sil} \\ - \text{alt} \\ \alpha \text{pos} \\ \beta \text{lab} \\ + \text{ace} \end{bmatrix} + \text{---} \begin{bmatrix} + \text{con} \\ + \text{voz} \\ + \text{lab} \end{bmatrix}$$

Segundo essa regra, quando o sufixo de gerúndio +áβo ou o nominalizador +áβ segue uma vogal [- alt], a primeira vogal do sufixo

se assimila à posição da vogal anterior. O segundo caso ocorre somente em poucos verbos irregulares, pois o alomorfe que geralmente segue vogais é +sãβ. Por exemplo:

o+ só +ãβo → o+só+óβo → 'e foi'

sikiyé +ãβ → sikiyé + éβ → 'receio'

Em Wayampí não há sufixo de gerúndio. O nominalizador *+ãβ ocorre sem a consoante final (regra diacrônica 7). Logo, o ambiente para essa regra foi eliminado.

Embora em Wayampí haja alguns vestígios residuais do gerúndio (cf. pág. 97-99), não há evidência de um estágio anterior (digamos, antes da queda do β) em que uma regra análoga à regra 7 se aplicasse nesta língua.

8. Nasalização para a direita de consoante sonora

$$\begin{bmatrix} + \text{ con} \\ + \text{ voz} \\ - \text{ nas} \end{bmatrix} \rightarrow [+ \text{ nas}] / \begin{bmatrix} + \text{ sil} \\ + \text{ ace} \\ + \text{ nas} \end{bmatrix} + \begin{bmatrix} + \text{ sil} \\ + \text{ ace} \end{bmatrix} \text{ —}$$

Essa regra se aplica em gerúndios e nominalizações. Por exemplo:

→ kitĩ +ãβo → kitĩ+ámo → 'e cortou'

→ o+manõ+óβo → o+manõ+ómo → 'e morreu'

Como no caso anterior, a queda de sufixo de gerúndio e de consoantes finais em geral causou a eliminação do ambiente necessário para aplicar uma regra análoga em Wayampí.

Não foram encontrados no Wayampí do Amapari casos de +ãr 'nominalizador de agente' em que essa regra se aplica.

9. Nasalização de /r/

$$\begin{bmatrix} + \text{ con} \\ + \text{ voz} \\ - \text{ nas} \\ - \text{ lab} \end{bmatrix} \rightarrow [+ \text{ nas}] / \begin{bmatrix} + \text{ sil} \\ + \text{ ace} \\ + \text{ nas} \end{bmatrix} \left\{ \begin{array}{l} + \\ \neq \end{array} \right\} \text{ —}$$

Exemplos dessa regra em Tupinambá são:

tĩ ≠ rãm → /tĩnãm/ 'que vai ser nariz'

nupã +reme → /nupãneme/ 'quando bater'

irũ +ramo → /irũnamo/ 'na qualidade de companheiro'

Em Wayampi essa regra não se aplica.

etã 'casa' +ramũ 'caso atributivo' → /etãramũ/ 'para ser
casa dele' (WJ)

nupã 'bater' +remẽ 'quando' → /nupãremẽ/ 'quando bateu' (WJ)

etã ≠ rã 'futuro' → /etãrã/ 'futura casa' (WJ)

Comparando esta regra com a de nasalização de consoante surda l, vemos que não se aplica a regra l em morfema com acento nasal.

Evidência em outras línguas, como o Kayabí (Weiss, 1972:ii), de nasalização de /r/ nos leva à conclusão de que essa poderia ter sido uma regra da proto-língua.

10. Supressão de acento

$$[+ \text{ ace}] \rightarrow \emptyset / \text{ — } + \begin{bmatrix} + \text{ sil} \\ + \text{ ace} \end{bmatrix}$$

Exemplos dessa regra em Tupinambá são:

→ ste?ê+éŋo → ste?e+éŋo → 'e o ralou'

→ apitĩ+áŋo → apiti+áŋo → 'e matou'

Essa regra se aplica à formação do gerúndio e por isso não se aplica ao Wayampí.

11. Assílabação

$$\begin{bmatrix} + \text{sil} \\ + \text{alt} \end{bmatrix} \rightarrow [- \text{sil}] / \text{---} + \begin{bmatrix} + \text{sil} \\ + \text{ace} \end{bmatrix}$$

Em Tupinambá quando um tema terminado em vogal alta é seguido por um morfema começado com vogal acentuada, a primeira vogal se torna assilábica (semivogal).

- apiti+âbo → /apityâbo/ 'e matou'
 → karu+âb → /karwâb/ 'lugar de comer'
 → kiti+âmo → /kityâmo/ 'e cortou'
 → ?u+âr → /?wâr/ 'comedor'

A assílabação é consistente com as seqüências consonantais permitidas em Tupinambá. Opera-se uma regra análoga no Asuriní (Harrison, 1975:167):

$$o (*u), i \rightarrow w, y / \text{---}V$$

Em Wayampí não ocorrem seqüências de assilábicos. Logo, essa regra seria inconsistente com as restrições na distribuição dos fonemas segmentais em Wayampí, e conseqüentemente não existe. Contudo, há duas palavras cujas origens são explicadas através de uma regra de assílabação:

- i+ 'terceira pessoa' ?ú 'comer' +âbo 'sufixo de gerúndio'
 → i?wâbo → (eliminação de sufixo de gerúndio) →
 i?wa → (eliminação de assilábico no final de sílaba) →
 iwa 'comê-lo, comendo-o'

O Guarayo também (Newton, 1977:258) tem a palavra iwa 'comendo-o', que teria sofrido os mesmos processos fonológicos que a palavra correspondente em Wayampi.

er+ 'causativo comitativo' ekó 'estar em movimento' +âr
 'nome de agente' → erekwar → (eliminação de consoante
 final) → erek^wa 'esposa'

(O morfema ekó é uma exceção a essa regra, pois o se torna assilábico apesar de ser [- alto].)

12. Elisão de vogal baixa

$$\begin{bmatrix} + \text{sil} \\ - \text{alt} \\ \alpha \text{ pos} \\ \beta \text{ lab} \\ - \text{ace} \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / \text{---} + \begin{bmatrix} + \text{sil} \\ \alpha \text{ pos} \\ \beta \text{ lab} \\ + \text{ace} \end{bmatrix}$$

Exemplos dessa regra em Tupinambá são:

→ apo+óβo → /apóβo/ 'e fez'
 → ste?e+éβo → /se?éβo/ 'e o ralou'
 → otikó?teβe+émo → /oykóteβémo/ 'e estava aflito'
 → o+mano+ómo → /omanómo/ 'e morreu'
 → yuka+áβ → /yukáβ/ 'instrumento de matar'

Essa regra se aplica principalmente à formação de gerúndios e não tem aplicação no Wayampi. Fora disso, trata da formação de nominalizações. Não existe uma regra análoga à regra 12 no Wayampi, como podemos ver nas seguintes nominalizações:

eráa + a → /eraáa/ 'ação de levar'
 yúka + a → /yukáa/ 'ação de matar'
 ména + a → /menáa/ 'casamento'

As regras 7, 8, 10, 11 e 12 aplicam-se principalmente ao sufixo de gerúndio *+ábo que não ocorre no Wayampi (cf. pág. 97). Nota-se porém, que regras semelhantes a 7, 8, 11 e 12 descreveriam as variações que aparecem no Kayabí (cf. Weiss, 1972:vi) e no Parintintín (cf. Betts, 1981:23-24).

13. Nasalização para a esquerda de consoante sonora

$$\begin{bmatrix} + \text{ con} \\ + \text{ voz} \\ - \text{ nas} \end{bmatrix} \rightarrow ([+\text{nas}]) / \text{ ______ } [+sil] + ([-sil])[+\text{sil}][+\text{nas}]$$

Segundo essa regra, uma consoante nasal tem o efeito de opcionalmente nasalizar uma consoante sonora que a precede na palavra. Por exemplo em Tupinambá:

eþo+nã → /emonã/ 'assim, desse modo'

ero+ín → /enoín/ ou /eroín/ 'fazer estar sentado consigo'

ero+sêm → /enosêm/ 'fazer sair consigo'

ero+pu?ám → /enopu?ám/ ou /eropu?ám/ 'fazer levantar consigo'

Em Wayampi o ambiente apropriado para a aplicação dessa regra é o morfema ero+ 'causativo-comitativo', em que ela não se aplica atualmente, porém existiu num tempo anterior, como podemos ver no seguinte exemplo:

enoë 'fazer sair consigo' (cf. acima Tupinambá /enosêm/)

Esta evidência e a existência de regras análogas no Kayabí (Weiss, 1972:5), no Parintintín (1981:181) e no Guaraní Mbyá (Dooley, 1982:170) dão apoio à probabilidade da existência de nasalização para a esquerda de consoante sonora na proto-língua.

14. Inserção de /y/

$$\emptyset \rightarrow \begin{bmatrix} - \text{con} \\ - \text{sil} \\ + \text{voz} \\ - \text{lab} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} + \text{sil} \\ + \text{alt} \\ - \text{post} \end{bmatrix} \text{---} \begin{bmatrix} + \text{sil} \\ + \text{alt} \\ - \text{lab} \end{bmatrix}$$

Em Tupinambá há inserção da semivogal /y/ entre uma vogal alta anterior /i/ e uma vogal alta não labial (/i/ ou /ɨ/):

i+itá → /iyitá/ 'pedra dele'

i+ipĩ → /iyipĩ/ 'o começo dele'

i+iβō+ãβo → /iyiβōmo/ 'e o flechou'

Esse tipo de inserção ocorre também em Wayampi, porém a vogal [+ alta, + lab] não é excluída, como podemos ver nos seguintes exemplos:

i+i → /iyi/ 'mãe dele'

i+upe → /iyupe/ 'para ele'

O Asuriní (Harrison, 1975:66) é como o Wayampi, pois insere-se ĩ (*y) antes de o (*u) e i. Por exemplo:

i+ope → /iĥope/ 'para ele'

Podemos concluir que provavelmente haveria uma regra de inserção na proto-língua entre /i/ e vogais altas.

15. Inserção de /t/

$$\emptyset \rightarrow \begin{bmatrix} + \text{con} \\ - \text{voz} \\ - \text{pos} \\ - \text{lab} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} - \text{sil} \\ - \text{con} \\ + \text{voz} \\ - \text{lab} \end{bmatrix} \text{---} + \begin{bmatrix} + \text{sil} \\ - \text{alt} \\ + \text{pos} \\ - \text{lab} \\ + \text{ace} \end{bmatrix}$$

Essa regra se aplica à formação de nominalizações quando o tema termina em semivogal:

pôy +ár → /pôytár/ 'alimentador'

káy +áβ → /káytáβ/ 'queimada'

enõy +áβ → enõy+táβ → /enõynáβ/ (R. 1) 'lugar onde chamam'

Os mesmos resultados existem também em Wayampi:

poray 'dançar' porayta 'dança'

ekiy 'tirar' pira rekiyta 'pesca'

píkūy 'cavar' ±βi píkūyna 'instrumento para cavar a terra

(enxada)' (WA)

A minha preferência é descrever esse fenômeno como um alomorfe em vez de propor uma regra de inserção. Então haveria três alomorfes na proto-língua para os nominalizadores de agente e de circunstância e para o gerúndio (cf. Cap. 3, morfemas 20, 32 e 33):

agente *+ár/C__ ; *+cár/V__ ; *+tár/y__

circunstância *+áβ/C__ ; *+cáβ/V__ ; *+táβ/y__

gerúndio *+a /C__ ; *+áβo/V__ ; *+ta/y__

Além de representar os fatos em várias línguas (cf. pág. 96,107,108), essa análise seria capaz de explicar os desenvolvimentos nas línguas Kamayurá (cf. Brandon e Seki, 1981:290) e Asuriní (Nicholson, 1978:35,63-65). Nestas últimas, com a queda do *c nos sufixos nominalizadores, o outro alomorfe começado em consoante (t) teria passado a ocorrer no ambiente V__. Assim a consoante t teria substituído a consoante caída (*c).

Mais uma vantagem de excluir essa regra das regras

morfofonêmicas é que resolveria o problema de ordenação das regras 1 e 15. (Não haveria necessidade da regra 1 reaplicar-se.)

Logo, sugiro que em vez de propor uma regra de inserção de /t/ na proto-língua, é melhor reconstruir alomorfes com t para os morfemas de nominalização (32 e 33) e de gerúndio (20).

16. Epêntese de /i/

$$\emptyset \longrightarrow \begin{bmatrix} + \text{ sil} \\ + \text{ alt} \\ - \text{ pos} \end{bmatrix} / [+ \text{ con}] + \text{ --- } \begin{bmatrix} + \text{ con} \\ - \text{ voz} \\ + \text{ cont} \end{bmatrix}$$

No Tupinambá a vogal epentética é /i/ quando essa precede a consoante [- voz, + cont] /s/. Por exemplo:

yaβáβ+swér → /yaβáβiswér/ 'fujão'
 ye?éŋ+swér → /ye?éŋiswér/ 'falador'
 iβír+swár → /iβíriswár/ 'o que está junto de'
 a?ár+swér → /a?áriswér/ 'quase caí'

No Wayampí não há uma regra análoga a essa, pois a queda do *č e *c resultou na eliminação do ambiente para a mesma. A palavra em Wayampí do Amapari que corresponde ao último dado do Tupinambá acima tem a vogal epentética [+ pos, + alt, - lab]:

[a?áriwe] 'quase caí'

Nas línguas Kayabi (cf. Weiss, 1972:iv) e Asuriní (cf. Harrison, 1975:82), há ou houve epêntese de /i/, porém essa ocorre no ambiente descrito na regra 3, como se pode ver nos seguintes dados:

*?ár + βo → ?arimo 'pelo dia' (As)
 *wír + βo → wirimo 'por baixo' (As)
 *?ár + βo → ?arimu 'pelo dia' (Kb)

*mítér + pe → miteripe 'no meio' (Kb)

Nestas duas línguas o ambiente descrito acima para o Tupinambá não existe. (Os dados do Kayabí e do Asuriní dão apoio à possibilidade da existência das duas regras de epêntese na proto-língua).

17. Ditongação

$$\begin{bmatrix} + \text{ sil} \\ + \text{ alt} \\ - \text{ pos} \\ - \text{ ace} \end{bmatrix} \longrightarrow \begin{bmatrix} - \text{ con} \\ - \text{ sil} \\ + \text{ voz} \\ - \text{ lab} \end{bmatrix} / [+ \text{ sil}] \text{ ____ } \left\{ \begin{array}{c} \# \\ [- \text{ sil}] \end{array} \right\}$$

Em Tupinambá uma sequência de duas vogais em que a segunda é [+ alt, - pos, - ace] /i/ resulta num ditongo. Isso ocorre com o locativo partitivo, negação de verbos, incorporação de prefixo de objeto em verbos e a junção de prefixo com tema verbal quando o tema começa com /i/. Por exemplo:

ku?á+i	→	/ku?áiy/	'na cintura'
pítá+i	→	/pítáiy/	'no calcanhar'
a+karú+i	→	/akarúy/	'eu não como'
a+i+potár	→	/aypotár/	'eu o quero'
otikó	→	/oykó/	'ele está em movimento'
eretiké	→	/ereyké/	'você entrou'
a+ityurú+mo+pén	→	/ayyurúmpén/	'quebrei-lhe a boca'

Em Wayampi dois desses ambientes não existem: locativo partitivo⁴ e prefixo incorporado de objeto. Porém a ditongação pode ser observada na negação de verbos, na junção de prefixo com tema verbal e, no dialeto do alto Jari, na incorporação do morfema reflexivo (2).

n+atyuka+i → /nayúkay/ 'não o matei'
 o+iko → /óyko/ 'ele está em movimento'
 o+i+kisi → /oykísi/ 'ele se cortou' (WJ)

Harrison apresentou uma regra análoga a esta(s) também para o Asuriní (1975:167,170). Podemos ver que poderia haver uma regra de ditongação também na proto-língua.

18. Absorção de /i/

$$\begin{bmatrix} + \text{ sil} \\ + \text{ alt} \\ - \text{ pos} \end{bmatrix} \rightarrow \emptyset / \begin{bmatrix} - \text{ con} \\ - \text{ sil} \\ + \text{ voz} \end{bmatrix} _ \#$$

Em Tupinambá um /i/ entre semivogal e pausa é absorvido.

aséy+i# → /aséy/ 'às costas'
 o+poraséy+i# → /oporaséy/ 'não dançou'
 i+mo+sāy+i# → /imosāy/ 'espalharam-no'
 i+moḡarāw+i# → /imoḡarāw/ 'luxou-o'

Há uma regra análoga a essa em Wayampi, com a diferença que o /i/ também é absorvido por um outro /i/ precedente:

n+o+poray+i → /noporay/ 'ele não dançou'
 n+e+kasi+i → /nekasi/ 'eu não sou forte'

Esse último dado é superficialmente homônimo com ne ≠ kasi 'voce é forte'.

19. Inserção de /w/

$$\emptyset \rightarrow \begin{bmatrix} - \text{ con} \\ - \text{ sil} \\ + \text{ voz} \\ + \text{ lab} \end{bmatrix} / \begin{bmatrix} + \text{ sil} \\ + \text{ pos} \\ + \text{ lab} \end{bmatrix} \text{ — } [+ \text{ sil}]$$

Em Tupinambá há inserção opcional de /w/ entre duas vogais quando a primeira é [+ post, + lab]. Por exemplo:

o+etê → /oetê/ ou /owetê/ 'seu próprio corpo'

oro+âr → /orowâr/ 'nós (excl.) o tomamos'

o+úß → /owúß/ 'seu próprio pai'

otoßakê → /ooßakê/ ou /owoßakê/ 'diante de si mesmo'

kuáß → /kuáß/ ou /kuwáß/ 'saber'

apuâr → /apuâr/ ou /apuwâr/ 'amarrar dando muitas voltas
com a corda'

Há uma regra análoga a essa em Wayampi que afeta os prefixos o+ (morfemas 1 e 14) antes de e e a. Nesses casos o o+ também pode mudar-se em w.

o+eraa → /oeraa/ ou /oweraa/ ou /weraa/ 'ele o levou'

o+erek^{Wa} → /oerek^{Wa}/ ou /owerek^{Wa}/ ou /werek^{Wa}/ 'sua própria
esposa'

o+tata → /oata/ ou /owata/ ou /wata/ 'ele anda'

w+ é documentado em ambiente similar como alomorfe de o+ (ou u+) nas línguas Guajajára (Harrison C. e C., 1977:2,1; 3,1), Kayabí (Weiss, 1972:iv) e Parintintín (Betts, 1981:72).

Podemos concluir que provavelmente haveria uma regra de inserção de /w/ ou de assilabação no Proto-Tupí-Guaraní, porém sua forma exata não está clara.

Notas

1 O fonema /ŋ/ ocorre no início da palavra emprestada ŋatu 'gato'.

2 / / representa a realização fonêmica final. A ausência de / / e a presença de → indicam produto intermediário da aplicação de algumas regras.

3 A palavra tiruwo 'roupa longa' (WJ) talvez resulte de cruzamento com outra palavra que sofreu espirantização de consoante labial. Confira dados do Guaraní e do Tupinambá:

iru 'recipiente' (Gi)

urú 'recipiente' (Tb)

aóß 'roupa' (Tb)

aóßukú 'roupa longa' (Tb)

4 Apesar do locativo partitivo aparentemente não ser mais ativo na língua Wayampí, a palavra piy (WJ), que resultou de *pír 'parte próxima' +i 'locativo partitivo', também dá evidência de ditongação (cf. pág. 95).

Capítulo 3

O Desenvolvimento Morfológico do Wayampi

A terceira etapa deste trabalho foi iniciada com a hipótese de que, para morfemas que sofreram apenas mudanças fonológicas a partir da proto-língua, seria possível derivar a forma do Wayampi a partir da forma do Tupinambá. Isso seria possível porque as duas únicas regras de mudança fonológica derivando o Tupinambá da proto-língua são a fusão de *č e *c, e sua mudança em /s/.

Com essa hipótese, projetei as formas que teriam em Wayampi muitos morfemas que eu ainda não tinha registrado nesta língua. Conferindo essas formas com falantes do Wayampi, verifiquei que acertei a maioria dos casos. Esses morfemas do Tupinambá e do Wayampi foram comparados com morfemas de outras línguas da família para reconstruir os proto-morfemas. Quando não havia formas correspondentes nas duas línguas, procurei as formas de outras línguas para tentar determinar qual seria o proto-morfema, com a finalidade de explicar a forma em Wayampi a partir dele.

I. Prefixos relativos com referência ao contexto gramatical

1. *ot¹ "o determinante de um nome é idêntico ao sujeito (que não é o falante nem o ouvinte)".

ot (As², Gu, Kb, Kw, Pt, Tb, W), at (Tp)

*ot → ot

o-etã³ 'sua própria casa'

o-erek^{wa} 'sua própria esposa'

o-po 'sua própria mão'

2. *yet "o determinante de um verbo é idêntico ao sujeito (reflexivo)".

ye+ (As, Ch, Gj, Gu, Kb, Km, Kw, Tb), ěe (Tp)

yi+ (Pt, WA), y+ (~yi+) (WJ)

* ye+ → yi+ (WA) (assimilação)

→ y+ (~yi+) (WJ) (abreviação)

No Wayampí a vogal se teria assimilado à semivogal. No dialeto do alto Jari essa vogal teria caído exceto antes de outra semivogal y:

o-yi-kisi (WA) 'ele se cortou'

o-y-kisi (WJ) 'ele se cortou'

o-yi-yuka (W) 'ele se matou'

3. *yo+ "o determinante alterna-se reciprocamente com o sujeito".

yo+ (As, Ch, Gu, Kb, Km, Kw, Pt, Tb), yu+ (Ub), ěa+ (Tp)

yo+ (W, em ambiente restrito, v. abaixo)

Como prefixo verbal, esse morfema se teria neutralizado em Wayampí com o prefixo reflexivo (2):

*yo \Rightarrow yi+ (WA) (neutralização)
 \Rightarrow y+ (~yi+) (WJ)

Conseqüentemente, a forma única tem duas interpretações quando o sujeito é plural:

o-yi-yuka kupa 'eles se mataram (a si mesmos)'
 'eles se mataram (uns aos outros)'

o-y-kisi kupa (WJ), o-yi-kisi kupa (WA)
 'eles se cortaram (a si mesmos)'
 'eles se cortaram (uns aos outros)'

Essa neutralização entre o reflexivo *ye+ e o recíproco *yo+ ocorreu também em outras línguas da família Tupí-Guaraní. Em Guajajára (Harrison, C. e C., 1977:14,4), como em Wayampi, restou a forma reflexiva (2). Porém, em Urubú (Kakumasu, 1977:14,4) restou a forma recíproca (3).

O prefixo yo+ é conservado em Wayampi com nomes:

*yo+ \rightarrow yo+

Nessa posição yo+ contrasta com o prefixo (1), como podemos ver nos seguintes exemplos:

onupã	yo-akã	kupa
3.bater	cabeça	plural

'Eles se bateram (uns aos outros) na cabeça.'

onupã	o-akã	kupa
-------	-------	------

'Eles se bateram (cada um) na (sua própria) cabeça.'

O contraste é neutralizado quando o objeto é incorporado ao verbo:

o-yi-akãnupã kupa

'Eles se bateram na cabeça.'

'Eles bateram na cabeça um do outro.'

No Proto-Tupí-Guaraní a distribuição destes morfemas seria:

	N	V
reflexivo	ot	ye+
recíproco	yo+	

No Wayampi a distribuição é:

	N	V
reflexivo	ot	yi+ ~ y+
recíproco	yo+	

4. $*(ct \sim yoct) \in t+ \in (it \sim yo+)$ $\in \emptyset$ "o determinante é diferente do sujeito e distinto do falante e do ouvinte".

$ct \sim yoct$ (Gu), $st \sim yost$ (Tb), $ht \sim yoh+$ (GiA),

ht (As, Ch, Gj, Km, Pt, Tp), \emptyset (GiM, W)

$t+$ (As, Ch, GiA, GiM, Gu, Km, Pt, Tb, W)

$it \sim yo+$ (Ch, GiA, GiM, Gu, Kw, Tb), $i+$ (As, Gj, Km, Pt, Tp, W)

\emptyset (Ch, GiA, GiM, Gu, Tb)

Nas línguas Tupí-Guaraní as raízes dividem-se em duas classes (as quais também se subdividem) conforme a sua combinação com certos alomorfes dos morfemas (4), (5), e (8) (cf. pág. 104). O alomorfe $*it$ do morfema 4 combina com raízes da classe I enquanto os alomorfes $*ct$ e $*t+$ combinam com raízes da classe II.

O morfema (4) ocorre em vários ambientes: o determinante referindo o possuidor de nomes, o objeto de relacionais, o sujeito de verbos descritivos e o objeto de verbos transitivos. Em algumas línguas, há incorporação de um prefixo de objeto (da terceira pessoa) depois do prefixo de sujeito em verbos transitivos no modo indicativo. Os alomorfes *yoc+, *yo+ e *∅ ocorreriam somente nesse ambiente. O alomorfe *∅ ocorreria com os verbos *?ú 'comer' e *?é 'dizer' e talvez com o prefixo *mo+ (morfema 26). Os alomorfes *yoc+ e *yo+ ocorreriam somente com temas monossilábicos. Por exemplo em Tupinambá:

a-yo-súß	'eu o visitei'
a-yos-éy	'eu o lavei'
a-y-kutúk	'eu o ferí'
a-s-ekár	'eu o procurei'
a-∅-?ú	'eu o comi'

A ocorrência destes alomorfes é descrita para o Guaraní Antigo (Ruiz de Montoya, 1892:30,70-71), o Guarayo (Hoeller, 1932a:24) e o Tupinambá (Rodrigues, 1981:21-22). Além disto, a ocorrência do alomorfe it+ é descrita para o Chiriguano (Schuchard, 1979:10,28) e o Guaraní Mbyá (Dooley, 1982:17,68). Nestes últimos, observa-se também que há ocorrências do reflexo de *yo+ (Dooley, 1982:78-80; Schuchard 1979:15-16). No caso do Chiriguano (Schuchard, 1979:63,203), o o já se separou do prefixo e atualmente se comporta como parte da raiz:

oyokway	'ele o mandou'
temiokway	'aquele que é mandado'
oyeokway	'ele mandou em si'

ayotĩ 'eu o enterrei'
 ayeotĩ 'eu me enterrei'

Na língua Wayampí, bem como no Asuriní, no Guajajára, no Kayabí, no Parintintín e no Urubú, não há incorporação de prefixo de objeto depois do prefixo de sujeito, e por isso não existe o ambiente apropriado para os alomorfes *yoc+, *yo+ e *∅. Entretanto, há muitos casos no Wayampí em que ocorrem vestígios do alomorfe *yo+:

*yo + ?ók 'arrancar' → yo?o 'arrancar'
 *yo + cǎß 'limpar' → yoĩ 'limpar'
 *yo + tĩm 'plantar' → y + otĩ → otĩ 'plantar'
 *yo + pwáy 'dar ordens' → y + ok^{Way} → ok^{Way} 'pedir'
 *yo + pwâr 'amarrar' → y + ok^{Wa} → ok^{Wa} 'amarrar'
 *yo + ká 'quebrar' → y + oka → oka 'quebrar'

Palavras derivadas dos temas em que somente o (e não yo) é conservado mostram que este desaparece em ambientes onde originalmente não ocorreria:

emitĩ 'o que é plantado'
 emikware 'o que foi amarrado'
 oyika 'quebrou-se'

Os outros alomorfes do morfema (4) (*c+, *t+, *i+) são conservados em Wayampí, o primeiro sendo mudado, por uma regra fonológica diacrônica, para ∅ (cf. pág. 13, 17).

*c+ → ∅ (~ h+ WJ) (Regra Diacrônica 1)
 *t+ → t+
 *i+ → i+

∅-etã	'casa dele'
t-uu	'pai dele'
i-poã	'remédio dele'
∅-upi	'de acordo com ele'
i-pupe	'dentro dele'
∅-epi	'está caro'
i-katu	'está bom'
∅-esa	'encontrando-o'
i-kisi	'cortando-o'

Mesmo se não soubéssemos da queda *c+ → ∅, poderíamos ver por reconstrução interna que houve em Wayampí queda de uma consoante (prefixo) em algumas palavras na terceira pessoa. O morfema negativo do verbo tem vários alomorfes, dos quais dois são significantes neste caso: n+ / __V e na+ / __C. Exceções aparentes dessa regra são as formas negativas de epi 'está caro' e emu 'coça': naepiy e naemuy. A partir destes dados poderíamos reconstruir, ^{no Pré-Wayampí} uma consoante depois do alomorfe na+.

* naCepiy → naepiy 'não é caro'

* naCemuy → naemuy 'não coça'

Com os dados de outras línguas, podemos verificar que esta consoante desaparecida era *c.

5. *r+ ∅ "o determinante é a locução nominal contígua".

r+ ∅ (As, Ch, Gi, Gj, Gu, Kb, Km, Kw, Pt, Tb, Tp, Ur, W)

O alomorfe *r+ combina com raízes da classe II enquanto o alomorfe ∅ combina com raízes da classe I.

*r+ → r+

*∅ → ∅

papa r-ea 'o olho de papai'

papa ∅-akã 'a cabeça de papai'

papa r-esa 'para encontrar papai'

papa ∅-pete 'para dar um tapa em papai'

papa r-upi 'de acordo com papai'

papa ∅-pe 'para papai'

Em Wayampi, como em várias outras línguas da família, o alomorfe r+ se torna nasal quando precedido pelo pronome da série II (designação segundo Rodrigues, 1981:17 para o Tupinambá) pe 'ouvinte mais outrem':

pe-n-ena 'vossa casa'

pe-n-esa 'para vos encontrar'

pe-n-upi 'de acordo convosco'

II. Prefixos relativos com referência ao contexto pragmático

6. *oro+ "o determinante é o ouvinte, sendo sujeito o falante

+ terceira pessoa".

oro+ (As, GiA, GiM, Gu, Km, Kw, Pt, Tb, W)

ro+ (Ch), uru+ (Gj), ara+ (Tp)

* oro+ → oro+

oro-esa 'eu te encontrei' ou 'nós te encontramos'

oro-pota 'eu gosto de ti' ou 'gostamos de ti'

7. *opo+ 'o determinante é o ouvinte mais outrem, sendo o falante (+ terceira pessoa)".

opo+ (GiA, Gu, Km, Pt, Tb), po+ (Ch)

apo+ (Kw), aput (Gj), ãpa+ (Tp)

oropo+ (Kw), urupu+ (Gj, apenas um dialeto)

oro+ (As, GiM), ara+ (Tp), poro+ (W)

Os dados acima apresentam vários fatores que precisam ser explicados a partir de uma reconstrução adequada deste morfema:

1. A forma opo+ tem uma distribuição muito grande, ocorrendo em membros de cinco sub-conjuntos ^{de línguas da família Tupí-Guaraní} (cf. Rodrigues, 1983).
2. As formas que correspondem a apo+ e oropo+ ocorrem em membros de dois sub-conjuntos, muito distantes geograficamente um do outro (Kaiwá do sub-conjunto I, e Guajajára e Tapairapé do sub-conjunto IV). Formas correspondentes em Kaiwá e Guajajára têm de ser explicadas ou como tendo uma origem só, ou como sendo desenvolvimentos paralelos mas independentes.
3. No caso do Kaiwá, outros membros do mesmo sub-conjunto apresentam as formas opo+ (Guaraní Antigo) e po+ (Chiriguano).
4. As formas que correspondem a oro+ ocorrem em línguas muito próximas às em que ocorrem as formas correspondentes a apo+ e oropo+, isto é, nos mesmos dois sub-conjuntos (Guaraní Mbyá no mesmo

sub-conjunto que o Kaiwá, e Asuriní no mesmo sub-conjunto que o Guarajára).

Sugiro que a proto-língua tivesse apenas uma forma, *opo+:

*opo-epyák 'eu vos vi', 'nós vos vimos'

As formas apot e oropot seriam derivadas em algumas línguas a partir de *opo+, abreviado em *po+ e associado aos morfemas de primeira pessoa singular (9) e de primeira pessoa plural exclusiva (11), *a+ e *oro+ respectivamente; pot teria, então, sido reinterpretado como marcador do objeto de segunda pessoa do plural, analogamente ao morfema *i+ ~ *c+ da terceira pessoa (4):

a-po-	'eu vos ___'	oro-po-	'nós vos ___'
a-i-	'eu o ___'	oro-i-	'nós o ___'
a-c-	'eu o ___'	oro-c-	'nós o ___'

Este tipo de desenvolvimento poderia ter ocorrido independentemente em línguas diferentes, como o Guarajára e o Kaiwá.

Os casos de oro+ poderiam ser extensões do uso do morfema *oro+ (6) ou derivações da forma oropot. A interpretação de oro-pot como dois morfemas facilitaria a eliminação de pot, paralela à eliminação do prefixo de objeto (4) (cf. pág. 80) em várias línguas. Os prefixos ãpa+ e ara+ do Tapirapé indicam que oro+ poderia derivar-se de oropot, pois nesta língua ara+ ocorre somente com sujeito plural, onde o Guarajára tem urupu+.

$$*opo+ \rightarrow \begin{cases} a-po+ \rightarrow apot \rightarrow \text{ãpa+ (Tapirapé)} \\ oro-pot \rightarrow oro+ \rightarrow ara+ \end{cases}$$

$$*opo+ \rightarrow \begin{cases} a-po+ \rightarrow apu+ \text{ (Guarajára)} \\ oro-pot \rightarrow urupu+ \end{cases}$$

A derivação de casos de oro+ a partir de oro-pot explicaria o porquê de estas formas ocorrerem dentro dos mesmos sub-conjuntos.

Ainda falta explicar a derivação do morfema (7) poro+ em Wayampí:

poro-esa 'eu vos encontrei', 'nos vos encontramos'

Sugiro que poro+ se tenha derivado a partir de um morfema oro+ correspondente às formas do Asuriní e do Guaraní Mbyá. O p teria sido acrescentado na frente deste morfema por analogia com outros morfemas da segunda pessoa plural, todos os quais são iniciados por p:

peyẽ pronome livre, série I (segundo Rodrigues, 1981:17)
 pet prefixo pessoal (morfema 12)
 pe determinante em locuções nominais e em locuções verbais,
 série II (segundo Rodrigues, 1981:17)

Esperamos que estudos morfológicos de outras línguas do mesmo sub-conjunto a que pertence o Wayampí poderão fornecer informações que nos levem a conclusões mais definitivas. Uma língua deste sub-conjunto, o Urubú, sofreu várias mudanças morfológicas que incluem a eliminação dos prefixos marcadores de objeto (cf. Kakumasu, J., 1977) e, conseqüentemente, não dá mais indicação sobre este morfema. Porém, ainda não foram feitos estudos morfológicos sobre o Guajá e o Emérillon. Talvez estas línguas venham a fornecer-nos informações relevantes para esta análise.

8. $t+ \infty m+ \infty \emptyset \infty (V- > \emptyset)$ "o determinante é ser humano indefinido".

$t+$ (Ch, GiA, GiM, Gj, Gu, Kb, Pt, Tb, Tp, W)

$m+$ (Ch, GiA, GiM, Gj, Gu, Kb, Pt, Tb, Tp, W)

\emptyset (Ch, GiA, GiM, Gu, Pt, Tb, Tp, W)

$(V- > \emptyset)$ (Ch, GiA, Gj, Gu, Pt, Tb, Tp, W)

Esses alomorfes são conservados em Wayampi sem alteração fonológica.

* $t+$ \rightarrow $t+$ (classe II)

* $m+$ \rightarrow $m+$ (classe I)

* \emptyset \rightarrow \emptyset (classe I, II)

* $(V- > \emptyset)$ \rightarrow $(V- > \emptyset)$ (classe II)

$temi\eta^{Way}$ 'servente de gente' ($-emi\eta^{Way}$)

$mo\tilde{a}$ 'remédio de gente' ($-po\tilde{a}$)

oka 'casa de gente' ($-oka$)

$aka\eta$ 'cabeça de gente' ($-aka\eta$)

pee 'caminho de gente' ($-ape$)

III. Prefixos pessoais

9. * $a+ \infty wi+$ "falante $\pm 3^a$ pessoa não focal".

$a+$ (As, Ch, Gi, Gj, Gu, Km, Kw, Pt, Tb, Ur, W), $\tilde{a}+$ (Tp)

$wi+$ (GiA, Gu, Tp), $i+$ (Pt, Tp), $we+$ (As)

*a → a+

a-me?ě 'eu o dei'

a-?a 'eu caí'

*wi+ → (perdeu ambiente)

Em Wayampi há apenas o prefixo a+. As formas de gerúndio dos verbos intransitivos foram substituídas pelas formas do indicativo:

*wicóBo 'indo eu' ⇒ aa

10. *eret ∅ et "ouvinte + 3ª pessoa não focal".

eret (As, Gí, Gj, Gu, Km, Kw, Pt, Tb, Tp, Ur, WJ), ret (Ch)

-eret ~ ne+ (WA)

e+ (As, Ch, Gí, Gj, Gu, Km, Kw, Pt, Tb, Tp, Ub, W)

*eret → eret (Wayampi do alto Jari e, em parte, no Amapari)

ere-?u 'comes, comeste'

ere-ke 'dormes, dormiste'

*e+ → e+

e-?u 'coma!'

e-ke 'durma!'

No dialeto do Amapari o prefixo pessoal, quando em início de palavra, é idêntico ao pronome pessoal ne. Consideremos exemplos nos dois dialetos:

<u>Jari</u>	<u>Amapari</u>	
eremo?e	nemo?e	'tu o ensinaste'
nemo?e	nemo?e	'ele te ensinou'
ereo	neo	'foste'
nekasi	nekasi	'ês forte'

Observamos que no dialeto do Amapari há duas formas homônimas:

nemo?e 'tu o ensinaste'

nemo?e 'ele te ensinou'

Essa homonímia existe apenas com verbos transitivos da classe I, pois nos da classe II se insere o prefixo (5) r+ entre o pronome pessoal objeto e o verbo:

nearũ 'tu o esperas'

nerarũ 'ele te espera'

Quando o prefixo (10) é precedido por outro prefixo, mantém-se a forma ere+ no dialeto do Amapari. Conseqüentemente não há homonímia:

<u>Jari</u>	<u>Amapari</u>	
eremo?e	nemo?e	'tu o ensinaste'
neremo?ey	<u>neremo?ey</u>	'tu não o ensinaste'
teremo?e	<u>teremo?e</u>	'para tu o ensinares'
nemo?e	nemo?e	'ele te ensinou'
nonemo?ey	nonemo?ey	'não te ensinou'
tonemo?e	tonemo?e	'para te ensinar'

11. *oro+ "falante + 3ª pessoa focal: 'nós exclusivo'".

oro+ (As, Gi, Gj, Gu, Km, Kw, Pt, Tb, W), ro+ (Ch), ara+ (Tp)

*oro+ → oro+

oro-?u 'nós (exclusivo) o comemos'

oro-ke 'nós (exclusivo) dormimos'

12. *pe+ "ouvinte + 3ª pessoa focal: 'vocês', isto é, 'você e ele'".

pe+ (As, Ch, GiM, Gj, Gu, Km, Kw, Pt, Tb, Tp, Ur, W)

*pe+ → pe+

pe-?u 'vós o comestes'

pe-ke 'vós dormistes'

13. *ya+ ausência de distinção entre falante e ouvinte

+3ª pessoa não focal em verbos intransitivos: 'nós (inclusivo)' isto é, 'eu e você'.

(segundo Rodrigues, 1981)

*ti+ ausência de distinção entre falante e ouvinte +3ª pessoa não focal em verbos transitivos: 'nós (inclusivo)', isto é, 'eu e você'. (segundo Rodrigues, 1981)

ya+ (Ch, GiM, Gu, Km, Kw, Tb, Ur, W), ča (As, Pt,)

čã (Tp), sa+ (Kb)

ti+ (Pt), či+ (Tp), sí+ (Gj, Kb, W)

Em várias línguas da família Tupí-Guarani, há dois morfemas. Um, que provém de *ya+, ocorre com verbos intransitivos, o outro, que

provém de *ti+, ocorre com verbos transitivos. Essa distinção, que também ocorre na língua Aweti (Monserrat, 1976:4,7) do tronco Tupi, é uma distinção natural em línguas ergativas. A distinção entre *ti+ e *ya+ foi perdida em algumas línguas da família (como o Tupinambá, o Asuriní e o Guaraní.)

O Wayampí conserva os dois morfemas:

*ya+ → ya⁴

*ti+ → si+ (Regra Diacrônica 2)

ya-ke 'dormimos'

si-?u 'comemos'

A língua Tupinambá tem duas interpretações do morfema ya+: 'nós inclusivo', e 'ele (não focal)'. O Wayampí também tem uma segunda interpretação para esse morfema que corresponde parcialmente à segunda interpretação do Tupinambá. Com verbos transitivos, este morfema significa sujeito não focal. (Assim, seu uso é similar a alguns usos de 'a gente' e do reflexivo no português.)

yainũ 'a gente faz ...' ou 'faz-se ...' ou 'costumamos fazer'

ya?u 'a gente come', quer dizer 'é comestível'

Essa forma ocorre em textos descritivos de processo e em informação de fundo. O falante pode dizer ya+ sem que ele mesmo tenha feito a ação. Não foram encontrados casos semelhantes nas descrições sobre outras línguas da família e por isso não chegamos a uma conclusão sobre a existência deste uso do morfema ya+ na proto-língua.

14. *ot "3ª pessoa focal".

ot (As, Ch, GiM, Gu, Km, Kw, Pt, Tb, W), a+ (Tp), u+ (Gj, Ub)

*ot → ot

o-?u 'ele comeu'

o-ke 'ele dormiu'

No Tupinambá há a possibilidade de interpretar esse morfema como ausência de distinção entre falante e ouvinte + 3ª pessoa focal: isto é "eu, você e ele (focal)". Até agora não observamos uso semelhante no Wayampi.

IV. Sufixos flexionais casuais

15. *+a ~ ∅ "caso nominal".

+a ~ ∅ (Pt, Tb, Tp), +a (As, Km), ∅ (Ch, Gi, Gj, Gu, Kw, WJ)

O sufixo de caso nominal teria dois alomorfes: *+a, que segue consoante final, e *+∅, que segue vogal final. Esse caso ocorre com qualquer tema, seja substantivo, seja verbo, cuja função sintática é nominal. Com verbos, o sufixo dá o significado de nome de ação. Exemplos do Tupinambá são os seguintes:

yawár-a 'onça-caso nominal'

yasí-∅ 'lua-caso nominal'

kér-a 'o dormir'

sô-∅ 'a ida'

* +a ~ ∅ → ∅ (WJ)

Minha hipótese original (Jensen, 1983:19) baseada no Wayampi do alto Jari era que a queda de consoante no final de morfema teria

eliminado o ambiente para o único alomorfe expresso fonologicamente. O único ambiente que restou foi o do alomorfe +∅. Logo, o morfema foi eliminado da língua. Por exemplo:

	*yaci	*yaci-∅	*yawar	*yawar-a	*ker	*ker-a
R.D. 1	yai	yai-∅	yawar	yawar-a	ker	ker-a
R.D. 7	yai	yai-∅	yawa →	yawa-∅	ke →	ke-∅
	yai	yai	yawa	yawa	ke	ke

Porém ke 'o dormir, a dormida' é um caso único que encontrei de nome de ação ser expresso desta maneira em Wayampi. Parece que a língua acomodou a queda do sufixo de caso nominal nos substantivos, mas recorreu a outro procedimento para expressar a nominalização de ação (cf. morfema 33).

Esta análise (queda de sufixo de caso nominal) vale só para o Wayampi do alto Jari. No dialeto do Amapari a vogal /a/ ocorre no discurso depois de consoante final de substantivos quando se segue outra palavra, e ainda pode ser analisada como sufixo de caso nominal, porém com certas restrições. O sufixo não aparece no fim de enunciado:

aya ire tayβiŋ^wera rapara oo ##
 isso depois antepassado flecha foi

'Depois disso, a flecha do antepassado foi.'

oporeŋeta rapar ##
 falou flecha

'A flecha falou.'

ikatu te e?i ra?aŋa tayβiŋ^wer ##
 bom destaque disse falsamente antepassado

'--Está muito bom, mentiu o antepassado.'

O sufixo tem neste dialeto um outro alomorfe, +i, que segue /ŋ/ e /tC/:

ememir # kũ → ememiri kũ 'meus filhos'

paŋ # ro?o → paŋi ro?o 'carne de paca'

Segundo esta análise podemos concluir que no Wayampi do Amapari:

*+a → +a ~ +i ~ ∅

*∅ → ∅

Há alguns casos em que o sufixo +a foi reinterpretado como parte do morfema precedente, em vez de cair junto com a consoante final. Por exemplo:

arar+a → arara 'arara' (nos dois dialetos, em qualquer contexto)

wan+a → wana 'nome de procedência' (WA)

16. * +amo ~ +ramo "caso atributivo".

+amo ~ +ramo (As, Tb), +amu ~ +ramu (Kb), +amo ~ +ro (Pt)

+amõ ~ +ramõ (GiA, Tp), +ramo (Gu), +rami (GiM), +romo (Gj),

+ramũ (WJ), +amo, romo (WA)

*+amo → +amo (WA)

*+ramo → +ramũ (WJ)

→ romo (WA)

No dialeto do alto Jari há apenas o alomorfe +ramũ, pois não há ambiente para o alomorfe +amũ ocorrer, isto é, depois de consoante final.

ia-ramũ 'para (ser) canoa'

turua-ramũ 'para (ser) panela'

No dialeto do Amapari há uma partícula romo derivada do alomorfe +ramo. Esta pode combinar com substantivos terminadas em vogal ou em consoante. Se terminam em consoante, o sufixo de caso nominal precede romo:

so?o romo 'para (ser)/ na qualidade de veado'

tapi?ir-a romo 'para (ser)/ na qualidade de anta'

Além desta forma, ainda existe o alomorfe +amo que se combina com nomes terminados em consoante. Porém romo é mais usado:

imen-amo 'para (ser) o marido dela'

imen-a romo

íar-amo 'para (ser) canoa'

íar-a romo

imemír-amo 'para (ser) o filho dela'

imemír-í romo

17. *+pe "caso locativo puntual".

+pe (As, Ch, GiA, Gu, Kb, Pt, Tb, Tp), +pi (GiM), +p (Km)

*+pe → +pe

míter +pe → míteripe (WA) 'no meio'

míte +pe → mítepe (WJ)

wír +pe → wíripe (WA) 'em baixo'

wí+pe → wípe (WJ)

18. *+Bo "caso locativo difuso".

+Bo (GiA, Pt, Tb)⁵

*+Bo → (desapareceu)

Esse sufixo foi perdido em Wayampi. Porém há evidência de que existiu anteriormente na língua:

?ariwo (WJ) / ?ariBo (WA) 'por cima'

?ariwo (WJ) / ?ariBo (WA) 'de dia'

Nessas palavras, Bo não significa mais 'locativo difuso'. O relacional rupi 'por, através de' é empregado para comunicar esse sentido.

?ariBo rupi 'pelo dia' (WA)

pia rupi 'pela noite'

19. *+i "caso locativo partitivo".

+i (GiA, Pt, Tb, W?)

Não está claro se este morfema está ativo no Wayampi atual.

Porém, pelo menos em estado anterior desta língua esteve ativo:

pír 'parte próxima' → pír (WA), pí (WJ)

pír +i → píri (WA)

pí+i → píy (WJ)

Há indícios da existência do morfema +i na palavra píri em muitas línguas (As, Ch, Kb, Pt, Tp).

V. Sufixos modais

20. *+ãβo ~ +ta ~ +a 'gerúndio'.

+ã(ɔ) (GiA, Pt, Tb), +awu (Kb), +wo (Tp), +o (As), ∅ (Gu)

+ta (As, GiA, Gj, Kb, Pt, W)

+pə (Gj)

+a (As, GiA, Kb, Pt, Tb, Tp)

Haveria a seguinte distribuição de alomorfes:

*+ãβo / V ____

*+ta / y ____

*+a / C ____

Segundo os dados do Guaraní Antigo (Ruiz de Montoya, 1892:1,47), do Kayabí (Weiss, 1972:vi), do Parintintín (Betts, 1981:23-24) e do Tupinambá (Rodrigues 1981:4-5,8), o primeiro alomorfe deve ser *+ãβo e não *+βo. A ele se aplicariam várias regras morfofonêmicas (Cap. 2, III, 7-12).

O alomorfe +ta seguiria /y/ (cf. pág. 68). A ele se aplicaria a regra morfofonêmica 1 de nasalização (cf. Betts, 1981:23-24; Weiss, 1972:vi). Reflexo desse alomorfe não ocorre em Tupinambá; nesta língua o alomorfe +a o substitui.

Quando um tema termina em um reflexo de *r, esse cairia antes de acrescentar-se o alomorfe *+a. Em Tupinambá houve queda do r sem acréscimo do sufixo.

Quando o alomorfe *+a segue um tema que termina em fricativa bilabial, essa última se torna oclusiva (β → p). Com a fusão de *β e *w em Guajajára, o p teria sido reanalisado como parte do sufixo +a, resultando em +pə. Este se teria generalizado na língua, fora as ocorrências de +ta (Harrison, em comunicação pessoal).

*+áβo → (desapareceu em Wayampi)

*+ta → +ta

*+a → (desapareceu em Wayampi)

O sufixo de gerúndio não existe mais em Wayampi com a exceção das poucas ocorrências do sufixo +ta:

*mono+áβo → mono 'fazendo ir'

*epyák+ta → esa 'encontrando-o'

*ekíy+ta → ekiyta 'pegando-o'

*manõ+áβo → manũ 'morrendo'

emomo imono 'joga fora! (joga, fazendo-o ir)'

aa esa 'vou encontrá-lo'

aa pira rekiyta 'vou pegar peixe'

oʔa omanũ 'caiu, morrendo'

Apesar de não existir mais o sufixo de gerúndio fora das poucas ocorrências de +ta, há outra evidência da existência prévia desse sufixo em Wayampi:

*kúβ 'estar juntos' + *a 'suf. ger.' → kupa 'estando juntos'

→ kupa 'plural'

Em Wayampi kupa⁶ foi reinterpretado como pluralizador do sujeito do verbo. Ele ainda aparece na posição normal do gerúndio, isto é, no final da oração:

noma?ëy ee kupa 'não o viram'
neg.3.olhar.neg 3.a plural

owãe karume kupa 'chegaram à tarde' (WJ)
3.chegar à tarde plural

Há um verbo que indica ação contínua, sem deslocamento, o qual provém dos gerúndios de dois verbos. As formas do singular provém do

gerúndio de *úß/yúß 'estar deitado' e as formas do plural provêm do gerúndio de *kúß 'estar juntos'.

1s	a-yupa (WA)
2s	ne-yupa
3	upa (cf. Tb o-úpa)
1pi	ya-kupa
1pe	oro-kupa
2p	pe-kupa

No dialeto do alto Jari as primeiras duas formas foram abreviadas para a-ypa e ere-ypa.

Como já indicamos, o morfema (9) perdeu seu alomorfe wi+, que teria combinado com os gerúndios de verbos intransitivos. O alomorfe e+ do morfema (10) também teria ocorrido nesse ambiente, porém agora ocorre apenas em imperativos. Comparando os dados do Wayampi com os do Tupinambá, podemos ver que houve cruzamento entre os paradigmas do gerúndio e do indicativo:

Tupinambá Gerúndio	Pré-Wayampi Gerúndio	Tupinambá Indicativo
wi-t-úp-a	a-yúp-a	a-yúß
e-yúp-a	ere-yúp-a	ere-yúß
o -úp-a	úp-a	o- úß

Depois da criação desse novo verbo houve mais uma mudança em cada um dos dois dialetos. No Wayampi do alto Jari apareceram as formas abreviadas, aypa e ereypa. No Wayampi do Amapari houve a mudança no prefixo pessoal (10) para ne, produzindo neyupa.

Forma procedente do alomorfe *+áßo foi encontrada apenas com o tema ?u 'comer'. (cf. pág. 65):

?u + áßo → wa 'comendo'

21. *+i ~ +w "circunstancial".

+i (As, GiA, Kb, Km, Pt, Tb, Tp)

+w (Km, Tb)

No Tupinambá e no Kamayurá o alomorfe +w ocorre depois de vogais, o +i depois de consoantes. Reconstruí estes dois alomorfes também para a proto-língua pela seguinte razão: Se se tratasse de assilabação de +i depois de vogal, esperaríamos como alomorfe +y (e não +w), como no sufixo negativo (cf. pág. 20). Porém, se +w fosse alomorfe já na proto-língua, as formas nas outras línguas poderiam ser explicadas a partir da extensão do alomorfe +i.

Em algumas destas línguas o sufixo só co-ocorre com prefixo da terceira pessoa. Porém, em Parintintín este sufixo co-ocorre com outras pessoas também.

*+i → ∅ (desapareceu)

*+w → ∅ (desapareceu)

Em Wayampí o circunstancial foi perdido em favor do indicativo (cf. pág. 117-121).

oo k^{wee} 'ele foi ontem' (*indicativo)k^{wee} oo 'ontem ele foi' (*circunstancial)

Há dois verbos em que ainda existem as formas circunstanciais: *ikó/ekó 'estar em movimento', *úβ/yúβ 'estar deitado'. No verbo *ikó/ekó a forma indicativa da terceira pessoa é oyko:

tapi?i oyko pee rupi 'Uma anta está (em movimento)
no caminho.' (WJ)

Mas quando este verbo é precedido por circunstância, aparece a forma circunstancial ekoy:

pee rupi ekoy 'Está (em movimento) no caminho.'

Na terceira pessoa do verbo *úβ/yúβ sō ocorre a forma circunstancial tuy e não a do indicativo. Isso pode dever-se a razões fonológicas, pois por causa da queda de consoantes finais, a forma do indicativo se tornaria homônima da forma correspondente do verbo 'vir'.

*oúr → ou → uu 'vem, veio'

*oúβ → ou (não existe)

*túβi ~ túi → tuy 'estar deitado ou situado'

A palavra tuy ainda aparece sempre na posição apropriada para a forma circunstancial, isto é, precedida por circunstância:

marirá pe tuy 'Ele está morando em Mariry.'

22. *+VmV ~ +rVmV "subjuntivo".

Há muitas variações desse morfema nas várias línguas da família:

+eme ~ +reme (Tb), reme (WA), remē (WJ), mehe (Gj),

+amu ~ ramu (Kb), +amo ~ +ramo (As), +ramo (Kw, Tp),

+amō ~ +ramō (GiA), +ramōē (Km), +ame ~ +rame (Pt),

+rahã (Ur)

Onde há um alomorfe começado por vogal e outro por consoante, o primeiro ocorre após consoante e o segundo após vogal. As formas do Wayampi, que não tem mais temas verbais terminados em consoante, correspondem ao alomorfe pós-vocálico do Tupinambá:

aa remē (WJ), aa reme (WA) 'quando eu fui; se/quando eu for'

Em Wayampi o morfema subjuntivo não é um sufixo verbal, mas um enclítico que se pospõe ao último elemento da oração. Em orações subjuntivas (ou subordinadas) o verbo geralmente, embora nem sempre, é o último elemento:

Be/4685

oo remẽ (WJ) 'quando ele foi'
3.ir

aarũ aypa remẽ (WJ) 'quando eu estava esperando'
ls. esperar ls. estar
(sem movimento)

amosi mosi ipupe remẽ (WJ) 'quando eu borrifei (veneno)'
ls. borrifar 3. dentro dentro dela (da casa)'

23. * \emptyset "indicativo".

A forma indicativa em Wayampi, como nas demais línguas da família, não é marcada por sufixo:

* \emptyset \rightarrow \emptyset

moju oroesa- \emptyset 'encontramos uma sucuri'

24. * \emptyset "imperativo".

A forma imperativa em Wayampi, como nas demais línguas, também não é marcada por sufixo.

* \emptyset \rightarrow \emptyset

e?u- \emptyset 'come!'

epií- \emptyset 'pega!'

pe?u- \emptyset 'comei!'

pepií- \emptyset 'pegai!'

VI. Prefixos derivativos

25. *emi+ "nominalizador de objeto".

emi+ (As, Ch, GiA, GiM, Gj, Gu, Kb, Km, Pt, Tb, Tp, W)

*emi+ \rightarrow emi+

emi-yuka \rightarrow emiyuka 'aquilo que foi morto (caça)'

er-emi-esa \rightarrow eremiesa 'aquilo/aquele que encontrei'

26. *mo+ "causativo simples".

mo+ (As, Ch, GiA, GiM, Gu, Kb, Km, Pt, Tb, W)

mut (Gj, Ur), ma+ (Tp)

*mo+ → mo+

mo-ẽ 'fazer sair'

mo-yau 'fazer tomar banho, dar banho'

mo-kasi 'fortalecer'

mo-epi 'pagar'

Com este morfema manifesta-se, em alguns casos, a regra de nasalização (cf. pág. 54):

mo + pi → momi 'fazer parar de'

mo + kiye → moŋiye 'fazer ter medo, assustar'

27. *ero+ ~ ro+ "causativo-comitativo".

ero+ ~ ro+ (As, GiA, GiM, Gu, Kb, Km, Pt, Tb, Ur, W)

rot (Ch), erat ~ rat (Tp), erut ~ rut (Gj)

O alomorfe ero+ segue os prefixos pessoais que terminam em o, bem como os morfemas *r+ e *c+.

*ero+ ~ ro+ → ero+ ~ ro+

a-ro-?a 'fiz cair comigo'

o-ero-?a 'fez cair consigo'

∅-ero-?a 'fazendo-o cair consigo'

iwira rakã r-ero-?a (WJ) 'fazendo o galho cair consigo'

Há certos verbos formados com outras variantes desse morfema.

Esses verbos apresentam certa padronização nas línguas da família:

er+ ~ r+

a-r-eko → areko 'fiz estar comigo, possui'

o-er-eko → oereko 'fez estar consigo, possuiu'

erat ~ rat

a-ra-a → araa 'fiz ir, levei'

o-era-a → oeraa 'fez ir, levou'

VII. Sufixos derivativos endocêntricos

28. *+wačú ~ +učú "intensivo".

+wacú ~ ucú (GiA, Gu), +wasú ~ +usú (Tb),

+wahu ~ uhu, +hu (Ur), +hu ~ +uhu, +hū ~ +uhū (Pt),

+waču (GiM), +wasu (Ch, Kw), +wasu, +u (WJ)

+wasu ~ +u, +usu (WA), +uhu ~ hu (Gj), +uu (Kb), +(o)o (Tp)

Os alomorfes teriam a seguinte distribuição:

*+wačú / V ____

*+učú / C ____

*+wačú → +wasu

*+učú → +u, +usu

Em Wayampí os alomorfes desse morfema deviam ter sofrido mudanças fonológicas, resultando em wau e uu, mas com sobrevivências apenas do primeiro no dialeto do alto Jari, por não haver mais temas terminados em consoante. Entretanto, nesse dialeto são usadas as formas +wasu e +u, apesar de a segunda ter perdido seu ambiente original. Conseqüentemente há pares de palavras com o mesmo significado. Por exemplo:

tatuu 'tatu grande'

tatuwasu 'tatu grande'

Além disso, a variante +usu foi encontrada só na palavra pítunusu 'escuridão': o sufixo não sofreu mudança maior e impediu a queda da consoante final do tema.

No dialeto do Amapari ainda existe o ambiente original dos alomorfes que provêm de *uču:

ɬar-u 'canoa grande, isto é, navio ou avião'

aman-usu 'chuva forte'

ɬtu-wasu 'cachoeira grande'

Nos dois dialetos o sufixo +wasu é o mais usado. No dialeto do Amapari ele desempenha um papel intensificador também em verbos:

Jari: okɬwete amã 'a chuva cai muito'

Amapari: okɬwasu amã 'a chuva cai muito'

É possível que +wasu e +usu tenham sido reintroduzidos por empréstimo da Língua Geral (sugestão de Rodrigues, comunicação pessoal); daí a presença do fonema s e a existência de doublets como tatuu e tatuwasu.

29. *+ʔi "atenuativo".

+ʔi, +ʔi (GiM, Pt, Tb), +ʔi (As, Gu, Tp, W), aʔi (Gj),

+iʔi ~ +ʔi (Kb)

*+ʔi → +ʔi

kumana 'feijão'

kumana-ʔi 'espécie de feijão pequeno'

ʔariβo 'dia' (WA)

ʔariβo-ʔi 'um pouquinho de dia (no fim do dia)' (WA)

Há casos no Wayampí em que teria ocorrido metátese da oclusiva glotal e da consoante, como em Parintintín (cf. pág. 61):

Wayampí

*takwar 'taquara' + ?i → takwa?ri → tak^Wari
'esp. de taquara pequena'

*?iβ+?i → ?i?βi → (?)iβi 'esp. de árvore pequena
(envira preta)' (WA)

Este sufixo ocorre principalmente em nomes de plantas e animais. Na formação atual de atenuativo no Wayampí o sufixo ?i é substituído por +miti no dialeto do Amapari e ra?i no dialeto do alto Jari:

keamiti 'rede pequena' (WA)

keara?i 'rede pequena' (WJ)

oporeṇetamiti 'fala pouco'

30. *+e?im 'negativo'.

e?im (Gu, Km, Pt, Tb, Tp), +e?im- ~ +e?i (GiA), e?i (GiM, Kw, W)
+im (Ub), +?im (Gj), +i?im (As), e?em (Kb)

*+e?im → +e?i

No Wayampí esse sufixo ocorre principalmente com os verbos precedidos pelo prefixo de finalidade t+:

to?u+e?i 'para ele não comê-lo'

tomanū+e?i 'para ele não morrer'

Esse sufixo na sua forma original ficou preso ao nominalizador de circunstância (33) para significar 'lugar onde não há ...':

*+e?im-âβ → e?ima

i tīpi-e?ima 'lugar onde não há água funda'

31. *+iwán, +iwár "nome de procedência".

+iwár, +iwán (Tb), +iwar (Gj, Gu), +iwa (Ch), +wã (WJ)

+iwana ~ +wana (WA)

*+iwan → +iwana ~ +wana (WA)

→ +wã (WJ)

No dialeto do Amapari há dois alomorfes, +iwana, que segue consoantes, e +wana, que segue vogais:

íβitir + iwana → íβitiriwana 'serrano'

ítuwasu + wana → ituwasuwana 'habitante de Cachoeira'

No dialeto do alto Jari, há apenas um alomorfe, +wã:

íwiti-wã 'serrano'

ítuwasuwã 'habitante de Cachoeira'

Note-se que a perda da vogal inicial de *+iwán só após vogais no Wayampí do Amapari teve como consequência o reforço da regra (sincrônica) de epêntese (cf. pág. 57), visto que agora a vogal í em íβitiriwana pode ser interpretada como vogal epentética.

VIII. Sufixos derivativos exocêntricos

A. Nominalizadores de temas verbais

32. *+tár ~ +cár ~ +tár "agentivo".

+tár (As, Gj, Gu, Pt, Tb), +tar (WA), +át ~ +ár- (Kb, Km),

+ár- ~ +á (GiA), +är (Tp), +a (Ch, WJ)

+cár (Gu), +sár (Tb), +hár (Gj, Pt, Ur), +hár- ~ +há (GiA, Kw),

+há (GiM)

+tár (As, Gu, Tb), +tát ~ +tár- (Km), +tár- ~ +tá (GiA)

Os alomorfes na proto-língua teriam a seguinte distribuição (cf. pág. 69; Jensen, 1983:18-19):

*+âr / C ___; *+câr / V ___; *+târ / y ___

As regras diacrônicas 1 (queda de *c) e 7 (queda de consoante final) operariam para produzir as formas dos dois dialetos do Wayampi:

*+âr, +câr → +ar (WA)
+a (WJ)

*mo?é 'ensinar' +câr → mo?ear 'professor' (WA)
mo?ea 'professor' (WJ)

*petêk
↓
pete + ar → petear (WA) 'pessoa que dá uma palmada'
pete + a → petea (WJ)

Não foram encontradas nominalizações com o alomorfe +tar. Porém, analogamente ao que se dá com o nome circunstancial (33), é possível que se venha a encontrar esse alomorfe.

33. *+âβ - +câβ ~ +tâβ "circunstância".

+âβ (Pt, Tb), +âp ~ +âw- (Kb, Km), +âw (As, Gj), +ãw (Tp),
+a (Ch, W)

+sâβ (Tb), +hâβ (Pt), +hâw (Gj), +hâp (Ur), +ca (Gu),

+há ~ +hâw- (Kw)

+tâβ (Pt, Tb), +tâp ~ +tâw- (Km), +taw (As), +ta (W)

A distribuição e a derivação em Wayampi de alomorfes seria como a do sufixo 32:

*+âβ, +câβ → +a (Regras diacrônicas 1 e 7)

*+tâβ → +ta (Regra diacrônica 7)

pete-a 'lugar em que se dá uma palmada'

mo?e-a 'lugar em que se ensina'

pira rekíy-ta 'lugar ou instrumento de pescar'

A regra morfofonêmica 1 (cf. pág. 54) nasaliza o sufixo +ta quando esse segue um tema nasal. Por exemplo, no dialeto do alto Jari:

iwi piküy+ta → iwi piküyna 'instrumento de cavar
a terra (enxada)'

No Wayampi do alto Jari os dois sufixos, agentivo e circunstancial, se neutralizaram pela queda das consoantes finais:

*mo?é+cár → mo?ea 'pessoa que ensina (professor)'

*mo?é+cáß → mo?ea 'lugar de ensino (escola)'

Contudo, mantêm-se distintos no pretérito:

*mo?é+cár+wér → mo?eare 'pessoa que era professor' (WJ)

*mo?é+cáß+wér → mo?eawe 'lugar que era escola' (WA)

Essa situação é como a do Kaiwá (Taylor, 1966:17):

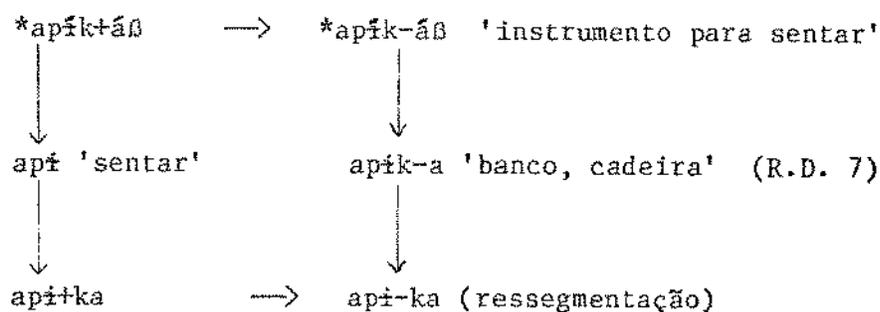
Presente: +ha

Passado: +hare, +hawe

Porém o sufixo neutralizado do Wayampi pode significar mais do que agente ou circunstância. O conceito de circunstância se expandiu para incorporar o nome de ação (Jensen, 1983:21). Assim o sufixo +a substitui o sufixo desaparecido de caso nominal:

mo?e-a 'ação de ensinar'

Por outro lado, foi desenvolvido um novo nominalizador instrumental, +ka. É um caso de criação analógica, na base de temas que terminavam originalmente em k. Por exemplo:



Quando o sufixo foi reinterpretado como +ka, este último passou a ser usado na formação de novas palavras por analogia:

kusiwa+ka → kusiwaka 'instrumento para desenhar'⁷

Como com o alomorfe *+a do gerúndio (cf. pág. 96), quando os sufixos nominalizadores *+ár e *+ãß seguem um tema que termina em fricativa bilabial, esta última se torna oclusiva ($\beta \rightarrow p$) (cf. Tb kuãß 'saber', agentivo kuápâr). O Wayampí conserva as formas produzidas por esse processo, terminadas em -pa:

karai kua-pa 'instrumento para saber a febre (termômetro)'

de *kuwaaß 'saber'

iasa-pa 'instrumento para atravessar a água (ponte)'

de *ačaß 'atravessar'

Formas como kusiwapa 'instrumento para desenhar' (WA), derivada de kusiwa 'desenhar', indicam que também +pa tem sido reinterpretado como variante do sufixo nominalizador instrumental, aliás em competição com +ka, pois também ocorre kusiwaka com o mesmo sentido.

34. * +ßór "agente habitual".

+ßór (Tb), +ßó (GiA)

Não encontramos este morfema em outras línguas além do Tupinambá e do Guaraní Antigo.

35. *+pír "paciente".

+pír (Gj, Gu, Pt, Tb), +pít ~ +pír- (Kb, Km, Tp),

+pí ~ +pír- (GiA), +pí (GiM)

*+pír → (desapareceu)

Este morfema não foi encontrado em Wayampi. Sua função foi transferida para os morfemas emi+ (25) e +ma?e (37).

36. *+cwér "propendente".

+swér (Tb), +wér (Gj), +se (Ch), +cé (GiA)

*+cwér → +we (Regras diacrônicas 1 e 7)

Este morfema é pouco usado. Mas aparece no seguinte caso:

iyāwe 'corredor'

B. Nominalizadores de frases

37. *+βa?é "nominalizador de predicados".

+βa?é (GiA, Gu, Kw, Tb), +βae (Ch), +βe?é (Pt), +va (GiM),

+wa?e (As)

+ma?e (Gj, Kb, Km, Tp), ma?ë (W)

Não parece necessário propor um alomorfe nasalizado no Proto-Tupí-Guaraní, pois a generalização de +ma?e pode ter partido de uma possível nasalização de β após vogais nasalizadas em algumas línguas como o Guajajára, o Kayabí, o Kamayurá, o Tapirapé e o Wayampi: *oinupã-βa?é → *oynupãma?é 'aquele que bate'.

*βa?é → ma?ë (W)

oata ma?ë 'aquele que anda'

Em algumas línguas, como o Guajajára (Bendor-Samuel, 1972:119) e o Tapirapé (Almeida, 1983:32), o nominalizador de predicado ocorre apenas com verbos intransitivos e descritivos. Porém, em Wayampí este apresenta um uso muito mais amplo, tendo assimilado, em parte, a função de *+ár (32) e também a do morfema desaparecido *+pír (35).

O morfema ma?ë ocorre tanto com verbos transitivos quanto com os demais. Vejamos os seguintes exemplos que mostram os ambientes em que ma?ë ocorre:

Sujeito de verbo transitivo

enupã ma?ë 'aquele que me bateu'

Sujeito de verbo intransitivo

oata ma?ë 'aquele que anda'

Sujeito de verbo descritivo

íkasi ma?ë 'aquele que está forte'

Posse

írusĩ ma?ë 'aquele cuja roupa é branca'

Objeto de verbo transitivo

anupã ma?ë 'aquele em que bati'

Complemento posposicional

ame?ẽ iyupe ma?ẽ 'aquele para quem eu o dei'
 aa ikotí ma?ẽ 'para onde eu fui'

38. *+cwár "nominalizador de complementos circunstanciais".

+swár, +nwár (Tb), +war (As, WA), +wát ~ +wár- (Kb)
 +wa (Ch, WJ), +cwá (GiA)

*cwár → +war (WA) (Regra diacrônica 1)
 +wa (WJ) (Regras diacrônicas 1 e 7)

ítuwasu pewar 'residente de Cachoeira' (WA)
 ituwasu pewa 'residente de Cachoeira' (WJ)
 yawa rewa 'quem trabalha sempre com onças (gateiro)' (WJ)

IX. Reduplicação**39. *Reduplicação monossilábica "ação sucessiva".**

Red. mon. (Ch?, GiA, Gj?, Km, Pt, Tb, Ur, W)

A reduplicação monossilábica é formada pela repetição da última sílaba acentuada da palavra. Se tal sílaba terminar em consoante ou semivogal, esta é excluída da raiz. O significado em Tupinambá é de ação sucessiva, isto é, em verbos transitivos 'um objeto depois do outro', e em verbos intransitivos 'um sujeito depois do outro'. Por exemplo:

aymokón 'eu o engoli'
 aymokókón 'eu os engoli um após o outro'

oropór 'nós saltamos'
 oropópór 'nós saltamos um depois do outro'

Há exemplos de reduplicação monossilábica nos dois dialetos do Wayampi:

amokū 'eu o engoli' (WJ)
 amokūkū 'eu os engoli, um após o outro'

 yapo 'nós (inclusivo) saltamos' (WJ)
 yapopo 'nós saltamos um depois do outro'

 oyitɨ 'derrubou-se' (WA)
 oyititɨ 'derrubaram-se, um depois do outro'

40. *Reduplicação dissilábica "ação frequentativa".

Red. dupl. (Ch, GiA, Gj, Gu, Km, Pt, Tb, Tp, Ur, W)

A reduplicação dissilábica é formada pela repetição da última sílaba acentuada da palavra e da sílaba imediatamente precedente, ainda que esta pertença a outro morfema; a consoante ou semivogal final da raiz tem o mesmo tratamento que se dá com o morfema da reduplicação monossilábica. Seu significado é de ação repetida, várias vezes ou em vários lugares. Por exemplo, em Tupinambá:

mokómokón 'engolir várias vezes'
 orosórosō 'fomos várias vezes'

Há reduplicação dissilábica também em Wayampi:

nupã	'bater com instrumento'
nupãnupã	'bater repetidamente no mesmo objeto com instrumento'
ike	'entrar'
ikeike	'entrar várias vezes'
opo	'pulou'
opopo	'deu vários pulos'

A interpretação de "ação freqüentativa" nem sempre serve para os dados do Wayampí. Às vezes a interpretação correta nesta língua é de "ação sucessiva", como nos seguintes exemplos:

oikeike	'entraram um depois do outro'
oẽ oẽ	'sairam um depois do outro'

X. Raizes

Segue-se a classificação de raizes desenvolvida por Rodrigues na sua descrição do Tupinambã (1981:10), que também poderia ser usada para a família em geral. Os alomorfes com s+ do Tupinambã teriam *c+ na proto-língua. (A numeração usada aqui é a do meu trabalho.¹)

"Raizes: 1. com flexão, a. nominais, b. verbais;

2. sem flexão, c. partículas

(a) Nominais - combináveis com os sufixos casuais e não combináveis com os prefixos pessoais nem com os sufixos modais

(b) Verbais - combináveis com os prefixos pessoais e com sufixos modais.

(c) Partículas - não combináveis com afixos flexionais.

Classificação das raizes:

Classe I - combinável com o alomorfe i+ do prefixo 4.

Subclasse Ia - raizes que não começam por /p/; combinam-se com o alomorfe \emptyset do prefixo 8.

Subclasse Ib - raizes que começam por /p/; combinam-se com o alomorfe m+ do prefixo 8.

Classe II - combinável com os alomorfes s+ e t+ do prefixo relativo 4 (todas as raizes desta classe começam por vogal).

Subclasse IIa - raizes que se combinam com o alomorfe t+ do prefixo 8 e com o alomorfe s+ do prefixo 4.

Subclasse IIb - raizes que se combinam com o alomorfe t+ do prefixo 8 e com o alomorfe t+ do prefixo 4.

Subclasse IIc - raizes que se combinam com o alomorfe \emptyset do prefixo 8 e com o alomorfe s+ do prefixo 4.

Subclasse IId - raizes que se combinam com o alomorfe (V- > \emptyset) do prefixo 8 e com o alomorfe s+ do prefixo 4.

Classe III - não combinável com os prefixos relativos
(esta classe inclui só raízes nominais)."

(Rodrigues, 1981)

Vejamos a distribuição dos alomorfes dos prefixos 4, 5 e 8, respectivamente, segundo as classes e subclasses das raízes, na língua Wayampí:

- Ia i-akã 'cabeça dele', papa \emptyset -akã 'cabeça de papai',
 \emptyset -akã 'cabeça de gente'
- Ib i-poã 'remédio dele', ai \emptyset -poã 'remédio para dor',
moã 'remédio de gente'
- IIa \emptyset -ea 'olho dele', papa r-ea 'olho de papai',
t-ea 'olho de gente'
- IIb t-eke?ir 'irmão mais velho dele', papa r-eke?ir
'irmão mais velho de papai', t-eke?ir 'irmão mais
velho de homem' (WA; os exemplos do WJ ocorrem sem r final)
- IIc \emptyset -oka 'casa dele', papa r-oka 'casa de papai',
 \emptyset -oka 'casa de gente'
- IIId \emptyset -epanakũ 'panacu dele', papa r-epanakũ
'panacu de papai', panakũ 'panacu de gente'
- III (não possuída) arara 'arara', k^waraĩ 'sol'

XI. Conclusões morfológicas

No desenvolvimento morfológico do Proto-Tupí-Guaraní, o Wayampí, com respeito aos seguintes fenômenos, se mostra:

Proto-Tupí-Guaraní

	Indicativo	Gerúndio	Circunstancial/ Subjuntivo
Intransitivo	Nom 1	Nom 2	Abs
Transitivo A>P	Nom 1	Abs	Abs
Transitivo P>A	Abs	Abs	Abs
Descritivo	Abs	Abs	Abs

Wayampi

	Indicativo	Gerúndio	Circunstancial/ Subjuntivo
Intransitivo	Nom 1	Nom 1	Nom 1
Transitivo A>P	Nom 1	Abs	Nom 1
Transitivo P>A	Abs	Abs	Abs
Descritivo	Abs	Abs	Abs

A>P agente é hierarquicamente superior ao paciente
 P>A paciente é hierarquicamente superior ao agente

Nom 1: os prefixos pessoais com *at e *eret
 Nom 2: os prefixos pessoais com *wi+ e *e+

Exemplos do Proto-Tupí-Guaraní e do Wayampi

	Indicativo	Gerúndio	Circunstancial
Intrans.	*a+poracéy ↓ a+poray 'dancei'	*wi+poracéyta ↓↓ a+porayta 'dançando eu'	*čé#poracéy ↓↓ a+poray 'dancei'
Trans.A>P	*o+i+nupã 'ele bateu nele' ↓ o+nupã 'ele bateu (nele)'	*i+nupãmo ↓ i+nupã 'batendo nele'	*i+nupãw '(ele) bateu nele' ↓↓ o+nupã 'ele bateu (nele)'
Trans.P>A	*né#rekār ↓ ne#reka '(ele) te procurou'	*né#rekāa ↓ ne#reka 'procurando-te'	*né#rekāri ↓ ne#reka '(ele) te procurou'
Descr.	*čé#roriβ ↓ e#rori 'eu estou alegre'	*čé#roriβamo ↓ e#rori romo (WA) 'estando eu alegre'	*čé#roriβi ↓ e#rori 'eu estou alegre'

Com verbos transitivos (A>P) somente os prefixos do gerúndio continuam sendo ergativo-absolutivo em Wayampi. Neste ambiente com verbos intransitivos, o sistema prefixal Nominativo 1 substituiu o Nominativo 2. O único ambiente em que os verbos intransitivos ainda podem combinar-se com os prefixos relativos é quando os temas verbais são nominalizados pelo sufixo ta (morfema 33). Nesse caso, o Wayampi mantém a manifestação do absolutivo (ao contrário do que se dá no subjuntivo e no circunstancial):

e+mo?eta 'ação de me ensinar'

e+o+ta 'ação de eu ir'

2. Perda de sufixos verbais

Que será que motivou as mudanças no sistema verbal? Este é um problema difícil de resolver. A perda dos sufixos não pode ser explicada fonologicamente, por exemplo, pela acentuação ou não dos sufixos, pois os sufixos casuais e modais caíram, enquanto os sufixos *ramo e *reme não caíram. Além disto, houve a queda de vários sufixos acentuados (*+pár, *ábo, *+bõr), enquanto outros sufixos acentuados foram conservados.

Também não foi encontrada uma explicação adequada com base gramatical. Enquanto uma hipótese para explicar a queda do sufixo de caso nominal (morfema 15) seria a generalização do alomorfe \emptyset que combinava com temas terminados em vogal, não há a possibilidade de uma hipótese análoga para os sufixos modais, pois nenhum deles tem alomorfe \emptyset .

A dificuldade em achar um mecanismo natural, adequado para explicar as mudanças em relação aos modos verbais nos leva a um outro campo de consideração: mudanças provocadas por contacto com uma outra língua, a Língua Geral (sugestão de Rodrigues, em comunicação pessoal). Há vários fatores que favorecem essa hipótese. Primeiro, houve um período de contacto entre os Wayampi e os falantes da Língua Geral, durante a última metade do século XVII e a primeira do século XVIII (Gallois, 1981:55-58; Nimuendaju 1981; cf. também Métraux, 1927:29-35). Documentos históricos localizam os Wayampí no início dessa época no baixo rio Xingu, de onde migraram para o norte, atravessando o rio Amazonas e subindo o rio Jari e seu tributário Iratapuru. Durante essa época a língua dominante no baixo Amazonas não era o português, mas a Língua Geral. Esta também seria a língua

falada nas missões situadas no baixo Xingu, bem como no baixo Jari (cf. Apêndice III).

Já vimos no primeiro capítulo (cf. pág. 18) que certas palavras são melhor explicadas como empréstimos da Língua Geral. A palavra Wayampi oriunda de *kiče 'faca', por exemplo, seria, com base nas mudanças fonológicas, kie. Do contato com falantes da Língua Geral, teria resultado o empréstimo da palavra kise⁸.

Até agora os documentos da Língua Geral nos séculos XVII e XVIII não foram analisados. Porém, segundo Rodrigues (em comunicação pessoal), a Língua Geral do século XIX tem várias características que favorecem a hipótese, incluindo a eliminação dos sufixos modais. O modo circunstancial foi eliminado, com exceção da palavra sukúy, que corresponde à palavra Wayampi ekoy. A semelhança das duas línguas favoreceria a interferência no nível morfológico.

Para verificar esta hipótese seria necessária uma análise morfológica da Língua Geral da época em que houve o contacto para poder-se fazer uma comparação detalhada com o Wayampi.

Notas

1 Correspondência entre o sistema de referências usado neste trabalho e o elaborado por Rodrigues (entre parênteses): 1 (11), 2 (12), 3 (13), 4 (14), 5 (15), 6 (16), 7 (17), 8 (18), 9 (21), 10 (22), 11 (23), 12 (24), 13 (25), 14 (26), 15 (111), 16 (112), 17 (113), 18 (114), 19 (115), 20 (121), 21 (122), 22 (123), 23 (124), 24 (125), 26 (51), 27 (52), 28 (131), 29 (132), 30 (133), 31 (134), 32 (141), 33 (142), 34 (143), 35 (144), 36 (145), 37 (151), 38 (152). Depois de cada morfema segue a definição de Rodrigues (1981) entre aspas. Para o morfema 33 usei a definição do trabalho (1953) para poder aproveitar o nome de 'instrumento' para o sufixo inovado no Wayampi.

2 Siglas referentes a nomes de línguas: As (Asuriní), Ch (Chiriguano, também chamado Guaraní da Bolívia), GiA (Guaraní Antigo), GiM (Guaraní Mbyá), Gj (Guajajára), Gu (Guarayo), Kb (Kayabí), Km (Kamayurá), Kw (Kaiwá), Pt (Parintintín), Tb (Tupinambá), Te (Tembé), Tp (Tapirapê), Ur (Urubú), W (Wayampi), WA (Wayampi do Amapari), WJ (Wayampi do alto Jari).

3 Neste capítulo o hífen é usado para destacar um determinado morfema, em contraposição com o uso de + (fronteira de morfema).

4 Segundo a análise de F. Grenand (1975:79), a diferença entre oro+ (11) e ya+ (13) no Wayampi da Guiana Francesa é dual/plural. Não há base para essa interpretação nos dialetos do Brasil.

5 Há indícios da existência do morfema 18 *+Bo 'caso locativo difuso' nas línguas Kayabí (+mu) e Asuriní (+mo).

6 O morfema pluralizador kupa ocorre somente com sujeito de terceira pessoa e somente quando não há sujeito livre que indique sua própria pluralidade:

- oeraa kupa 'levaram-no'
- ereraa kupa 'levaram-me'
- owaẽ kupa 'chegaram' (WJ)
- moapĩ owaẽ 'três chegaram' (WJ)

7 Na época de Coudreau (1892:7), este tema (kusiwa) ainda terminava em consoante (*r) (cf. Apêndice I).

8 A palavra kĩse é considerada uma 'palavra dos avôs' em contraste com o termo corrente mariya. Após a migração, não houve mais contato com a Língua Geral, e então os Wayampí passaram a ter intercâmbio com os Wayãna. A partir dessa época a palavra Wayãna mariya substituiu kĩse. Segundo Gallois (1982:9), "existia uma certa especialização nesse comércio, os Waiãpi fornecendo produtos 'nativos' e os Wayãna ou Aparai, mercadorias 'importadas'."

Capítulo 4

Conclusões

I. Vantagens de fazer um estudo diacrônico

1. Na elicitación

A metodologia usada nesta pesquisa foi muito proveitosa para a elicitación complementar dos dados, numa segunda fase da pesquisa de campo. Depois de completar o estudo fonológico, foi possível determinar como seriam os morfemas gramaticais em Wayampi se o Wayampi tivesse formas correspondentes às das línguas aparentadas a ele. Assim, a maior parte da elicitación na segunda fase foi relativamente rápida e com bom sucesso. Dos 65 alomorfes (de 40 morfemas) descritos por Rodrigues (1953, 1981) para Tupinambá, 66,2% têm formas correspondentes ainda ativas em Wayampi. Isto representa 77,5% dos morfemas comparados. Cognatos de mais 12,3% dos alomorfes do Tupinambá aparecem em formas fixas em Wayampi. Em vários destes casos, perderam sua função e posição sintática original, associando-se ao tema: *+i (19) em p+ri 'perto de', *+bo (18) em ?ari+bo 'dia', *+yo (4) em ok^way 'pedir' e yo?o 'arrancar' e *+a (15) em arara 'arara'. O sufixo circunstancial *+i (21) é conservado nas palavras ekoy 'está (em movimento)' e tuy 'está situado'; sua função é conservada em ekoy e sua posição sintática é conservada em tuy, porém nesse último caso não há contraste com o modo indicativo. O sufixo de gerúndio *+a (20) perdeu sua função, mas mantém sua posição sintática em upa (*úβ + a) 'verbo auxiliar indicando ação contínua' e kupa 'morfema que pluraliza o sujeito do verbo'. O sufixo de

gerúndio *+ãBo (20) é conservado em wa (*?wãBo) 'comendo' e em outros temas derivados deste; sua função e posição sintática original são conservadas.

Evidência de formas correspondentes em Wayampi não foi encontrada para 21,5% dos alomorfes (7,5% dos morfemas) do Tupinambá. Certos alomorfes (fonologicamente determinados), como *+VmV (22), desapareceram por falta de ambiente (C# em verbos). O alomorfe \emptyset do sufixo de caso nominal desapareceu por falta de contraste no dialeto do alto Jari. Outros morfemes como *wi+ (9), *+ãBo (20) e *+pãr (35) desapareceram por razões sintáticas, sem serem substituídos por outro morfe com a mesma função. Todos os alomorfes dos morfemas do Tupinambá aqui estudados foram encontrados em pelo menos uma outra língua da família Tupi-Guaraní, o que mostra que o Tupinambá é uma língua tão conservadora na morfologia quanto na fonologia.

Ainda há dois alomorfes em Wayampi que não têm formas correspondentes em Tupinambá, mas que têm formas correspondentes em outras línguas da família: si+ 'nós inclusivo (em verbos transitivos)' e +ta 'sufixo de gerúndio, que se combina com temas verbais terminados em y.' Outro morfema Wayampi, poro+ (7), é cognato do morfema Tupinambá opo+, porém isso só foi determinado em comparação com morfemas cognatos em outras línguas da família. Estes casos mostram a necessidade de considerar várias línguas aparentadas, e não apenas uma.

2. Na comparação

A reconstrução também fornece base para uma comparação mais segura entre as línguas. Grenand quis mostrar que certos morfemas do Wayampi são "clássicos" da família; com maior conhecimento dos

morfemas e dos alomorfes da família, poderia ter mostrado isso melhor. Os exemplos (Grenand, 1975:60) que ela dá são:

Guaraní	Wayampi
tembi	lɛmi
mo	mɔ
gwera	kɛ (kwɛ no Brasil)

Língua Geral	Wayampi
wara	wa
wera	kɛ ou kwɛ
hi	i

Comentemos rapidamente esses exemplos:

Comparação com o Guaraní

*t+ (8) + emi+ (25) → temi (Guaraní)

/m/ [mb] Regra fonológica I.1 (cf. pág. 47)

*r+ (5) + emi+ (25) → lɛmi (Wayampi)

Estas diferenças devem-se ao fato de que foram escolhidos morfemas diferentes (*t+, *r+) e de que se utilizou transcrição fonética em vez de fonológica. Poderia ter usado o morfema t+ no Wayampi para fazer uma melhor comparação.

Há apenas dois graus de abertura nas vogais na família Tupí-Guaraní. O e é usado para indicar a vogal anterior baixa: a diferença aparente é fonética e não fonêmica.

*mo+ (26) → mo, mɔ (Guaraní, Wayampi)

Há apenas dois graus de abertura. O o é usado para indicar a vogal posterior baixa: a diferença aparente é fonética e não fonêmica.

*wér (cf. pág. 42) +a (15) → wéra (Guaraní)

/w/ [gw] Regra fonológica 1.4 (cf. pág. 51)

*pwér (cf. pág. 42) → k^wer → k^we → kɛ (Wayampi)

A comparação é baseada em alomorfes diferentes. Seria melhor comparar kɛ com o alomorfe Guaraní proveniente de *pwér, o qual é k^we (Guaraní Paraguaio).

Comparação com a Língua Geral

*+cwár (38) +a (15) → wára (Língua Geral)

*+cwár (38) → wa (Wayampi)

As diferenças são devido à queda do sufixo de caso nominal no Wayampi de Guiana Francesa e à queda de consoante final.

*wér +a (15) → wéra (Língua Geral)

*pwér → k^wer → k^we → kɛ (Wayampi)

A diferença principal é devida à escolha de alomorfes diferentes para a comparação.

hi - i (Língua Geral, Wayampi)

Os morfemas da Língua Geral e do Wayampi são praticamente idênticos, já que o primeiro é propriamente ?í e o segundo ?i. hi é a grafia de Tatevín (1910) para ?í.

A finalidade de Grenand foi mostrar as semelhanças, não as diferenças, entre estas línguas, e com conhecimento mais profundo sobre a história da família lingüística, ela poderia ter escolhido melhores exemplos.

3. Na interpretação

Um estudo diacrônico não somente fornece base para uma comparação mais segura entre as línguas, mas também tem o poder de explicar vários fenômenos na língua atual. Um desses é a existência do alomorfe \emptyset do prefixo da terceira pessoa (morfema 4). Este pode ser percebido por contraste com it, como nos exemplos itakã 'cabeça dele' e \emptyset +ea 'olho dele'. Conhecendo a história do enfraquecimento do fonema *c, podemos entender o porquê da existência de um prefixo \emptyset .

Um estudo diacrônico pode explicar formas 'esquisitas', que não parecem caber no sistema da língua. Por exemplo, por que há duas formas, oyko e ekoy 'está (em movimento)'? Qual é a diferença no significado? Podemos ver que a diferença não é de significado, mas de sintaxe, pois ekoy é um resto do antigo modo circunstancial (cf. pág. 99).

Por que o verbo tuy 'está situado' só ocorre no final de sentença, e por que (aparentemente) não pode ser conjugado? Este também é resto do modo circunstancial, e por isso, ele, bem como ekoy, só ocorre no final de sentença, depois de um advérbio ou locução relacional de circunstância. tuy é irregular, fazendo parte do seguinte paradigma: ayu, ereyu, tuy, oroyu, peju, yayu.

Por que kupa, que pluraliza o sujeito do verbo, ocorre sempre no final da sentença, à vezes muito afastado do verbo com que concorda?

kupa provém de um verbo no modo gerúndio (cf. pág. 97) e ainda mantém a posição apropriada ao gerúndio.

Um estudo diacrônico também pode fornecer base para uma análise alternativa de vários alomorfes da língua. Consideremos, como exemplo, o morfema intensivo (28), para o qual nos dialetos do Brasil proponho três alomorfes (cf. pág. 103): +wasu (empréstimo da Língua Geral, ativo nos dois dialetos), +u (ativo no dialeto do Amapari depois de consoantes finais; no dialeto do alto Jari aparece às vezes no mesmo ambiente que +wasu, porém com menos frequência), e +usu (empréstimo da Língua Geral, aparecendo em certas palavras fixas e não como um sufixo de derivação ativo). F. Grenand (1975:54-55) propõe dois morfemas, cada um com dois alomorfes: +u ~ +lu; +wasu ~ +su. Os exemplos mostram que, com a queda do ambiente original (depois de consoante final), +u ocorre às vezes no mesmo ambiente que +wasu, como no Wayampi do alto Jari. No dicionário etnociência do P. Grenand (1975), aparecem dois exemplos de +lu: alakulu 'saracura grande' e pikipilelu 'matupiri com pele grossa'. Nestes dois casos os temas precedentes originalmente terminavam em r: arakur 'saracura' e pirer 'pele'. Com base em conhecimento diacrônico, eu proporia dois alomorfes dos temas: alaku ~ alaku-; pile ~ pilel-. Baseio-me na suposição de que +lu não é um alomorfe ativo em termos de formação de novas palavras. Esta proposta alternativa coincide com os dados do Amapari, em que o r final ainda é conservado nas palavras pirer e arakur.

Pode-se ver, então, que um estudo diacrônico ajuda na elicitacão, na comparacão e na interpretaçao de dados atuais.

II. Características principais do Wayampi

A língua Wayampi se desenvolveu do Proto-Tupí-Guaraní através de várias mudanças. Aqui são destacadas as mudanças que, em conjunto, fazem esta uma língua distinta:

1. Mudanças fonológicas

1. Quedas:

*č e *c (cf. pág. 13)

C/ ___ # (completa em WJ, parcial em WA) (cf. pág. 15)

2. Fusões:

*py, *t (/___i), e restos de *č, resultando em /s/ (cf. pág. 19)

*pw e *kw, resultando em /k^w/ (cf. pág. 14)

*ø e ũ, resultando em /ũ/ (cf. pág. 15)

*β e *w (nos dialetos do alto Jari e da Guiana Francesa), resultando em /w/ (cf. pág. 16)

3. Cisões

*c resultando em ∅ e /h/ (WJ) (cf. pág. 17)

*č resultando em ∅ e /s/ (cf. pág. 18)

*pw resultando em /k^w/ e /pu/ (cf. pág. 14, 28)

4. Deslocação de acento para a penúltima sílaba (cf. pág. 29)

2. Mudanças morfológicas

1. Quedas:

Sufixos de modo circunstancial (21) e gerúndio (20)

Sufixo de caso nominal (15) (WJ)

Certos alomorfes de sufixos, em consequência da queda de consoantes finais (cf. pág. 125)

2. Reorganização do sistema de nominalização:

Fusão e consequente desfavorecimento dos sufixos **+áb* (33) e **+ár* (32) (WJ)

Desaparecimento do nome de paciente (sufixo **+pír*) (35)

Extensão de ma?é (**Ba?é*) (37)

Inovação do sufixo de instrumento +ka (e +pa), a partir de **+áb* (33)

3. Reorganização do sistema de prefixos verbais:

Extensão do uso dos prefixos de sujeito do modo indicativo (cf. pág. 117-119, 158-161), mediante:

a) substituição dos prefixos do gerúndio

b) substituição dos prefixos do subjuntivo

c) substituição dos prefixos do circunstancial

Fusão dos prefixos recíproco e reflexivo (cf. pág. 77)

Desaparecimento dos prefixos de objetos, quando precedidos pelos prefixos de sujeito (cf. pág. 80)

4. Inovação a partir de formas já existentes na língua:
porot (derivado de *opo+) (7)
+ka (e +pa) novo sufixo de nome de instrumento (33)
kupa morfema de plural (cf. pág. 97)

3. Mudanças com motivação externa

1. da Língua Geral:

Empréstimo de vocábulos (cf. pág. 18)

Possível interferência gramatical, favorecendo a queda dos
sufixos de modo verbal e do sufixo nominalizador
*+pĩr (35)

2. do Wayãna:

Empréstimo de vários vocábulos, alguns dos quais são
nomes vocativos de parentesco e nomes de itens de troca
(cf. Grenand, 1975:25)

Empréstimo do morfema que pluraliza substantivos, Wayãna

kom → kũ

No Wayampi da Guiana Francesa, /r/ → [l] (cf. Grenand,
1975:31)

Apêndice I

Dados de Coudreau (1892)

Os seguintes dados de Coudreau estão apresentados em referência às Regras de Mudança do primeiro capítulo deste trabalho (à escrita francesa de Coudreau segue-se sua reinterpretação fonêmica):

1. Queda de *č e *c

(195)	*kwaraci	couaraeu	/kwarai/	'sol'
(147)	*eca	ea	/ea/	'olho'

Regra confirmada.

2. Espirantização de *t

(130)	*tiŋ	cing, sing	/siŋ/	'branco'
(128)	*aβati	auassi	/awasi/	'milho'

Regra confirmada.

3. Espirantização de *py

(208)	*epyak	essac	/esak/	'ver'
-------	--------	-------	--------	-------

Regra confirmada.

4. Formação de consoantes labializadas

(9)	*pwar	ocouat	/ok ^w ar/	'amarrar'
(173)	*pwer	couère	/k ^w er/	'pretérito'
(4')	*kwab	coua	/k ^w a/	'passar'
(150d)	*kaŋwér	cangouère	/kaŋ ^w er/	'osso'

Regra confirmada.

5. Nasalização

(54)	*aman	amane	/aman/	'chuva'
(30)	*tíŋ	cing, sing	/siŋ/	'branco'
(7')	*etam	etame	/etam/	'habitação'

A regra mais é recente do que os dados de Coudreau.

6. Fusão de *õ e *ũ

(24)	*nupã	noupan	/nupã/	'bater'
(102)	*±pa?ũ	paon	/pa?õ/	'ilha'
(112)	*apekũ	apecou	/apeku/ ?	'língua'
(136)	*mitũ	moutou	/mitu/ ?	'mutum'
(4)	*amõ	amou	/amũ/	'algum, outro'
(131)	*manõ	manon	/manõ/	'morrer'

Não há evidência conclusiva a respeito desta regra.

7. Queda da consoante no final da palavra

(4')	*kwaß	coua	/kwa/	'passar'
(208)	*epyak	essac	/esak/	'ver'
(9)	*pwar	ocouat	/okwar/	'amarrar'
(11)	*tapi?ir	tapire	/tapi?ir/	'anta'
(126)	*aiß	aip	/aiß/ ou /aip/	'mau'

A regra é mais recente do que os dados de Coudreau.

8. Fusão de *β com *w

(128)	*aβati	auouassi	/awasi/	'milho'
(201)	*iβi	ioui	/iwi/	'terra'
(148)	*yawar	yaouare	/yawar/	'onça'
(126)	*aiβ	aip	/aiβ/ ou /aip/	'mau'

Regra confirmada em posição medial.

Apêndice II

Isoglossas

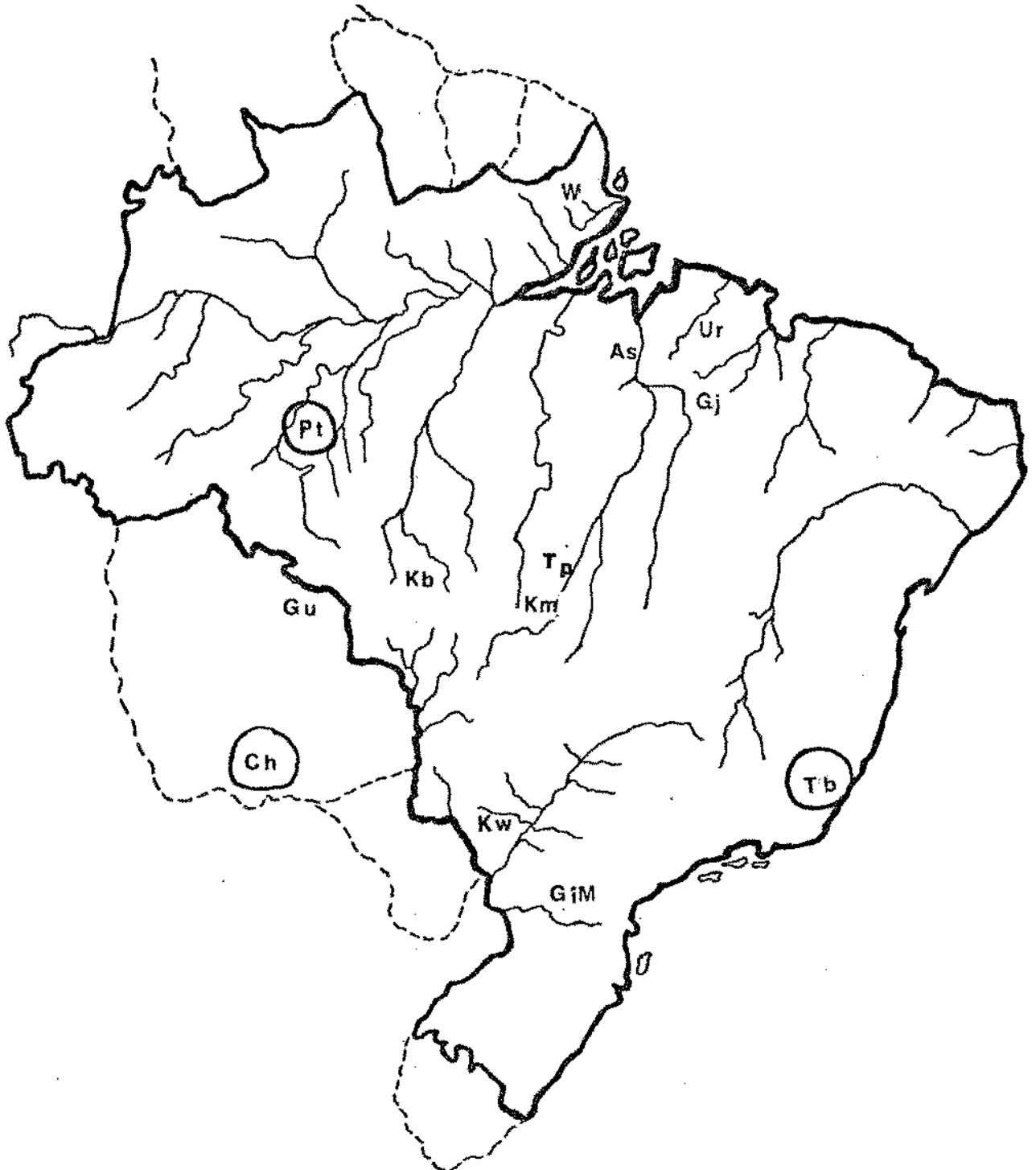


Figura 1: Conservação de [t] diante de [i]



Figura 2: Conservação de *py



Figura 3: Conservação da oposição entre *pw e *kw



Figura 4: Conservação de * β e *w



Figura 5: Queda de consoante final



Figura 6: Fusão de *ye+ (2) e *yo+ (3)



Figura 7: Ocorrência de opo+ (7)

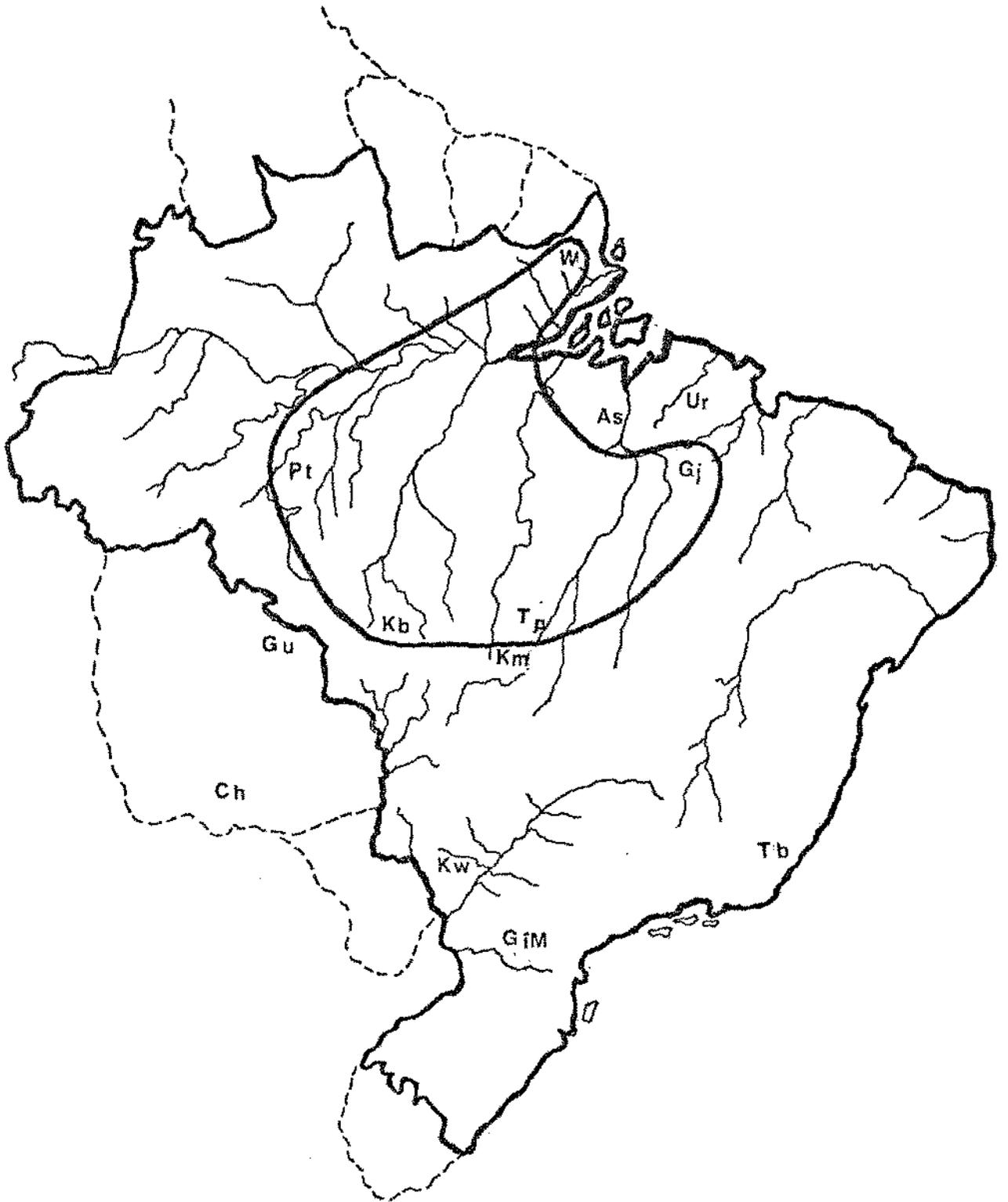


Figura 8: Conservação de *ti+ e *ya+ (13)



Figura 9: Nasalização de *βaʔe (37)

Apêndice III

Mapas: As Migrações dos Wayampi

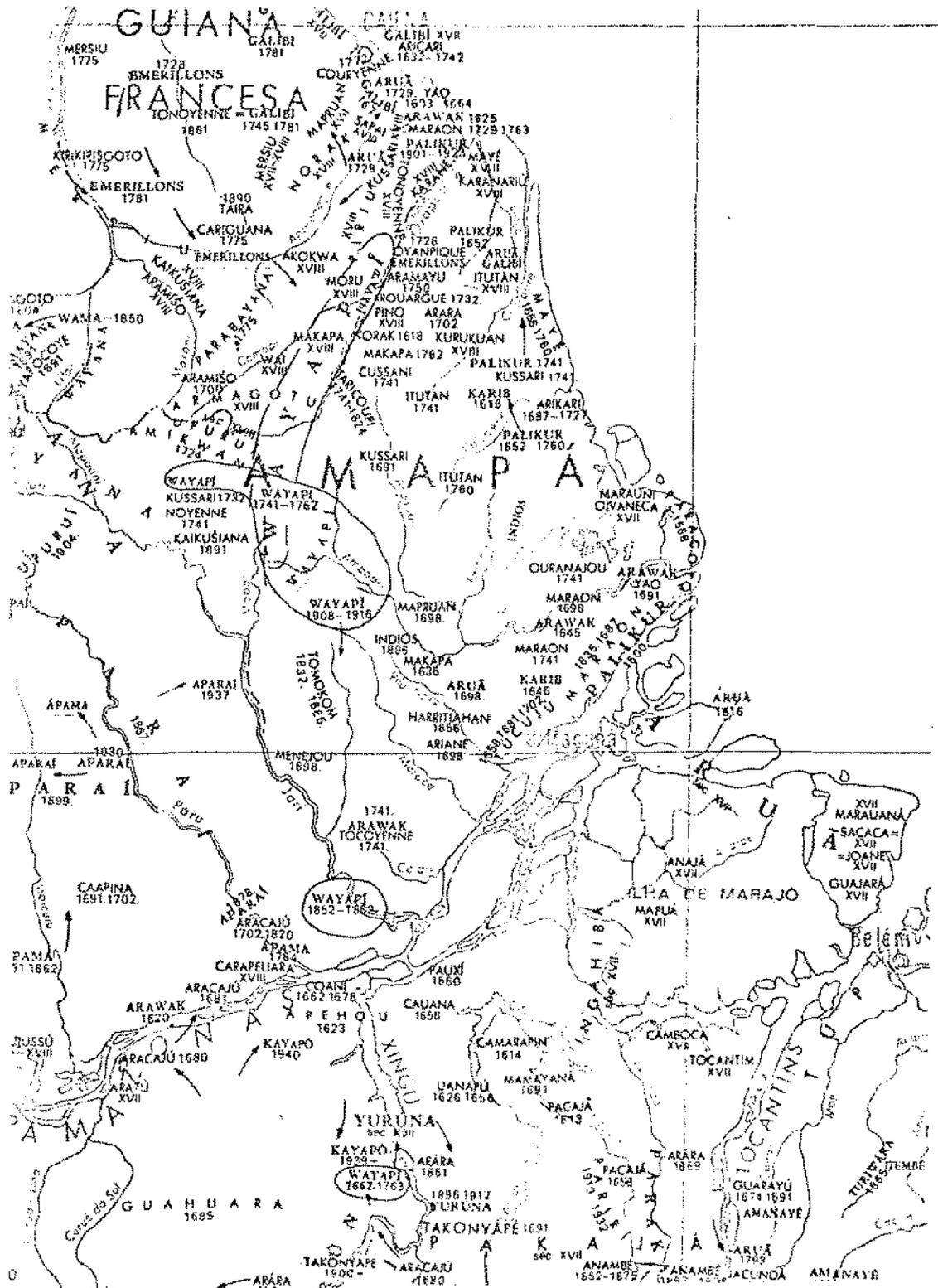


Figura 10: As migrações dos Wayampi (Nimuendaju, 1981)

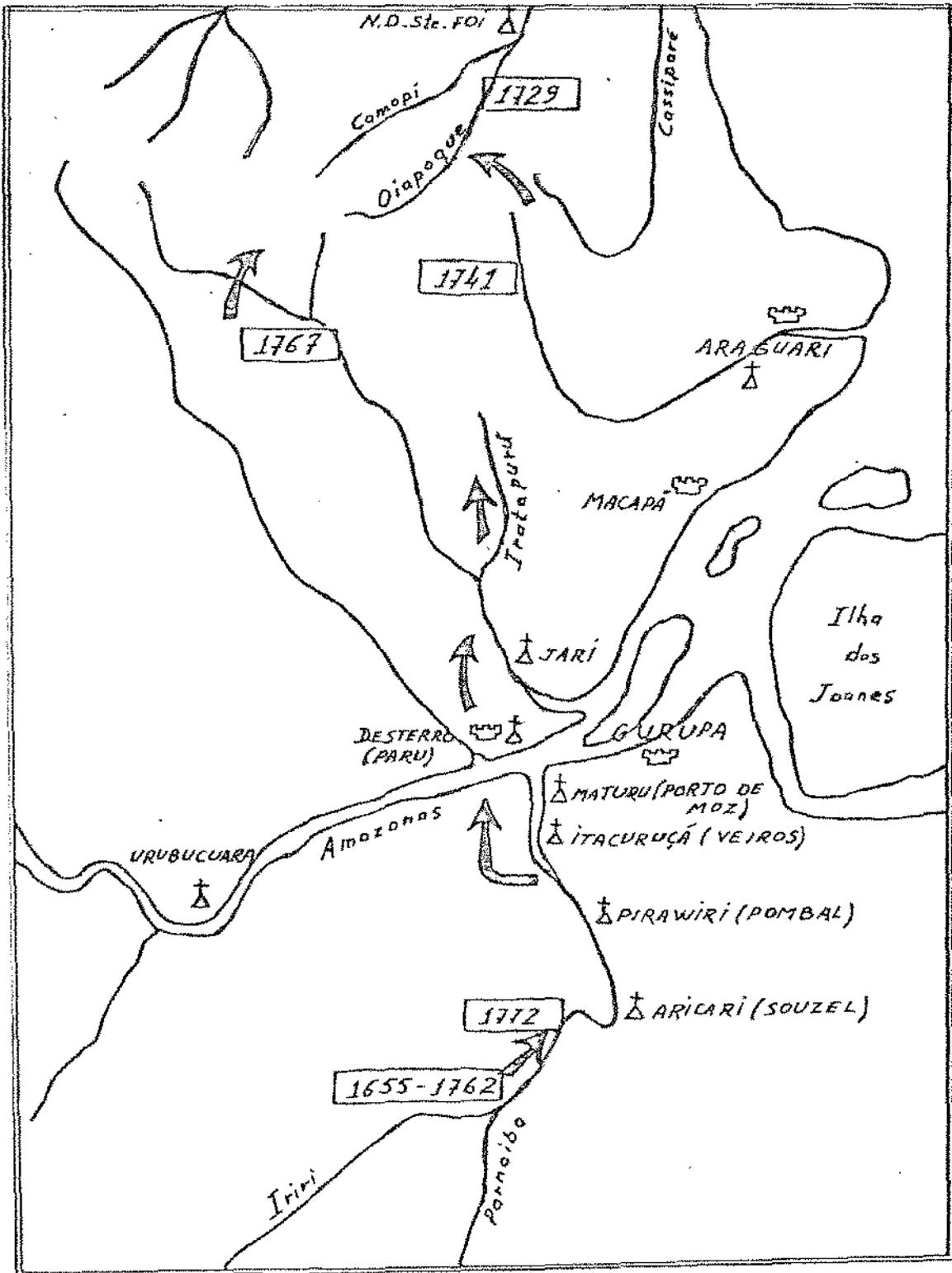


Figura 11: As migrações dos Wayampi (Gallois, 1980: Fig. 10)

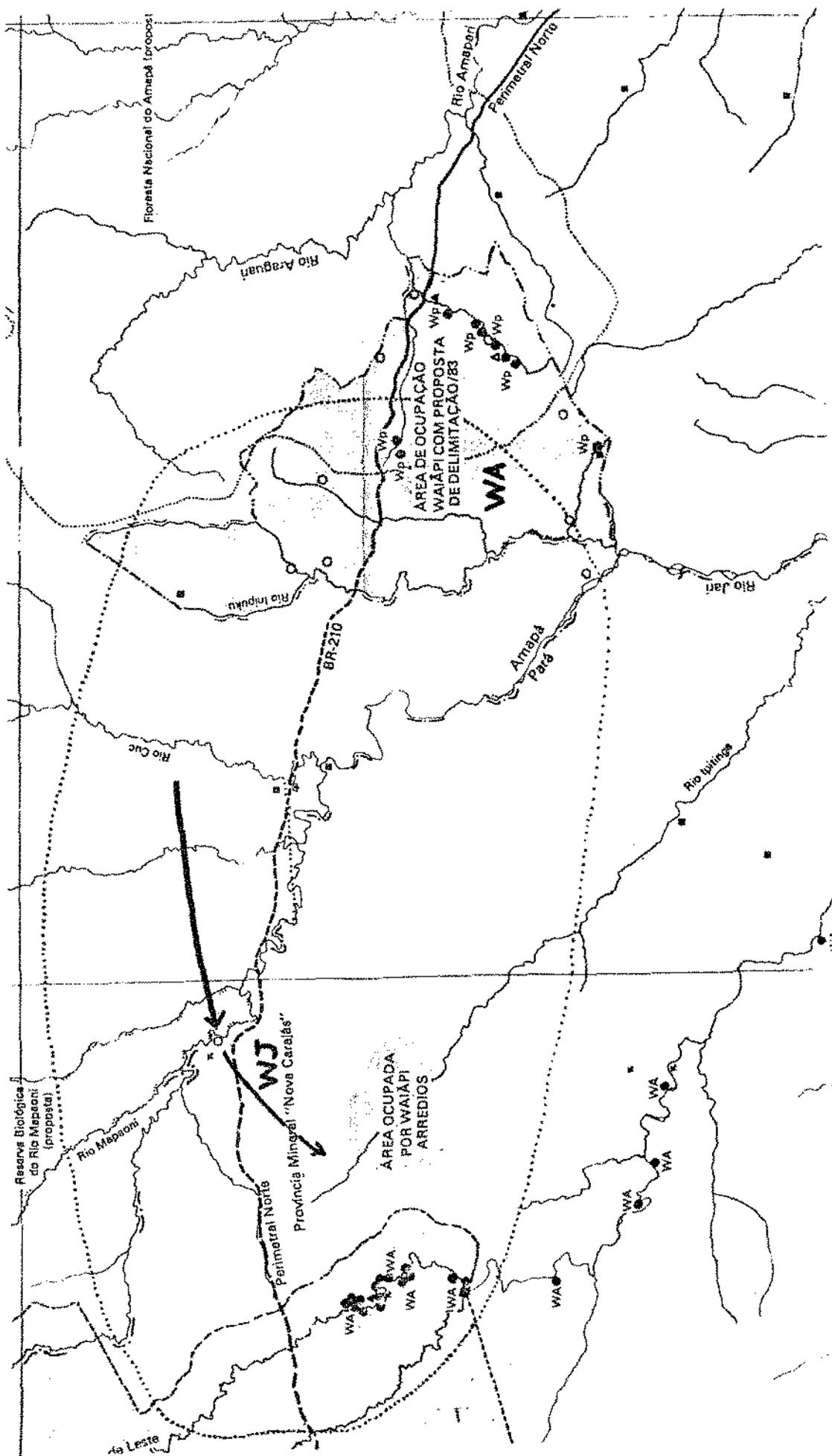


Figura 12: A localização atual dos Wayampi no Brasil (Ricardo (coord.).1983)

Apêndice IV

Comparação dos morfemas destacados por Grenand (1975)

*PTG	Este trabalho	Grenand
Prefixos relativos		
1. o+	o+	
2. ye+	y+ (WJ), yi+ (WA)	i+
3. yo+	(yo+)	
4. i+	i+	i+
t+	t+	
c+	∅	
5. r+	r+	l+
∅	∅	(∅)
6. oro+	oro+	
7. *opo+	poro+	
8. t+	t+	tt+, te+
m+	m+	
v- > ∅	v- > ∅	
∅	∅	
Prefixos pessoais		
9. a+	a+	a+
wi+	--	
10. ere+	ere+ (WJ)	ele+
	ne+ ~ -ere+ (WA)	
e+	e+	e+
11. oro+	oro+	olo+
12. pe+	pe+	pe+

13. ya+	ya+	ya+
ti+	si+	si+
14. ot	ot	ot, wet

Sufixos casuais

15. +a ~ ∅	+a ~ ∅ (WA)	
	-- (WJ)	
16. +amo	+amo (WA)	
+ramo	+ramū (WJ), romo (WA)	+lāmū
17. +pe	+pe	
18. +βo	--	
19. +i	--	

Sufixos modais

20. +āβo	--	
+ta	+ta	
+a	--	
21. +i	--	
22. +rVmV	remě (WJ), reme (WA)	+lemě
+VmV	--	
23. ∅	∅	
24. ∅	∅	

Prefixos derivativos

25. emi+	emi+	emi+
26. mo+	mo+	mo+
27. erot ~ rot	erot ~ rot	

Sufixos derivativos

28. +wačŭ	+wasu	+wasu, +su
+učŭ	+u, +usu	+lu, +u
29. +?i	+?i	+i

30. +e?fm	+e?f	
31. +iwân	+iwana ~ +wana (WA)	
	+wã (WJ)	+wã
32. +ár	+a (WJ), +ar (WA)	
+cár	--	
+tár		
33. +ãß	+a	
+cãß	--	
+tãß	+ta	+ta
	+ka (+pa) (inovado)	+ka
34. +ßór	--	
35. +pír	--	
36. +cwér	--	
37. +ßa?é	ma?ë	ma?ë
38. +cwár	+war (WA), +wa (WJ)	+wa

Grenand apresenta dois alomorfes de vários morfemas:

1+ ~ 1e+ (5), t+ ~ te+ (8), o+ ~ we+ (14)

Os seguintes exemplos mostram, entretanto, que a vogal faz parte do morfema seguinte:

ero+ ~ ro+

4. Ø-ero?a 'fazendo-o cair, caíndo junto'
 5. r-ero?a 'fazendo ___ cair, caíndo junto'
 14. o-ero?a¹ 'fez o cair, caíndo junto'

emi+

1. o-emiŋway¹ 'seu próprio empregado'
4. ∅-emiŋway 'seu empregado'
5. r-emiŋway 'empregado de ____'
8. t-emiŋway 'empregado de gente (humano)'

classe II*d*

1. o-epanakū¹ 'seu próprio panacu'
4. ∅-epanakū 'seu panacu'
5. r-epanakū 'panacu de ____'
8. panakū 'panacu de gente (humano)'

Em todos estes casos, na combinação com o prefixo (4), o e tem que ser analisado como parte do morfema seguinte e não do morfema precedente.

1 A combinação dos prefixos (1) ou (14) com e resultaria foneticamente em we.

Apêndice V

Paradigmas verbais

Segue-se uma série de paradigmas verbais. (Como nas formas verbais a língua Wayampí não marca distinção temporal, os exemplos estão traduzidos às vezes no presente, às vezes no passado indistintamente.)

Modo indicativo

Paradigmas dos verbos intransitivos no modo indicativo:

*poracéy viIb 'dançar'

aporay	'dancei'
ereporay (WJ), neporay (WA)	'dançaste'
oroporay	'dançamos (exclusivo)'
peporay	'dançastes'
yaporay	'dançamos (inclusivo)'
oporay	'dançou'

*cô viIa 'ir'

aa	'fui'
ereo (WJ), neo (WA)	'foste'
oroo	'fomos'
peo	'fostes'
yaa	'fomos'
oo	'foi'

*ekó ω ikó viIIa 'estar em movimento, viver'

(No indicativo ocorre o alomorfe ikó.)

ayko	'estou em movimento'
ereyko, neyko	'estás em movimento'
oroyko	'estamos em movimento'
peyko	'estais em movimento'
yayko	'estamos em movimento'
oyko	'está em movimento'

*úr ω yúr viIIb 'vir'

(O alomorfe *úr ocorre em combinação com o morfema (14) da terceira pessoa):

ayo	'vim'
ereyo, neyo	'vieste'
oroyo	'viemos'
peyo	'viestes'
yayo	'viemos'
uu	'veio'

Nesse último verbo, a forma especial do imperativo *yór substitui *yúr e dá-se assimilação vocálica do prefixo da terceira pessoa (morfema 14): *ayúr, *ereyúr, *oroyúr, *peyúr, *yayúr, *oúr.

Paradigmas de verbos transitivos no modo indicativo:

*kiti vtIa 'cortar'

akisi	'cortei-o'
erekisi, nekisi	'cortaste-o'
orokisi	'cortamo-lo'
pekisi	'cortaste-lo'
sikisi	'cortamo-lo'
okisi	'cortou-o'
orokisi	'te cortei/cortamos'
porokisi	'vos cortei/cortamos'
yakisi	'costumamos cortar'
___Økisi	'cortou ___'

A forma Økisi é precedido por pronome pessoal da primeira ou segunda pessoa:

ekisi	'me cortou/cortaste(s)'
nekisi	'te cortou'
orekisi	'nos cortou/cortaste(s)'
pekisi	'vos cortou'
yanekisi	'nos cortou'

*ekār vtIIa 'procurar'

aeka	'procurei-o'
ereka/neeka	'procuraste-o'
oroeka	'procuramo-lo'
peeka	'procuraste-lo'
sieka	'procuramo-lo'
oeka	'procurou-o'
oroeka	'te procurei/procuramos'
poroeka	'vos procurei/procuramos'
yaeka	'costumamos procurar'
___reka	'procurou ___'
ereka	'me procurou/procuraste(s)'
nereka	'te procurou'
orereka	'nos procurou/procuraste(s)'
peneka	'vos procurou'
yanereka	'nos procurou'

O verbo *?é ω ?í ω yé vIIa 'dizer, falar' mantém a distribuição original de seus alomorfes:

a?e	'eu disse'
ere	'tu disseste'
oro?e	'dizemos'
peye	'vós dissestes'
ya?e	'dizemos'
e?i	'disse'

Paradigmas de verbos descriptivos no modo indicativo:

*katú vdIa 'bom'

ikatu	'está bom'
___Økatu	'___ estar bom'
ekatu	'estou bom'
nekatu	'estás bom'
orekatu	'estamos bons'
pekatu	'estais bons'
yanekatu	'estamos bons'

*oríβ vdIIa 'alegre'

Øori	'está alegre'
___rori	'___ estar alegre'
erori	'estou alegre'
nerori	'estás alegre'
orerori	'estamos alegres'
penori	'estais alegres'
yanerori	'estamos alegres'

Modo imperativo**Paradigmas dos verbos intransitivos no modo imperativo:**

*yán villa 'correr'; *eyké ø iké villa 'entrar'

eyã 'corre!' eyke 'entra!'

peyã 'correi!' peyke 'entrai!'

Os temas *úr ~ *yúr 'vir' e *cô 'ir' mantêm alomorfes especiais para o imperativo, característicos da família de um modo geral:

eyo 'vem!' ek^{Wa} 'vai!'

peyo 'vinde!' pek^{Wa} 'ide!'

Paradigmas dos verbos transitivos no modo imperativo:

ekisi 'corta-o!' eeka 'procura-o!'

pekisi 'cortai-o!' peeka 'procurai-o!'

e?u 'come-o!' ere 'dize!'

pe?u 'comei-o!' peye 'dizei!'

Quando o objeto é ou inclui o falante, esse é indicado pelo prefixo relativo (5) e o pronome pessoal. O pronome eypa ou peypa seguindo o tema indica o modo imperativo:

ereraa eypa 'leva-me!' ereraa peypa 'levai-me!'

orereraa eypa 'leva-nos!' orereraa peypa 'levai-nos!'

Paradigmas dos verbos descritivos no modo imperativo:

nekatu 'sê bom!' nerorî 'sê alegre!'

pekatu 'sede bons!' penorî 'sede alegres!'

Modo de gerúndio

Paradigmas de verbos intransitivos no modo de gerúndio:

aporayta	'dançando eu'	aa	'indo eu'
ereporayta/neporayta	'dançando tu'	ereo/neo	'indo tu'
oroporayta	'dançando nós'	oroo	'indo nós'
peporayta	'dançando vós'	peo	'indo vós'
yaporayta	'dançando nós'	yaa	'indo nós'
oporayta	'dançando'	oo	'indo'

Paradigmas de verbos transitivos no modo de gerúndio:

iyuka	'matando-o'	øesa	'encontrando-o'
øyuka	'matando ____'	resa	'encontrando ____'
eyuka	'matando-me'	eresas	'encontrando-me'
neyuka	'matando-te'	neresas	'encontrando-te'
oreyuka	'matando-nos'	oreresas	'encontrando-nos'
peyuka	'matando-vos'	penesas	'encontrando-vos'
yaneyuka	'matando-nos'	yanerasas	'encontrando-nos'
øekiyta	'puxando-o'		
____rekiyta	'puxando ____'		

Paradigmas de verbos descritivos no modo de gerúndio:

okaturamũ	'estando ele bom' (WJ)
___Økaturamũ	'estando ___'
ekaturamũ	'estando eu bom'
nekaturamũ	'estando tu bom'
orekaturamũ	'estando nós bons'
pekaturamũ	'estando vs bons'
yanekaturamũ	'estando nós bons'

(o)orĩ romo	'estando ele alegre' (WA)
___rorĩ romo	'estando ___ alegre'
erorĩ romo	'estando eu alegre'
nerorĩ romo	'estando tu alegre'
orerorĩ romo	'estando nós alegre'
penorĩ romo	'estando vs alegre'
yanerorĩ romo	'estando nós alegre'

Uma traduo alternativa para os gerúndios  para danar', 'para matá-lo', 'para estar bom', etc.:

aa aporayta	'eu fui para danar'
aa ayau	'eu fui para banhar'
aa iyuka	'eu fui para matá-lo'
aa esa	'eu fui para encontrá-lo'
aa pira rekiyta	'eu fui para puxar peixe (pescar)'
omomo imono	'ele o jogou, fazendo-o ir'
onup nup pira yuka	'bati repetidamente na peixe, matando-a'
mo a?u ekaturamũ	'tomei remédio para ficar bem' (WJ)

Modo circunstancial

De um modo geral o modo circunstancial foi substituído pelo modo indicativo. Entretanto, sobreviveram em Wayampí duas formas circunstâncias: ekoy 'está em movimento' e tuy 'está deitado ou situado'.

Paradigmas relevantes no Wayampí

ayko	'estou/estava em movimento'
ereyko, neyko	'estás/estava em movimento'
Øekoy	'está/estava em movimento'
ayu	'estou/estava situado, morei, fiquei'
ereyu, neyu	'estás/estava situado, moraste, ficaste'
tuy	'está/estava situado, morou, ficou'
oyko a?e pe	'ele estava em movimento naquele lugar (Ind.)'
a?e pe ekoy	'ele estava em movimento naquele lugar (Cir.)'
a?e pe tuy	'ele estava situado naquele lugar'
a?e pe ayu	'eu estava situado naquele lugar'

Modo de subjuntivo

O subjuntivo no Wayampí ocorre com os mesmos prefixos com que ocorre o indicativo.

Paradigma de verbo intransitivo no modo de subjuntivo:

aa remẽ	'quando fui' (WJ)
ereo remẽ	'quando foste'
oroo remẽ	'quando fomos (exclusivo)'
peo remẽ	'quando fostes'
yaa remẽ	'quando fomos (inclusivo)'
oo remẽ	'quando foi'

Paradigma de verbo transitivo no modo de subjuntivo:

aeka reme	'quando procurei-o' (WA)
neeka reme	'quando procuraste-o'
oroeka reme	'quando procuramo-lo'
peeka reme	'quando procuraste-lo'
sieka reme	'quando procuramo-lo'
oeka reme	'quando procurou-o'
oroeka reme	'quando te procurei/procuramos'
poroeka reme	'quando vos procurei/procuramos'
ereka reme	'quando me procurou/procuraste(s)' (WA)
nereka reme	'quando te procurou'
orereka reme	'quando nos procurou/procuraste(s)'
peneka reme	'quando vos procurou'
yanereka reme	'quando nos procurou'

Paradigma de verbo descritivo no modo de subjuntivo:

ekatu remẽ	'quando estou bem' (WJ)
nekatu remẽ	'quando estás bem'
orekatu remẽ	'quando estamos bem'
pekatu remẽ	'quando estais bem'
yanekatu remẽ	'quando estamos bem'
ikatu remẽ	'quando está bem'

Apêndice VI

Textos Wayampi

Os textos seguintes são destacados para dar uma visão da língua Wayampi como uma unidade. Os números entre colchetes [] referem-se aos morfemas destacados no Capítulo 3 ou a outras referências neste trabalho.

Takuru Yít

O Machado de Pedra

Contado por Kuríkuri para Gary Olson

Dialeto do alto Jari

1. karamoe remẽ taywĩ - ŋ^we o-esa -∅
antigamente quando antepassado pretérito 3 encontrar
[22] [14] [23]

ka?iwororo o - ?í - asa remẽ
caiarara 3 água atravessar quando
[14] [22]
2. amẽ o - ma?ẽ - ∅ ∅ - ee
daí 3 olhar 3 para
[14] [23][4]
3. amẽ o - o ∅ - esa - ∅
daí 3 ir 3 encontrar
[14] [4] [20]
4. amẽ apí?a yĩ ka?iwororo o - ẽ í r - eme
daí de=repente ainda caiarara 3 sair água beira
[14] [5]

pe
em
[17]
5. amẽ taywĩŋ^we o - ẽ ∅ - esa - ∅
daí antepassado 3 sair 3 encontrar
[14] [4] [20]

6. o - yuka - ta miyã
3 matar fut estado=anterior
[14]
7. amẽ o - yiwũ - ta
daí 3 flechar fut
[14]
8. amẽ e?i ka?iwororo i - (y)upe moma?e pũy¹
daí disse caiarara 3 para o=que inter
[4]
- e - ∅ - pari e?i
ls neto disse
[5]
9. e - ∅ - yiwũ - ta ruã si po eypa e?i
ls flechar fut neg realce=emocional inter tu disse
[5]
10. n - ere - pota - y si po yíí e?i
neg 2s querer neg r.em inter machado disse
[10]
- taywĩŋ^{We} ∅ pe ka?iwororo e?i
antepassado para caiarara disse
[5]
11. n - oro - yiwũ - ?ã - y tamũ e?i taywĩŋ^{We} amẽ
neg 1>2s flechar fut neg vovô disse antepassado daí
[6]
12. a - ma?ẽ te ne - r - e a - iko e?i
ls olhar destaque 2s para ls estar=em=movimento disse
[9] [10] [5]
13. ya - ?e yíí t - ere - ru e?i i - (y)upe
lpi ir machado fin 2s trazer disse 3 para
[13] [10] [27] [4]
14. amẽ o - eraa
daí 3 levar
[14]
15. ka?iwororo amẽ wate r - upi o - o - ∅
caiarara daí alto por 3 ir
[5] [14] [21]
16. taywĩŋ^{We} amẽ i - wí r - upi o - o - ∅
antepassado daí 3 baixo por 3 ir
[4] [5] [14] [21]

Nota: em 15 e 16, modo circunstancial ⇒ indicativo

17. amē n - e - ∅ - ?u - ?ā - y po moma?e e?i
 daí neg ls comer fut neg inter coisa disse
 [5]
- taywĩᶯe
 antepassado
18. ani e?i ka?iwororo
 não disse caiarara
19. naykoy² moma?e e?i
 não=tem coisa disse
20. yawa n - e - ∅ - ?u - ?ā - y pũy¹ e?i taywĩᶯe
 onça neg ls comer fut neg inter disse antepassado
 [5]
21. ani e?i ka?iwororo
 não disse caiarara
22. amē o - eraa
 daí 3 levar
 [14][27]
23. o - pita - pita te o - yko
 3 parar red2 destaque 3 estar=em=movimento
 [14] [40]
24. amē aya - ire o - waē yif r - ena³ pe
 daí isso depois 3 chegar machado lugar em
 [14] [5] [17]
25. yif ruã ayama?ē
 machado neg porēm
26. takuru ∅ yif te
 pedra machado destaque
 [5]
27. amē e?i kewe yif e - ∅⁴ - pari e?i ka?iwororo
 daí disse aqui machado ls neto disse caiarara
 [5]
28. mope po ere - pita - ta e - pari e?i
 onde inter 2s parar fut ls neto disse
 [10]
- taywĩᶯe pe
 antepassado para
29. amē e?i ka?iwororo yif ruã kewe e - pari e?i
 daí disse caiarara machado neg aqui ls neto disse
30. takuru yif te e?i
 pedra machado destaque disse

31. ikupey si yfi - we?e e?i
mais adiante r.em machado verdadeiro disse
32. mā po ere - pota e?i i - (y)upe
qual inter 2s querer disse 3 para
[10] [4]
33. amē taywīq^we e?i ā e?i
daí antepassado disse isto disse
34. ā a - pota e?i
isto ls querer disse
[9]
35. amē ka?iwororo e?i yfi ruā a?e amē
daí caiarara disse machado neg isso daí
36. takuru yfi te e?i
pedra machado destaque disse
37. ikupey si yfi ∅ - ayme ma?ē e?i
r.em machado 3 afiado nom disse
[4] [37]
38. amē aya - ire e?i ka?iwororo ya - yiwí ya - a - ∅
daí isso depois disse caiarara lpi voltar lpi ir
[13] [13] [20]
- ki?i e - pari e?i ka?iwororo
afinal ls neto disse caiarara
39. a - a - ta aqe?e e - r - ena³ kiti ki?i e?i
ls ir fut agora ls lugar para afinal disse
[9]
40. ke?iruā e - r - ena e?i
longe ls lugar disse
[5]
41. a?e pe si yfi e?i
aquele em r.em machado disse
[17] [4]
42. n - ere - o - ta - y su yī si po e - r - upi e?i
neg 2s ir fut neg ainda r.em inter ls através
[10] [5]
43. a?e kiti e?i
aquele para disse
44. amē aya - ire ∅ - etarā - ŋ^we e?i o - ?u yawa
daí isso depois 3 parente coletivo disse 3 comer onça
[4] [14]

e?i i - (y)upe
disse 3 para
[4]

45. n - o - kua - y Ø - etarā - ŋ^{We} ka?i r - upi
neg 3 saber neg 3 parente col macaco através
[14] [14] [5]

o - o remē
3 ir quando
[14] [22]

Nota: no modo subjuntivo, pref. relativos \Rightarrow pref. pessoais.

46. amē o - waē ay - k^{We}5 pe
daí 3 chegar aquele antigo em
[14] [17]

47. e - yiwí - Ø e - k^{We}a - Ø ki?i e - parí e ?i
2s voltar 2s ir afinal ls neto disse
[10] [24] [10]{Ap.V} [24]

ka?iwororo i - (y)upe
caiarara 3 para
[4]

48. amē ka?iwororo o - yiwí - we o - o - Ø
daí caiarara 3 voltar também 3 ir
[14] [14] [20]

49. amē o - ena³ pe o - waē aya - ire taywīŋ^{We}
daí refl lugar em 3 chegar isso depois antepassado
[1] [17] [14]

Nota: modo circunstancial \Rightarrow indicativo

50. yíi a - eru e?i
machado ls trazer disse
[9] [27]

51. ka?iwororo e - r - eraa e?i
caiarara ls levar disse
[5] [27]

52. yíi r - ena³ pe e?i
machado lugar em disse
[5] [17]

53. huū e?i Ø - etarā - ŋ^{We}
tá disse 3 parente coletivo
[14]

54. n - Ø - ayme - y ayama?e yíi takuru yíi te rewamū
neg 3 afiado neg porém machado pedra machado dest. porque
[4]

55. amē aya - ire o - inū i - ?i kupa
 daí isso depois 3 fazer 3 cabo plural
 [14] [4] [cf.20]
56. o - a?ã - ipe aya - ire kupa
 3 imitar ia isso depois plural
 [14]
57. n - o - ití - y iwira yíi ruã rewamū
 neg 3 derrubar neg árvore machado neg porque
 [14]
58. amē aya - ire o - inū takuru yíi kupa
 daí isso depois 3 fazer pedra machado plural
 [14] [cf.20]
59. o - inū - ipe
 3 fazer ia
 [14]
60. i - wo o - inū kupa
 3 como 3 fazer plural
 [4] [14]
61. n - i - katu - y ayama?ē
 neg 3 bom neg porém
 [4]
62. n - o - ití - y iwira n - ∅ - ayme - y rewamū
 neg 3 derrubar neg árvore neg 3 afiado neg porque
 [14] [14]
63. yíi e?i o - eru remē
 machado disse 3 trazer quando
 [14][27] [22]
- Nota: no modo subjuntivo, pref. relativos ==> pref. pessoais
64. ∅ - ayme - ta amē ∅ - etarã - ŋ^{We} e?i
 3 afiado fut daí 3 parente coletivo disse
 [4] [4]
65. karamoe remē yane amē o - inū - ta yíi amē
 antigamente quando alguém daí 3 fazer fut machado daí
 [22] [14]
66. takuru yíi taywīŋ^{We} o - eru rewamū te
 pedra machado antepassado 3 trazer porque destaque
 [14]
- ni - ya - inū - y yíi
 neg lpi fazer neg machado
 [13]

Tradução livre:

Antigamente nosso antepassado encontrou o macaco caiarara quando ele atravessou o rio. 2-3 Daí ele o viu, e foi encontrá-lo.

4 Daí de repente o macaco caiarara saiu na beira do rio.

5 Daí o antepassado saiu para encontrá-lo. 6 Ele ia matá-lo.

7 Daí ele ia flechá-lo.

8 Então o macaco caiarara disse para ele:

-- O que é isso, meu neto? ele perguntou. 9 - Tu não vais me flechar? disse. 10 Será que tu não queres um machado? perguntou para o antepassado, o macaco caiarara perguntou.

11 -- Eu não vou te flechar, vovô, respondeu o antepassado então. 12 - Só estou olhando para ti, disse. 13 - Vamos para que tu tragas um machado, disse para ele.

14 Então ele o levou. 15 O macaco caiarara foi por cima. 16 O antepassado foi por baixo.

17 Daí: -- Um bicho não vai me comer? perguntou o antepassado.

18 -- Não, respondeu o macaco caiarara. 19 - Não tem bichos, ele disse.

20 -- Uma onça não vai me comer? perguntou nosso antepassado.

21 -- Não, respondeu o macaco caiarara.

22 Daí ele o levou. 23 Ele parou várias vezes (para dormir) quando ia.

24 Daí depois disso ele chegou no lugar do machado. 25 Mas não era machado de verdade. 26 Era um machado de pedra.

27 Daí ele disse: -- Aqui está o machado, meu neto, disse o macaco caiarara. 28 -- Onde você vai ficar, meu neto? perguntou ao antepassado.

29 Então, o macaco caiarara disse:

-- Aqui não tem machado verdadeiro, meu neto, ele disse. 30 -
Só machado de pedra, disse. 31 - O machado verdadeiro está mais
adiante! disse. 32 - Qual querias? perguntou.

33 Daí o antepassado respondeu,

-- Este, disse. 34 - Quero este, disse.

35 Daí o macaco caiarara disse:

-- Mas esse não é machado de verdade. 36 É só machado de pedra,
disse. 37 - Perto daqui tem machados afiados! disse.

38 Daí depois disso o macaco caiarara disse:

-- Vamos voltar afinal, meu neto, disse. 39 - Eu vou agora para
minha terra afinal, disse o macaco caiarara. 40 - Minha terra fica
longe daqui, disse. 41 Naquele lugar tem machado de verdade! disse.
42 Não queres ir comigo? perguntou, - Para aquele lugar?

44 Entrementes seus parentes disseram:

-- Uma onça o comeu, disseram.

45 Seus parentes não sabiam que ele tinha ido com o macaco.

46 Daí chegou naquele lugar.

47 -- Volte agora, meu neto, disse o macaco caiarara para ele.

48 Então o macaco caiarara também estava voltando.

49 Daí o antepassado chegou em casa.

50 -- Trouxe um machado, disse. 51 - O macaco caiarara me
levou, disse. 52 - Para o lugar de machados, disse.

53 -- Tá, disseram seus parentes.

54 Porém o machado não era afiado, porque era só machado de
pedra.

55 Daí depois disso eles fizeram o cabo. 56 Imitaram-no. 57
Esse não derrubou árvores porque não era machado de verdade.

58 Daí depois disso eles fizeram machado de pedra. 59-60
Fizeram-no como aquele. 61 Porém não estava bom. 62 Não derrubava
árvores porque não era afiado.

63 -- É um machado, ele disse quando o trouxe.

64 -- Então deve estar afiado, disseram seus parentes.

65 Antigamente a gente ia fazer machados. 66 Porém, como o
antepassado só trazia machado de pedra, não sabemos fazer machado
verdadeiro.

67 Por isso não sabemos fazer machado de verdade, porque o nosso
antepassado não o trouxe. 68 Foi só machado de pedra que ele trouxe.

69 Foi assim antigamente quando o nosso antepassado foi com o
macaco. 70 Ele foi longe. 71 Voltou depois de muito tempo. 72
Assim foi com nosso antepassado.

73 Fim.

Erekoawer

Minha Vida

Escrito por Mikutu

Dialeto do Amapari

1. a - ?a †pa - yowar - † - pe
ls. nascer lago coceira em
[9] [2.III.3][17]
2. aya - ire mamã e - moßiya
disso depois mamaẽ ls criar
3. ayaire a - yo ike - r - upi
disso depois ls vir aqui por
[9] [5]
4. koo a - inũ ike - r - upi
roça ls fazer aqui por
[9] [5]
5. a - yi - mo - ena miyã
ls refl caus lugar estado anterior
[9] [2] [26]
6. a - yi - sirí a - a
ls refl ir=embora ls ir
[9] [2] [9]
7. aya pa - ire ra?i a - posiko a?e - pe
disso completivo depois primeiro ls trabalhar aquele em
[9] [17]
8. pe?i te ra?i a - posiko
um destaque primeiro ls trabalhar
[9]
9. aya pa - ire a - yißi a - yo
disso compl. depois ls voltar ls vir
[9] [9]
10. a - yi - mo - ena ena ike
ls refl caus lugar red2 aqui
[9] [2] [26] [40]
11. a - a ra?i a - mayã itu - wasu pe
ls ir primeiro ls passear cachoeira grande em
[9] [9] [28] [17]

12. ike a - pita pita
 aqui ls ficar red2
 [9] [40]

Tradução

1 Eu nasci na aldeia Lago-que-dã-coceira. 2 Depois, mamãe me criou.

3 Depois, vim por aqui. 4 Fiz um roça por aqui. 5. Eu me estabeleci por enquanto. 6 Eu fui embora.

7 Primeiro, depois de tudo isso, eu trabalhei. 8 Trabalhei só um pouquinho primeiro. 9 Depois de tudo isso, eu voltei.

10 Eu me estabeleci aqui. 11 Primeiro eu fui passear em Cachoeira Grande. 12. Eu fiquei aqui repetidamente.

Bibliografia

- Aaron, Edna. 1972. "Guarani pedagogical grammar". Arquivado no Summer Institute of Linguistics (Brasília), na Fundação Nacional do Índio (Brasília) e no Museu Nacional (Rio de Janeiro).
- Almeida, Antônio, Irmãzinhas de Jesus e Luís Gouvea de Paula. 1983. A língua tapirapé. Biblioteca Reprográfica Xerox. Rio de Janeiro: Xerox.
- Barbosa, Pe. A. Lemos. 1970. Pequeno vocabulário Português - Tupi. Rio de Janeiro: Livraria São José.
- Bendor-Samuel, David. 1972. Hierarchical structures in Guajajára. Norman: Summer Institute of Linguistics.
- Bendor-Samuel, David (ed.). 1971. Tupí studies I. Norman: Summer Institute of Linguistics.
- Betts, La Vera D. 1981. Dicionário Parintintín - Português
Português - Parintintín. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Boudin, Max H. 1978. Dicionário de Tupi moderno (dialeto Tembê - Ténêtâhar do alto rio Gurupi). 2 vols. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas.

- Brandon, Frank R. e L. Seki. 1981a. "Uma nota sobre a natureza do COMP em lingüística universal." Estudos Lingüísticos IV:288-300. Araraquara.
- Brandon, Frank R. e L. Seki. 1981b. "Interrogativos e complimentizadores em línguas Tupí". Estudos Lingüísticos V:107-114. São Paulo.
- Brandon, Frank R. e Lucy Seki. 1981c. "Para uma abordagem diacrônica da interrogação em Tupí". Comunicação ao VI Encontro Nacional de Lingüística, Rio de Janeiro.
- Bynon, Theodora. 1977. Historical linguistics. London: Cambridge University Press.
- Coudreau, Henri. 1892. Vocabulaires méthodiques des langues Ouyana, Aparai, Oyampí, Emerillon. Paris: Bibliothèque Linguistique Américaine.
- Dobson, Rose. 1973. "Notas sobre substantivos do Kayabí". Série Lingüística I:30-56. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Dobson, Rose e Helga Weiss. 1975. "Morphophonemics in Kayabí". Arquivado no Summer Institute of Linguistics (Brasília), na Fundação Nacional do Índio (Brasília) e no Museu Nacional (Rio de Janeiro).

- Dooley, Robert A. 1976. "Nasalization in Guaraní". Arquivado no Summer Institute of Linguistics (Brasília) e na Fundação Nacional do Índio (Brasília).
- Dooley, Robert A. 1982. Vocabulário do Guaraní. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Gallois, Dominique. 1980. Contribuição ao estudo do povoamento indígena da Guiana Brasileira, um caso específico: os Waiãpi. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Gallois, Dominique. 1982. "Os Waiãpi e seu território". Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série: Antropologia 80. Belém.
- Grenand, Françoise. 1975. La langue Wayãpi: phonologie et grammaire. Paris: Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales.
- Grenand, Pierre. 1975. Introduction a l'étude de l'univers Wayãpi. Paris: Ecole des Hautes Études en Sciences Sociales.
- Harrison, Carl. 1964. "Formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativas preliminares nas línguas indígenas brasileiras: Kamayurá". Arquivado no Summer Institute of Linguistics (Brasília), na Fundação Nacional do Índio (Brasília) e no Museu Nacional (Rio de Janeiro).
- Harrison, Carl. 1975. Gramática asuriní. Série Lingüística IV. Brasília: Summer Institute of Linguistics.

- Harrison, Carl. 1977. "A forma lingüística de uma teoria folclórica dos Kamaiurás". Arquivos de Anatomia e Antropologia II:81-98. Rio de Janeiro.
- Harrison, Carl e Carole. 1977. "Formulário padrão Tupí: Guajajára". Arquivado no Summer Institute of Linguistics (Brasília), na Fundação Nacional do Índio (Brasília) e no Museu Nacional (Rio de Janeiro).
- Harrison, Carl. 1983. "Typological disharmony and ergativity in Guajajára". Work Papers of the Summer Institute of Linguistics, University of North Dakota 27:73-106.
- Hoeller, Alfredo. 1932a. Grammatik Guarayo-Sprache. Guarayos e Hall in Tirol: Verlag de Missionsprokura de P. P. Franziskaner.
- Hoeller, Alfredo. 1932b. Guarayo-Deutsches Wörterbuch Guarayos e Hall in Tirol: Verlag de Missionsprokura de P. P. Franziskaner.
- Hopper, Janice H., ed. 1967. Indians of Brazil in the twentieth century. ICR Studies 2. Washington, D.C.: Institute for Cross-Cultural Research.
- Hyman, Larry M. 1975. Phonology: theory and analysis. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Jensen, Allen. 1979. "Ritmo, Acentuação e Intonação em Oiampí", inédito.

- Jensen, Cheryl. 1979. "O desenvolvimento fonológico da língua Oiampí", inédito.
- Jensen, Cheryl. 1981. "Formulário padrão Tupí: Oiampí". Arquivado no Summer Institute of Linguistics (Brasília), na Fundação Nacional do Índio (Brasília) e na Universidade Estadual de Campinas (Campinas).
- Jensen, Cheryl. 1983. "Algumas conseqüências morfológicas do desenvolvimento fonológico da língua Wayapí (Oiampí)". Estudos Lingüísticos VII:16-25. São Paulo.
- Kakumasu, James. 1968. "Urubu Phonology". Arquivado no Summer Institute of Linguistics (Brasília) e na Fundação Nacional do Índio (Brasília).
- Kakumasu, James Y. e Kiyoko Kakumasu. 1977. "Dicionário por tópicos, Urubú - Português". Arquivado no Summer Institute of Linguistics (Brasília), na Fundação Nacional do Índio (Brasília) e no Museu Nacional (Rio de Janeiro).
- Kakumasu, James Y. 1977. "Formulário padrão Tupí: Urubú". Arquivado no Summer Institute of Linguistics (Brasília), na Fundação Nacional do Índio (Brasília) e no Museu Nacional (Rio de Janeiro).
- Leite, Yonne. 1977. Aspectos da fonologia e morfofonologia Tapirapé. Lingüística VIII. Rio de Janeiro: Museu Nacional.

- Lemle, Miriam. 1971. "Internal classification of the Tupí-Guaraní linguistic family". Tupi Studies I (D. Bendor-Samuel, ed.) 107-129. Norman: Summer Institute of Linguistics.
- Metraux, A. 1927. "Migrations historiques des tupi-guaraní". Journal de la Société des Américanistes de Paris, n.s. 19:1-45.
- Montserrat, Ruth Maria Fonini. 1976. Prefixos pessoais em Aweti. Linguística III. Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- Moura, Pedro de. 1932. "Dialecto dos índios Oyampis do alto Rio Oyapoc". Revista do Instituto do Instituto Histórico-Geográfico do Pará 7:219-222. Belém.
- Newton, Dennis. 1977. "Guarayu Discourse". Cochabamba: Institute of Linguistics.
- Nicholson, Velda. 1977. "Formulário padrão Tupí: Assuriní". Arquivado no Summer Institute of Linguistics (Brasília), na Fundação Nacional do Índio (Brasília) e na Museu Nacional (Rio de Janeiro).
- Nicholson, Velda. 1978. Aspectos da língua Assuriní. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Nimuendaju, Curt. 1981. Mapa Etno-Histórico. Rio de Janeiro: IBGE.

- Olson, Gary. Textos Oiampí, inédito.
- Olson, Gary. 1975. "Formulário dos vocabulários padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas brasileiras, para a língua Oiampí". Arquivado no Summer Institute of Linguistics (Brasília), na Fundação Nacional do Índio (Brasília) e no Museu Nacional (Rio de Janeiro).
- Olson, Gary. 1978. Descrição preliminar de orações Wajapí. Ensaio Lingüísticos 3. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Olson, Roberta. 1978. Dicionário por tópicos nas línguas Oiampí (Wajapí) - Português. Ensaio Lingüísticos 2. Brasília: Summer Institute of Linguistics.
- Ricardo, Carlos Alberto (coordenador). 1983. Povos indígenas no Brasil, vol. 3. São Paulo: CEDI.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1953. "Morfologia do verbo Tupí". Letras, 1:121-152. Curitiba.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1971. "Línguas ameríndias". Grande Enciclopédia Delta-Larousse: 4034-4036. Rio de Janeiro: Delta.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1978. "O sistema pessoal do Tupinambá". Estudos de Lingüística 1:167-174. Belo Horizonte.

- Rodrigues, Aryon Dall'Igna. 1981. "Estrutura do Tupinambã", inédito.
- Rodrigues, Aryon D. 1983. "Evidência Tupi-Guaraní para *pw > kw". Estudos Lingüísticos VII:1-9. São Paulo.
- Rodrigues, Aryon D. 1983. "Relações internas na família lingüística Tupi-Guaraní", inédito.
- Rondon, Cândido Mariano da Silva e João Barbosa de Faria. 1948. "Glossário geral das tribos silvícolas de Mato-Grosso e outras da Amazônia e do Norte do Brasil". Conselho Nacional de Proteção aos Índios. Rio de Janeiro.
- Ruiz de Montoya, Antonio. 1939. Tesoro de la lengua Guaraní. Madri.
- Ruiz de Montoya, Antonio. 1640. Arte y Bocabulário de la Lengua Guaraní. Madri.
- Ruiz de Montoya, Antonio e Paulo Restivo. 1892. Arte de la lengua Guaraní. Stuttgartiae.
- Schuchard, Barbara. 1979. Nande ñe, gramática Guaraní para castellano hablantes. Santa Cruz de la Sierra.
- Seki, Lucy. 1976. "O Kamaiurá: língua de estrutura ativa". Língua e Literatura 5:217-227. São Paulo: Universidade de São Paulo.

- Seki, Lucy. 1979. "A forma circunstancial em Kamaiurá".
Comunicação ao XXI Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do
Estado de São Paulo, São Paulo.
- Seki, Lucy. 1982. "Marcadores de pessoa do verbo Kamaiurá".
Cadernos de Estudos Lingüísticos 3:22-41. Campinas.
- Seki, Lucy. 1983. "A reduplicação em Kamaiurá e Tupinambá".
Comunicação ao VIII Encontro Nacional de Lingüística, Rio de
Janeiro.
- Tatevin, C. 1910. La langue tapĩhiya, dite tupĩ ou ñeẽngatu (belle
langue): grammaire, dictionnaire et textes. Viena: Alfred
Hölder.
- Taylor, Audrey. 1963. "Gramática pedagógica da língua Kaiwá".
Arquivado no Summer Institute of Linguistics (Brasília), na
Fundação Nacional do Índio (Brasília) e no Museu Nacional (Rio de
Janeiro).
- Taylor, John and Audrey. 1966. "Statement of Kaiwá grammar from
clause to morpheme level". Arquivado no Summer Institute of
Linguistics (Brasília), na Fundação Nacional do Índio (Brasília) e
no Museu Nacional (Rio de Janeiro).
- Weiss, Helga. 1972. "Kayabi verbs". Arquivado no Summer Institute
of Linguistics (Brasília), na Fundação Nacional do Índio
(Brasília) e na Universidade Estadual de Campinas (Campinas).